

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes

Daniela Cristina Ayala Lacerda

CRUZEIROS DE MARTÍRIOS: programa iconográfico em Minas Gerais

Belo Horizonte

2023

Daniela Cristina Ayala Lacerda

CRUZEIROS DE MARTÍRIOS: programa iconográfico em Minas Gerais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Artes.

Área de concentração: Artes

Linha de Pesquisa: Preservação do Patrimônio Cultural

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Regina Emery Quites

Belo Horizonte

2023

Ficha catalográfica
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

704.948098151 Ayala Lacerda, Daniela, 1983-
A973c Cruzeiros de martírios [recurso eletrônico] : programa iconográfico
2023 em Minas Gerais / Daniela Cristina Ayala Lacerda. – 2023.
1 recurso online.

Orientadora: Maria Regina Emery Quites.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Belas Artes.

Inclui bibliografia.

1. Arte sacra – Minas Gerais – Teses. 2. Simbolismo na arte –
Teses. 3. Martírio – Teses. 4. Jesus Cristo – Paixão – Teses. 5. Arte
sacra – Conservação e restauração – Teses. 6. Patrimônio cultural –
Proteção – Teses. I. Quites, Maria Regina Emery, 1958- II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO / PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinatura da Banca Examinadora na Defesa de Dissertação da aluna **DANIELA CRISTINA AYALA LACERDA**
- Número de Registro - **2020680518**.

Título: **“CRUZEIROS DE MARTÍRIOS: programa iconográfico em Minas Gerais”**

Profa. Dra. Maria Regina Emery Quites – Orientadora – EBA/UFMG

Profa. Dra. Ana Cláudia Vasconcellos Magalhães – Titular – IPHAN

Profa. Dra. Isis de Melo Molinari Antunes – Titular – Universidade Federal do Pará

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Regina Emery Quites, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 09/03/2023, às 18:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cláudia Vasconcellos Magalhaes, Usuário Externo**, em 10/03/2023, às 17:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isis de Melo Molinari Antunes, Usuária Externa**, em 03/05/2023, às 07:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana de Lima e Muniz, Coordenador(a)**, em 03/05/2023, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2126469** e o código CRC **E0D3B395**.

*Aos meus amores, Iolanda, João Paulo,
Mamãe, Papai e Gordinha.*

AGRADECIMENTOS

A Deus e ao Mestre Jesus, muito obrigada por estarem sempre iluminando a minha caminhada!

A Professora Maria Regina Emery Quites, minha eterna gratidão por ter me aceitado como orientanda e por me conduzir com toda a sua competência, generosidade e paciência. Agradeço também pela amizade, incentivo e disponibilidade de sempre.

Aos membros da banca, Ana Cláudia Vasconcellos Magalhães, Isis de Melo Molinari Antunes e Lia Sipaúba Proença Brusadin.

Aos amigos da diretoria do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira – CEIB, em especial a Professora Emérita da Escola de Belas Artes, Beatriz Coelho. Beatriz, muito obrigada pelos livros emprestados e pelo incentivo.

Aos professores e funcionários do PPG Artes da Escola de Belas Artes da UFMG, em especial a Natalia Arruda, que esteve sempre tão disposta a me ajudar, propondo as melhores soluções.

Aos funcionários das Bibliotecas da Escola de Arquitetura e da Escola de Belas Artes, em especial ao Rodrigo Roiê Bicalho Bahia, pelo atendimento, paciência e boa vontade.

A minha revisora, Alexsandra Gomes Rosa.

Aos meus amigos Aziz Pedrosa, Júlio César e Tiago Cunha, pelas discussões e trocas valiosas, que de certa maneira contribuíram para esta pesquisa.

Aos grandes amigos, Polyana, Flávia, Michelle, Tatiana, Christian, Dedé e Rafael pela amizade de uma vida e compreensão das minhas ausências.

À minha Família.

À minha Mamãe, ao meu Papai e a minha Irmã, sem o apoio e incentivo incondicional de vocês, nada disso seria possível. Sou muito grata por fazer parte da nossa Família.

A Iolanda, que apesar de ainda não saber, me incentiva a ser uma pessoa melhor a cada dia.

Ao João Paulo, por sempre estar ao meu lado em todas as minhas escolhas. Muito obrigada! A vida tem sido mais leve com você ao meu lado.

E por fim, agradeço a todos que participaram e contribuíram de alguma forma na construção deste trabalho, muito obrigada!

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (Rosa, 1956, p. 293).

RESUMO

A pesquisa analisa os Cruzeiros dos Martírios em Minas Gerais fazendo um recorte naqueles considerados os mais emblemáticos no circuito da Estrada Real. Justificamos esta pesquisa diante da invisibilidade desses bens, com total ausência de referências na arte sacra no estado. A metodologia usada teve início com a pesquisa nos inventários institucionais, para em seguida fazer a documentação e análise in loco de 15 cruzeiros. Após o levantamento, foram executadas análises iconográficas, técnicas e materiais, bem como pesquisa histórica em torno de suas origens e relações estabelecidas com as edificações em torno. Realizamos uma planilha de caráter comparativo para determinar resultados iniciais. Como resultados até o momento encontramos estes cruzeiros com predominância junto às igrejas de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e Santo Antônio. Ao todo foram apontados 47 símbolos diferentes nos cruzeiros e destacamos os mais recorrentes: cálice, coroa de espinhos, cravos, escada, galo, lança, martelo, pano branco, placa (INRI), torquês, túnica e vara com esponja. A reunião dos símbolos dos Martírios tem origem medieval, sendo chamada de Arma Christi, que significa Armas de Cristo ou instrumentos da Paixão de Cristo. Ao longo da história são representados em pinturas, esculturas, manuscritos e outros suportes e materiais, sendo reconhecidos universalmente. Os cruzeiros de martírio de grande dimensão são feitos em madeira, material menos nobre e com sua preservação ameaçada, são pouco investigados e merecem urgentemente sua valorização como patrimônio cultural, importante por seus valores identitários em Minas Gerais.

Palavras-chave: Cruzeiro de martírio; Arma Christi; calvário; iconografia; simbologia.

ABSTRACT

The research analyzes the Cruzeiros de Martírio in Minas Gerais, focusing on those considered the most emblematic on the Estrada Real circuit. We justify this research on the invisibility of these objects, with a total absence of references in sacred art in the state. The methodology used started with a survey of institutional inventories, followed by documentation and on-site analysis of 15 crosses. After the survey, iconographic, technical and material analyzes were carried out, as well as historical research around its origins and established relationships with the surrounding buildings. We performed a comparative worksheet to determinate initial results. As a result so far we have found these crosses predominantly next to the churches of Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês and Santo Antônio. In all, 47 different symbols were pointed out on the crosses and we highlight the most recurrent ones: chalice, crown of thorns, carnations, dice, ladder, rooster, spear, hammer, white cloth, plate (INRI), pincers, tunic and sponge stick. The meeting of the symbols of the Martyrs has a medieval origin and is called Arma Christi, which means Weapons of Christ or instruments of the Passion of Christ. Throughout history it has been represented in paintings, sculptures, manuscripts and other material supports, being universally recognized. The large scale martyrdom crosses are made of wood, a less noble material and with their preservation threatened, are little investigated and urgently deserve to be valued as a regional heritage, important for their identity values in Minas Gerais.

Keywords: Martyrdom cruise; Arma Christi; calvary; iconography; symbology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cruzeiros de Martírios levantados <i>in loco</i>	19
Figura 2 - Representação do símbolo TAU	23
Figura 3 - Representação do símbolo ANKH.....	23
Figura 4 -Tipos de Cruz.....	26
Figura 5 - Cruz Latina e Cruz do Calvário	27
Figura 6 - Alminha (Rebordondo-Chaves/Portugal)	30
Figura 7 - Cruzeiro – Praça de São Francisco (São Cristovão/Sergipe).....	32
Figura 8 - Cruzeiro de Pedra	33
Figura 9 - Detalhe dos Cravos	33
Figura 10 - Caminhos da Estrada Real	38
Figura 11 - Caminho dos Diamantes	39
Figura 12 - Localização do Cruzeiro	40
Figura 13 - Cruzeiro adro da Capela de Nossa Senhora da Conceição	41
Figura 14 - Localização do Cruzeiro	42
Figura 15 - Cruzeiro Rua Rio Grande	43
Figura 16 - Localização do Cruzeiro	44
Figura 17 - Cruzeiro adro da Capela do Nosso Senhor dos Passos.....	45
Figura 18 - Localização do Cruzeiro	46
Figura 19 - Cruzeiro adro da Igreja Matriz de São Gonçalo	47
Figura 20 - Localização do Cruzeiro	48
Figura 21- Cruzeiro praça em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário	49
Figura 22 - Localização do Cruzeiro	50
Figura 23 - Cruzeiro praça localizada na Rua Sinal	51
Figura 24 - Caminho Novo.....	52
Figura 25 - Localização do Cruzeiro	53
Figura 26 - Cruzeiro ao lado do adro da Igreja Matriz de Santo Antônio	54
Figura 27 - Localização do Cruzeiro	55
Figura 28 - Cruzeiro largo da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré.....	56
Figura 29 - Caminho Velho.....	57
Figura 30 - Localização do Cruzeiro	58
Figura 31- Cruzeiro adro da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França	59
Figura 32 - Localização do Cruzeiro	60
Figura 33 - Cruzeiro adro da Igreja de Nossa Senhora das Mercês	61
Figura 34 - Localização do Cruzeiro	62
Figura 35 - Cruzeiro Morro da Forca	63
Figura 36 - Localização do Cruzeiro	64
Figura 37 - Cruzeiro adro da Capela de São Francisco de Paula	65
Figura 38 - Caminho do Sabarabuçu	66
Figura 39 - Localização do Cruzeiro	67
Figura 40 - Cruzeiro adro da Casa de Cultura Nair Mendes Moreira	68
Figura 41 - Localização do Cruzeiro	69
Figura 42 - Cruzeiro adro da Capela de Nossa Senhora do Rosário	70
Figura 43 - Localização do Cruzeiro	71
Figura 44 - Cruzeiro Praça das Mercês	72
Figura 45 - Cruzeiros de Martírios	73
Figura 46 - Cruzeiro em pedra (final do século XIX)	74
Figura 47 - Cruzeiro em pedra (1896).....	75
Figura 48 - Cruzeiro em pedra (1920).....	75

Figura 49 - Cruzeiro em Pedra atualmente	76
Figura 50 – Símbolos da Paixão -Detalhes da base com símbolos (visão dos 4 lados)	76
Figura 51 - Cruzeiros de Martírios (materiais).....	78
Figura 52 – Narrativa dos Passos da Paixão de Cristo x símbolos identificados	80
Figura 53 - Armas da Paixão e Ressureição – Livro de Horas.....	82
Figura 54 - Homem das Dores com instrumentos da Paixão (Lorenzo Monaco)	83
Figura 55 - O Juízo Final (Forro da Catedral Velha de Salamanca/Espanha).....	84
Figura 56 - O Juízo Mosaico – Batistério de Florença	85
Figura 57 - O Juízo Final – Capela Sistina (Michelangelo Buonarroti).....	86
Figura 58 - Ponte Sant’Angelo (Roma).....	87
Figura 59 - Anjo com os flagelos	87
Figura 60 - Anjo com a coluna da flagelação	88
Figura 61 - Anjo com a coroa de espinhos	88
Figura 62 - Anjo com o véu de Verônica	89
Figura 63 - Anjo com as vestes de Cristo e os dados	89
Figura 64 - Anjo com os cravos	90
Figura 65 - Anjo com a placa de Pilatos (INRI).....	90
Figura 66 - Anjo com a cruz.....	91
Figura 67 - Anjo com a esponja.....	91
Figura 68 - Anjo com a lança	92
Figura 69 - Missa de São Gregório (Livro de Horas - anônimo / século XVI).....	93
Figura 70 - Vista geral do Conjunto dos Passos (Congonhas/MG).....	13
Figura 71 - Pinturas de João Nepomuceno e Castro, na capela-mor Santuário de Congonhas	96
Figura 72 - Cartela do Passo da Ceia.....	97
Figura 73 - Passo da Ceia	97
Figura 74 - Cartela do Passo do Horto	98
Figura 75 - Passo do Horto	98
Figura 76 - Cartela do Passo da Prisão	99
Figura 77 - Passo da Prisão.....	100
Figura 78 - Cartela do Passo da Flagelação e Coroação de Espinhos	101
Figura 79 - Passo da Flagelação e Coroação de Espinhos (cena da flagelação)	101
Figura 80 - Passo da Flagelação e Coroação de Espinhos (cena da coroação)	102
Figura 81 - Cartela do Passo da Cruz-às-Costas.....	103
Figura 82 - Passo da Cruz-às-Costas	103
Figura 83 - Cartela do Passo da Crucificação.....	104
Figura 84 - Passo da Crucificação	104
Figura 85 - Passo da Crucificação (detalhe 1).....	105
Figura 86 - Passo da Crucificação (Soldados lançam a sorte - detalhe 2).....	105
Figura 87 - Passo da Crucificação (O mau e o bom ladrão - detalhe 3).....	106
Figura 88 – Cruzeiros de Martírios (atributos mais frequentes).....	115
Figura 89 - Cruzeiros raros	116
Figura 90 - Cruzeiros de Martírios (atributos raros).....	0
Figura 91 - Fluxograma para compreensão da metodologia	112
Figura 92 – Alabarda (Serro) - Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	113
Figura 93 – Cálice (São Gonçalo do Rio Abaixo).....	114
Figura 94 - Lanterna (São Gonçalo do Rio Abaixo)	115
Figura 95 - Cana (Prados - Vitorino Veloso)	116
Figura 96 - Coluna (São João del Rei)	117
Figura 97 - Coroa de Espinhos (Tiradentes).....	118
Figura 98 - Espada e Punhal (Datas)	119

Figura 99 – Estandarte (São Gonçalo do Rio Abaixo)	120
Figura 100 - Facão (Serro).....	120
Figura 101 - Galo (Ouro Preto - Glaura)	121
Figura 102 - Hóstia (Datas)	122
Figura 103 - Palmatória (Serro).....	123
Figura 104 - Jarro e Bacia (Ouro Branco)	124
Figura 105 - Mão (Diamantina).....	125
Figura 106 - Palma (Diamantina)	125
Figura 107 - Placa (São Gonçalo do Rio Abaixo)	126
Figura 108 - Saco de Judas (Ouro Branco).....	127
Figura 109 - Caveira e Tíbia (São Gonçalo do Rio Abaixo).....	128
Figura 110 - Cravos (São Gonçalo do Rio Abaixo)	129
Figura 111 - Lança (São Gonçalo do Rio Abaixo).....	130
Figura 112 - Martelo (São Gonçalo do Rio Abaixo).....	131
Figura 113 - Pano de Verônica (Diamantina).....	132
Figura 114 - Vara com esponja (São Gonçalo do Rio Abaixo).....	133
Figura 115 - Dados (São Gonçalo do Rio Abaixo)	134
Figura 116 - Escada (Ouro Preto - Cachoeira do Campo).....	135
Figura 117 - Pano Branco (Diamantina).....	136
Figura 118 - Túnica (São Gonçalo do Rio Abaixo).....	137
Figura 119 - Torquês (Ouro Preto - Cachoeira do Campo).....	137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Quantidade identificada de atributos nos Cruzeiros de Martírios	108
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS

CF/88	Constituição Federal de 1988
DPHAN	Diretoria do Patrimônio Histórico
IEPHA	Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico
INRI	Jesus Nazareno, Rei dos Judeus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PPCM	Política de Patrimônio Cultural Material
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CRUZ, CRUCIFIXO, CRUZEIRO E CRUZEIRO DE MARTÍRIO	21
2.1	Cruz, Crucifixo e Cruzeiro.....	21
2.2	Cruzeiros de Martírios em Minas Gerais	34
2.2.1	A Estrada Real	36
2.2.2	Os caminhos da Estrada Real e os Cruzeiros de Martírios.....	39
3	PROGRAMA ICONOGRÁFICO DOS CRUZEIROS DE MARTÍRIOS EM MINAS GERAIS	79
3.1	Arma Christi	79
3.2	Paixão de Cristo	94
3.3	Pesquisa de campo e análise de dados	106
3.4	Símbolos, Representações e seus significados	112
3.4.1	Antes da Crucificação.....	112
3.4.2	Crucificação.....	127
3.4.3	Após a Crucificação.....	133
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
	REFERÊNCIAS	143

1 INTRODUÇÃO

Um bem patrimonial é aquele produzido pela cultura, assim, o termo bem cultural, na prática, se aplica àqueles bens culturais escolhidos para preservação. Assim Carsalade define:

Bem (cultural patrimonial) é a unidade de preservação do Patrimônio Cultural. O bem, como indivíduo, é a substância concreta da coisa dotada de significado patrimonial e que integra o rol do patrimônio coletivo, herança selecionada por um povo para o referenciar e constituir o conjunto que atravessa a temporalidade de suas gerações (Carsalade, 2015, p. 2).

No Brasil, a Diretoria do Patrimônio Histórico (DPHAN), através do Decreto-lei 25 de 1937, institui a proteção do patrimônio cultural nacional, ainda com a visão patrimonial exclusivamente material. O artigo 1º, do referido decreto, determina que constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o “conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (BRASIL, 1937, cap. I, art. 1).

O conceito de bem cultural aparece no primeiro tratado internacional, a Convenção da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization¹ (UNESCO) sobre a proteção de bens culturais em 1954. A definição se encontra no Artigo 1º da “Convenção da Haia para a Proteção dos Bens Culturais em Caso de Conflito Armado” e considera como Bens Culturais, qualquer que seja sua origem ou seu proprietário, os **a) Bens Móveis ou Imóveis** que apresentem uma grande importância para o bem cultural dos povos; os **b) Edifícios** cujo objetivo principal seja conservar ou expor os bens móveis; e os **c) Centros Monumentais** que possuem número considerável dos itens anteriores (UNESCO, 1954, cap. I, art. 1).

Dessa forma, os Bens Imóveis seriam os edifícios, sítios e conjuntos urbanos, ou como define a UNESCO na Recomendação de Paris de novembro de 1968:

[...] Bens imóveis, como os sítios arqueológicos, históricos ou científicos, edificações ou outros elementos de valor histórico, científico, artístico ou arquitetônico, religiosos ou seculares, incluídos os conjuntos tradicionais, os bairros históricos das zonas urbanas e rurais e os vestígios de civilizações anteriores que possuam valor etnológico (UNESCO, 1968 *apud* Carsalade, 2015, p. 24).

¹ Tradução: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

Os Bens Móveis também são definidos na Recomendação de Paris de 1968, sendo aqueles que são encontrados dentro dos bens imóveis, na superfície ou enterrados em sítios arqueológicos:

Bem Cultural Móvel – em contraponto ao imóvel, formado do acervo arquitetônico, urbanístico e natural de especial interesse – é relativamente recente sob essa designação. Isso não significa que os bens que o constituem não tenham, séculos afora, sido preservados. Sob denominações diversas como arte erudita, semierudita, aplicada, popular; equipamento doméstico, profissional e rural; implementos de culto, cerimônias, lazer e do cotidiano; [...] A abrangência do que se considera hoje como bem cultural móvel é enorme. Tudo que registrou um estágio social, do conceber ao fazer do homem, manufaturado, semi-industrializado ou já industrializado, peça ou documento de qualquer espécie, manuscrito ou impresso, é testemunho de época, que viveu uma realidade e acerca dela é um depoimento vivo. O conjunto desses bens, em geral mais sensíveis às mutações sociais, econômicas e do gosto do que a arquitetura, é que forma o patrimônio cultural móvel de um país ou uma região. Identifica-o, em confronto com o dos vizinhos, porque fruto de uma conjuntura particular que o gerou, portanto de um significado profundo para o povo que o produziu (Costa, 2002, p. 291 *apud* Carsalade, 2015, p. 25).

Os Bens Integrados é uma tentativa de relacionar os bens imóveis e móveis.

[...] bens integrados, que assim chamamos pelo fato de, por origem, integrarem-se ao corpo de uma arquitetura de tal forma que seu deslocamento provoca extração, violação, contra essa ligação íntima (pinturas de forro ou murais, retábulos ou fragmentos de talha, nichos embutidos, lavabos, painéis de azulejos etc.) e que, uma vez desgarrados das paredes ou dos forros para que com fins utilitários ou de ornamentação foram executados, passam a enriquecer coleções ou museus; constituindo-se desde então em peças autônomas com privilégios de bens móveis, embora por sua natureza não cheguem a sê-los de fato (Costa, 2002, p. 293 *apud* Carsalade, 2015, p. 25).

A UNESCO, na Convenção de Paris de 1970, determinou novas divisões na classificação de Bens Culturais incluindo dez itens, e em 1972, também em Paris, a UNESCO faz a Convenção do Patrimônio Mundial com o objetivo de incentivar a preservação dos bens Culturais e Naturais considerados significativos para a humanidade.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 (CF/88), no artigo 216, define o que seriam bens culturais, incluindo além dos **bens materiais**, os **bens imateriais**, individualmente ou em conjunto e portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem 5 itens:

- I as formas de expressão;
- II os modos de criar, fazer e viver;
- III as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Brasil, [Constituição Federal, (1988)], cap. III, seção II, art. 216).

Segundo Carsalade, o conceito de “patrimônio imaterial”, ainda não tinha evoluído, mas era necessária uma categorização entre os bens materiais, o que gerou “uma classificação meio mista entre sua natureza e sua ‘mobilidade’ – *bens móveis e imóveis* – e, mais recentemente, *bens integrados*” (Carsalade, 2015, p. 24).

Neste trabalho sobre os Cruzeiros de Martírios temos interesse em classificar este patrimônio em Minas Gerais e buscamos através de várias fontes conceitos que nos levariam a uma discussão sobre a natureza destes bens. No entanto, o Dicionário do “Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)” de Patrimônio Cultural possui com muita clareza estas definições, que em suma é dividida em duas categorias, Bem Material: “possui significado na materialidade” e Bem Imaterial: “só se materializam quando evocados” (Carsalade, 2015, p. 23).

Definidos os Bens Culturais Materiais pela UNESCO, nos resta o conceito de Bem Imaterial. Em Paris, no ano de 2003, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, define para os fins da presente Convenção:

1. Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2003, cap. I, art. 2).

De acordo com Carsalade (2015, p. 26), “a Constituição Brasileira de 1988 possibilitou ao IPHAN a instituição do Decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui a Proteção do Patrimônio Imaterial Nacional, instituindo quatro livros de registro dos Bens”: **Saberes** - conhecimentos e modos de fazer enraizado no cotidiano das comunidades; **Celebrações** - rituais e festas que marcam vivência coletiva, religiosidade, entretenimento e outras práticas da vida social; **Formas de Expressão** - manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

e **Lugares** - mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. Podendo ainda serem criados quantos livros forem necessários.

Segundo Kátia Bogéa (2018), da mesma forma que o Patrimônio Imaterial, o Patrimônio Material vem passando por uma grande revisão crítica, aprimorando suas práticas. Assim como no Patrimônio Imaterial, foi produzida a Política de Patrimônio Cultural Material (PPCM), instruída pela Portaria IPHAN nº375 de 19 de setembro de 2018. Este documento guia a realização de ações e processos de identificação, reconhecimento, proteção, normatização, autorização, licenciamento, fiscalização, monitoramento, conservação, interpretação, promoção, difusão e educação patrimonial relacionados à dimensão material do Patrimônio Cultural.

A Política de Patrimônio Cultural Material (PPCM) reúne princípios, premissas, objetivos, procedimentos e conceitos que visam à proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro de natureza material. Esses elementos foram moldados e adaptados ao longo das décadas, refletindo a evolução constante desse patrimônio.

Os fundamentos da PPCM são sintetizados em 18 princípios: da Humanização, da Indissociabilidade, da Resignificação, da Colaboração, da Responsabilidade Compartilhada, da Participação Ativa, da Autuação em Rede, da Integração, do Desenvolvimento Sustentável, do Direito à Cidade, do Acesso Equitativo, da Prevenção, da Preservação, da Reparação, do Respeito às Diversidades locais e regionais, da transversalidade, do Direito à Informação e do Direito ao Controle Social.

Esses princípios não têm a finalidade de definir o que é ou não patrimônio material. Eles estão relacionados ao que a política de preservação deve evocar. Os critérios, na verdade, devem ser aplicados na preservação do bem.

Ao aplicarmos os princípios estabelecidos pela Política de Patrimônio Cultural Material aos Cruzeiros de Martírios, selecionamos dois deles que podem ser aplicados na preservação do nosso objeto de pesquisa. São eles: o **Princípio da Indissociabilidade** (que impede a separação entre os bens culturais materiais e as comunidades que os têm como referência) e o **Princípio da Resignificação** (que envolve a atribuição de novos significados ao Patrimônio Cultural Material). Ao abordarmos a categorização dos Cruzeiros de Martírios, não resta dúvida de que eles se enquadram no conjunto de objetos da cultura material.

No entanto, analisando as classificações existentes no âmbito de Bem Cultural Material, podemos ficar em dúvida se, diante de uma classificação necessária, o nosso objeto de pesquisa se enquadraria na categoria de Bem Material Imóvel ou de Bem Integrado. Nos inventários

existentes, previamente consultados, os cruzeiros são definidos como Bem Imóvel. Todavia, há várias possibilidades de análise e discussões, quando levantamos a hipótese do cruzeiro ser um bem imóvel, instalado frontalmente a uma capela, ainda que possa ser transportado para outro lugar. Será que eles podem ser ressignificados em relação a seus registros do passado?

Além da ressignificação de um bem ainda muito pouco estudado, indubitavelmente o princípio da indissociabilidade é pertinente, pois além de sua materialidade este bem possui um valor para a comunidade que é detentora deste objeto de pesquisa. Muitas pessoas podem ainda não ter conhecimento do que este bem significou para seus devotos que os construíram há séculos passados, ou a própria memória oral não preservou esses bens, mas de toda forma, há um reconhecimento de que este bem possui uma importância para a identidade daquele povo.

Este projeto de pesquisa aborda os Cruzeiros de Martírios em Minas Gerais, tema relevante e muito pouco explorado no âmbito das artes, da história, arquitetura e principalmente da preservação do patrimônio cultural. Desta forma, entender o significado e a função destes bens é o primeiro passo para sua valorização, divulgação e reconhecimento como parte da identidade do povo mineiro.

O objetivo geral deste trabalho é efetuar análises dos Cruzeiros de Martírios, a partir de seus vários significados no contexto material, nas sociedades mineiras dos séculos XVIII e XIX. Dentre os objetivos específicos estudamos os vários cruzeiros selecionados buscando compreender sua localização relacionada com as igrejas e/ou adros a que pertencem ou onde foram inseridos no mapa urbano. Determinar quais são os símbolos dos martírios que fazem parte dos cruzeiros, seu significado e origens no contexto da Paixão de Cristo.

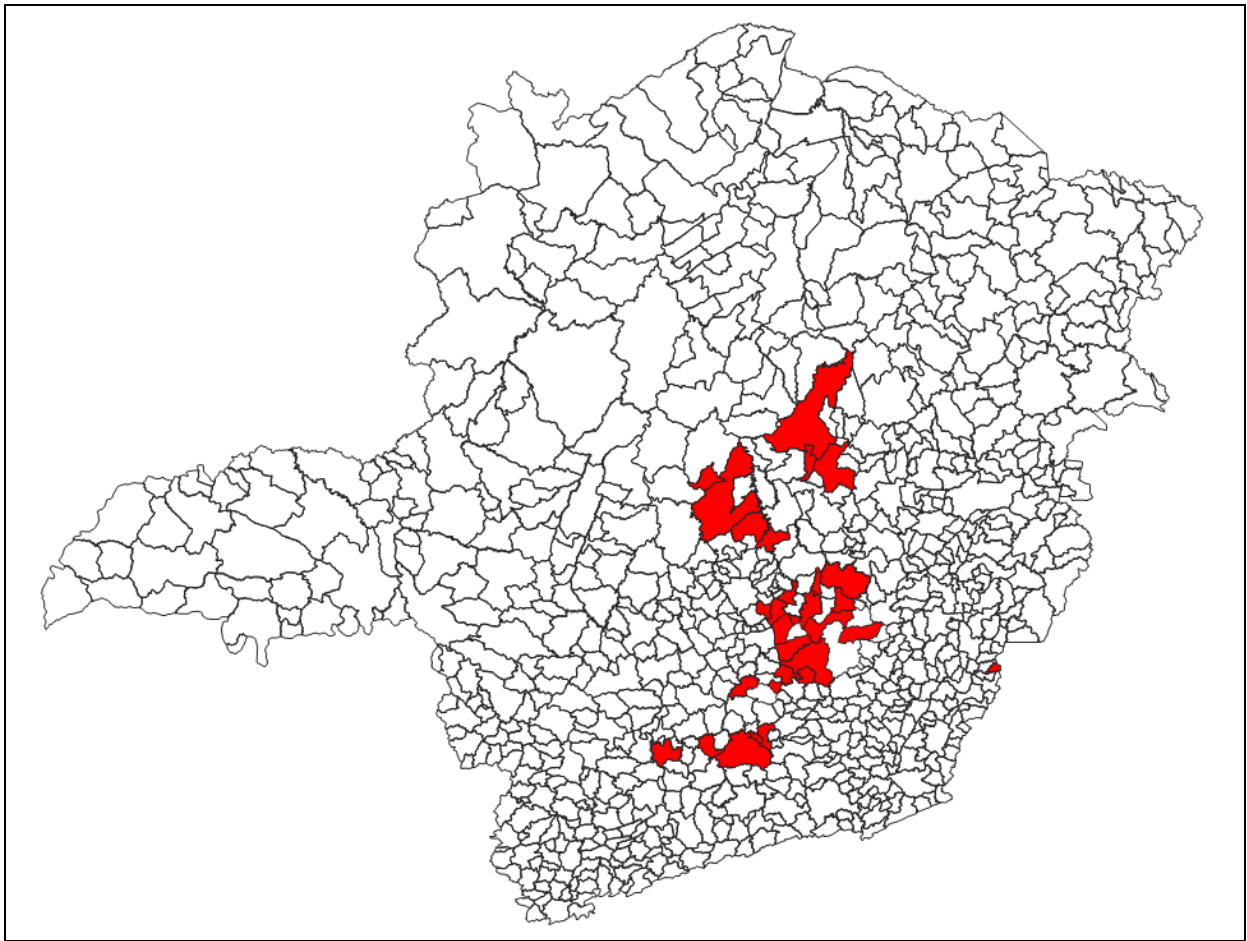
A metodologia utilizada tem como base, em primeiro lugar, a consulta aos inventários do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA) e das Secretarias Municipais de Cultura. Realizamos uma busca abrangente nos exemplares mais importantes ou significativos dentro do Estado de Minas Gerais. Selecionamos aqueles que representam diferentes regiões geográficas e, em seguida, delimitamos nossa escolha utilizando o percurso da Estrada Real como referência.

Numa segunda etapa, definimos a partir do roteiro estabelecido, aqueles que possuíam a completude dos elementos como critério, considerando que há exemplares de cruzeiros que possuem dissociação de seus elementos.

Foram levantados *in loco*, 43 Cruzeiros de Martírios, Figura 1, nos seguintes municípios e distritos: Alto Caparaó, Alvinópolis (saída sentido Dom Silvério), Belo Horizonte, BR 135 – trevo de Curvelo, Caeté, Congonhas (Alto Maranhão), Contagem, Cordisburgo, Curvelo, Datas, Desterro de Entre Rios, Diamantina, Itabira (Distrito de Serra dos Alves), Itabirito, Jequitibá,

Lavras, Morro da Garça, Nazareno, Nova Lima e Distrito de São Sebastião das Águas Claras, Nova União, Ouro Branco e distrito de Itatiaia, Ouro Preto e distritos de Cachoeira do Campo, Glaura, Lavras Novas e Santa Rita de Ouro Preto, Prados (distrito de Vitorino Veloso/Bichinho), Raposos, Santa Bárbara (Distrito de Brumal), Santa Luzia (Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas e sede), São Brás do Suaçuí, São Gonçalo do Rio Abaixo e distrito de Santa Rita de Pacas, São João del Rei (Bairro Dom Bosco, Largo da Cruz, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Morro da Forca e Paróquia Senhor Bom Jesus do Monte), Serro e Tiradentes.

Figura 1 - Cruzeiros de Martírios levantados *in loco*



Fonte: Geoescrita, com adaptações da autora, 2023.

Nestes quarenta e três cruzeiros estudamos modelos, possíveis tipologias, bem como características da técnica construtiva do bem em toda sua tridimensionalidade. Foi elaborado um Banco de Dados utilizando planilhas de *Excel* para coleta dos dados relacionados.

Outra perspectiva estudada sobre os Cruzeiros de Martírios foi determinar quais são os símbolos dos Martírios que fazem parte dos cruzeiros, seu significado no contexto da Paixão de Cristo, fazendo uma análise deste programa iconográfico. Houve também uma preocupação de pesquisar a origem destas representações através da história da arte cristã.

Durante a pesquisa do mestrado buscamos fazer uma revisão da literatura nacional procurando referências sobre os Cruzeiros de Martírios, em Minas Gerais e no Brasil. Importante salientar que não existem estudos relacionados, nem nos autores clássicos da história da arte brasileira e da arquitetura, nem tampouco pesquisas recentes. Este é um resultado pertinente de ser analisado e discutido. Por que nunca mereceram sequer uma monografia? Ou, por que não encontramos referências no meio acadêmico?

Nomes como Benedito Lima de Toledo (1934 - 2019) em capítulo da “História Geral da Arte no Brasil”; Germain Bazin (1901 - 1990) em “A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil”, volumes 1 e 2; John Bury (1917 - 2017) em “Arquitetura e Arte no Brasil Colonial”; Eduardo Etzel (1906 - 2003) em “Arte Sacra Popular Brasileira: Conceito, Exemplo, Evolução”; Affonso Avila (1928 - 2012), até citam presença de cruzeiros. No entanto, nenhum deles mencionam especificamente os Cruzeiros com Martírios. Benedito Lima de Toledo (1983) e Germain Bazin (1956) ao descreverem sobre os franciscanos no Brasil, citam os cruzeiros de pedra presentes nos adros dos conventos.

No capítulo dois abordamos os conceitos de Cruz, Crucifixo, Cruzeiro, Cruzeiro de Martírios, buscando definições que interligassem estes objetos e seus significados. Dos 36 Cruzeiros de Martírios, selecionamos 15 cruzeiros na rota da estrada real em Minas Gerais, bem como características materiais e técnicas.

O capítulo três está voltado para a busca de um programa iconográfico dos Cruzeiros de Martírios em Minas Gerais, incluindo as ligações existentes entre as representações do *Arma Christi* e as suas simbologias através da arte cristã. Apresentamos também um diálogo entre a “Via Sacra”, “Passos da Paixão” e os “Cruzeiros de Martírios” analisando elementos que se cruzam por meio da representação da “Paixão de Cristo”.

2 CRUZ, CRUCIFIXO, CRUZEIRO E CRUZEIRO DE MARTÍRIO

A cruz, o crucifixo, o cruzeiro e o cruzeiro do martírio são elementos que transcendem suas manifestações físicas, emergindo como símbolos carregados de significado em diversas tradições culturais e religiosas. Cada um possui uma riqueza intrínseca de simbolismo, conectando a narrativas históricas e espirituais que ecoam através dos séculos. A cruz, como símbolo central do Cristianismo, representa a crucificação de Jesus Cristo e os princípios fundamentais da fé cristã. O crucifixo, por sua vez, adiciona uma dimensão visual e devocional à cruz, incorporando a imagem de Cristo crucificado. Os cruzeiros, muitas vezes presentes nas paisagens e tradições culturais, variam em forma e propósito, desde representações geográficas até marcadores de devoção. Já os Cruzeiros de Martírios, particularmente, são artefatos únicos, evidenciando uma expressão distintiva da devoção religiosa através de seus programas iconográficos específicos. Este capítulo busca destacar a diversidade e a importância cultural desses elementos.

2.1 Cruz, Crucifixo e Cruzeiro

No “Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”, pode-se verificar que o termo “cruz” possui a seguinte definição: “1) Antigo instrumento de suplício, constituído por dois madeiros, um atravessado no outro, em que amarravam ou pregavam os condenados à morte. 2) O madeiro em que foi pregado Jesus Cristo. 3) A paixão e morte de Cristo. 4) Símbolo da redenção para os cristãos” (Ferreira, 2010, p. 618).

O termo corresponde ao grego “σταυρός (stauros), estaca, cruz; σταυρώ (stauroō), pendurar numa cruz, crucificar; ανασταυρώ (anastauroō), crucificar; συσταυρώ (systauroo), crucificar com; κρεμάννυμι (kremannymi), enforcar” (Coenen, 2000, p. 477).

A cruz ocupava um espaço contundente e expressivo nos povos que dela faziam uso como instrumento de tortura e morte. O apóstolo Paulo ressignifica a cruz como expressão máxima do amor de Deus. “Numa visão de fé, a cruz ultrapassa os limites humanos. Para o apóstolo, a cruz significava salvação, poder e sabedoria de Deus.” (Casagrande, 2013, p. 7). Com a morte de Cristo na cruz, o significado antes instrumento de tortura e morte, se transforma em sinal de salvação e redenção.

A cruz é elemento necessário na vida humana como experiência de salvação. Não é possível tirar a cruz do cristão. O cristianismo seria inviável sem a cruz. O Redentor sofreu em lugar do homem, e em favor do homem e o sofrer com Cristo, na vida do cristão, é completar no próprio corpo o que está faltando à paixão do Senhor (Casagrande, 2013, p. 7).

Apesar de possuir uma definição como instrumento de suplício, pode ser também considerada como instrumento de devoção, sendo um símbolo universal e com diversos significados que habitam o inconsciente coletivo da humanidade.

A cruz nos remete aos primeiros séculos do cristianismo, onde se procurava cristianizar todos os locais e monumentos pagãos, transformando-a no símbolo utilizado para levar adiante o processo de cristianização.

No século IV, mais precisamente em 313, o governador do Império Romano, Constantino I, usou a cristandade como base de sustentação para o seu império. Com esse gesto, o imperador pôs fim às perseguições contra dos cristãos e abriu o caminho para que essa fé se tornasse a religião oficial do Império Romano. A partir do Imperador Constantino I, a cruz se torna um elemento simbólico dos cristãos, sendo ele o primeiro imperador romano a professar o cristianismo. Neste contexto a cruz aumenta a sua presença, mas é um símbolo sempre associado às religiões do todo o mundo e presente em diversas culturas.

Segundo a tradição, na noite anterior à Batalha da Ponte Mílvia (28 de outubro de 312), o imperador Constantino sonhou com uma cruz, e nela estava escrito, em latim, *in hoc signo vinces* (sob este símbolo vencerás). De manhã, pouco tempo antes da batalha, exigiu que pintassem uma cruz nos escudos dos soldados e conseguiu a vitória esmagadora sobre o inimigo, atribuindo a vitória ao Deus cristão.

A cruz existe desde o início da História, ela é um símbolo universal e com múltiplos sentidos. É uma forma geométrica elementar, como também são o círculo, o quadrado e o triângulo. As formas primárias sempre existiram e devido a esta ancestralidade habitam o inconsciente coletivo da humanidade. Aparecem na iconografia das mais diversas civilizações [...] (Abrantes, 2011, p. 8).

Para os cristãos da Idade Média, a cruz representava a árvore da vida. A figura geométrica das duas hastes se tornou o sinal mais divulgado da piedade cristã, o mais conhecido do cristianismo, o mais usado nos atos do culto. De acordo com Azzi (1993), analisada sob a ótica popular, a cruz se apresenta, principalmente, como um instrumento de devoção.

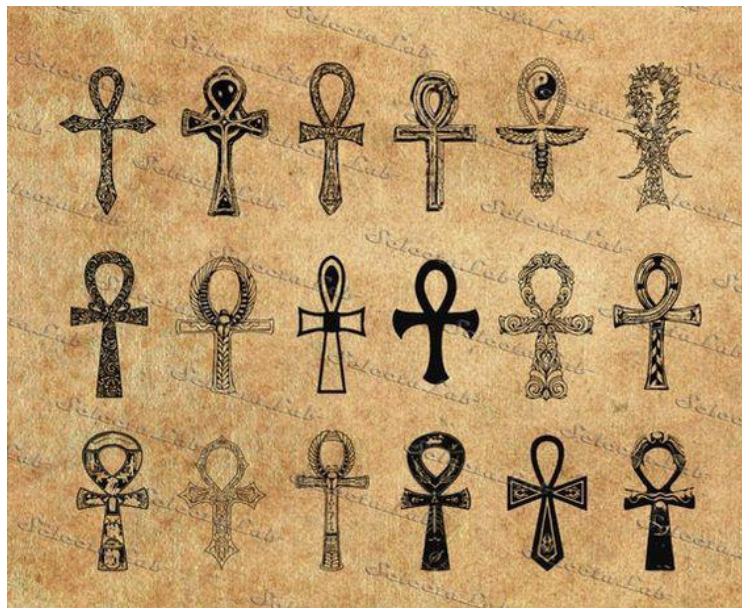
A cruz é uma forma geométrica elementar, como também são o círculo, o quadrado e o triângulo. Para os chineses, a cruz significa universalidade e plenitude. Segundo os hebreus, representada pelo sinal “TAU”, ver Figura 2, significa a chegada à meta final. Já para os egípcios, conhecida por “ANKH”, ver Figura 3, consistia num hieróglifo com o sentido de vida, presença constante nas tumbas, por garantir a imortalidade.

Figura 2 - Representação do símbolo TAU



Fonte: Gladys [...], c2021.

Figura 3 - Representação do símbolo ANKH



Fonte: Pinterest, 2022.

O cristianismo não inventou a cruz, mas é na sua representação iconográfica que a variedade de formas atinge seu esplendor. Existem diversos modelos que podem se agrupar a partir de características temáticas, formais e por funções diferenciadas como: cruz da árvore, triunfal, escatológica, processional, da Paixão, cruz alçada, de Santo André, de Santo Antônio, entre outras. Temos também as que pertencem ao imaginário heráldico como a de Malta, Lorena e as de comunidades como rosa-cruz e a suástica entre tantas outras (

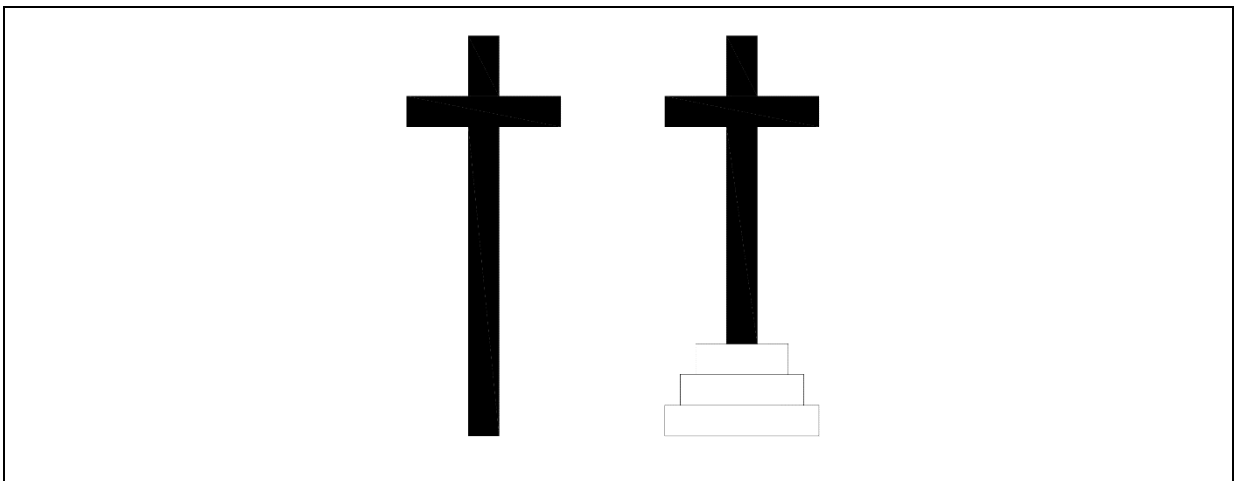
Figura 4). No geral, podemos destacar a cruz latina (braços desiguais), segundo Heinz-Mohr (1994, p. 124) seria a cruz da paixão (*crux immissa*), e a grega (braços iguais).

A cruz com um braço transversal é a do Evangelho. Seus quatro braços simbolizam os quatro elementos que foram viciados na natureza humana, o conjunto da humanidade atraída para o Cristo dos quatro cantos do mundo, as virtudes da alma humana. O pé da cruz enterrado no chão significa a fé assentada em profundas fundações. O ramo superior da cruz indica a esperança que sobe para o céu; a envergadura da cruz é a caridade que se estende aos inimigos; o comprimento da cruz é perseverança até o fim. A cruz grega de quatro braços iguais, pode inscrever-se num quadrado. A cruz latina divide desigualmente o madeiro vertical segundo as dimensões do homem de pé, com os braços estendidos, e só pode ser inscrita num retângulo. Uma é idealizada, a outra é realista (Chevalier, Gheerbrant, 2016, p. 310).

significados, o mais reconhecido do ponto de vista da cultura ocidental é o símbolo da fé cristã e do cristianismo.

A cruz latina (*crux immissa* em latim) é a mais comum das cruzes. Ela era um instrumento de condenação, tortura e morte durante um período do Império Romano. Ela nos recorda o supremo sacrifício de Jesus Cristo pelo mundo. Tradicionalmente ela simboliza a crucificação, no entanto, também nos lembra a ressurreição e a esperança da vida eterna. Temos também a cruz do calvário - cruz latina, firmada sobre três degraus que representa a subida de Jesus ao Calvário. Os três degraus podem também simbolizar a fé, a esperança e o amor (Bíblia, 2015, 1Co. 13-13). Todos os cruzeiros estudados são no formato da cruz latina (Figura 5).

Figura 5 - Cruz Latina e Cruz do Calvário



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Crucifixo é a representação visual ou simbólica de Jesus Cristo na cruz. Essa representação é comumente encontrada na iconografia cristã e pode variar em forma e estilo, mas geralmente inclui a figura de Cristo crucificado em uma cruz.

Crucifixo, cruz com o corpo de N. Senhor pendurado. A mais antiga representação existente da crucificação, atribui-se ao V e a mais antiga cruz com N. Senhor, ao VI século. Depois de Gregório Magno (f 604) representava-se a Jesus vivo na cruz como vencedor, e no IX século como rei, com púrpura e diadema, interpretando assim as palavras da Escritura: “Dizei às nações que o Senhor reinou.” (SI 95, 10). A forma hoje geralmente adotada (Jesus sofrendo e morrendo) é preferida, principalmente, depois da renascença. Colocar uma coroa de espinhos na cabeça de Jesus moribundo data apenas do fim da idade média, ao passo que a inscrição (título da cruz) era sempre usada, ou em grego, ou em latim, ou mesmo em três línguas. A indicação da chaga do lado encontra-se desde o X século (Röwer, 1947, p. 80).

O Crucifixo é composto por três partes: peanha ou base, a cruz e o Crucificado, que é a representação humana do Cristo na cruz, presente na iconografia a partir do século V. Assim, quando a cruz é representada com a figura do Cristo, recebe o nome de crucifixo. O crucifixo concebe o “elemento iconográfico mais importante, e o único obrigatório, pois representa e rememora a Paixão de Cristo e sua vitória sobre a morte. Jesus teve existência histórica, a divindade se fez carne: Em razão disso o corpo humano de Jesus Cristo pode ser representado” (Zilles, 1990, p. 87). E seguindo a linha de pensamento de Campos:

A cruz revela-nos um Deus transcendente, mas próximo; um Deus que quis vencer o mal com sua própria dor; um Cristo que é juiz e Senhor e, ao mesmo tempo, servo que quis entregar-se totalmente; imagem plástica do amor e da condescendência de Deus; um Cristo que, em sua páscoa-morte e ressurreição, deu ao mundo a reconciliação e a nova aliança entre a humanidade e Deus (Campos, 2015, p. 2, grifo nosso).

O Crucifixo, ou o Crucificado, é a representação humana do Cristo pregado à sua cruz, que está presente na iconografia cristã, desde o século V até o século XI, representado de olhos abertos. A partir desta data passa a ser representado também com os olhos fechados, morto e com a cabeça pendente.

A cruz, ao longo da história, emergiu como um símbolo multifacetado que transcende seu papel original como um instrumento de tortura e execução. Em diversos contextos culturais, religiosos e simbólicos, ela adquiriu significados variados, influenciando não apenas as práticas religiosas. Originária de seu uso como um método romano de punição, a cruz evoluiu para se tornar um ícone central na iconografia cristã, representando a crucificação de Jesus Cristo e os princípios fundamentais do Cristianismo.

Em sua dualidade simbólica e histórica, a cruz e o cruzeiro desempenham papéis significativos em diversas esferas culturais, religiosas e geográficas. Enquanto a cruz, há séculos, mantém sua proeminência como um símbolo central na iconografia cristã, representando a crucificação de Jesus Cristo, o cruzeiro, por sua vez, pode assumir diferentes significados em variados contextos. Geograficamente, por exemplo, o cruzeiro pode ser um ponto de orientação.

Afonso Ávila no seu tradicional “Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação” traz uma definição bem genérica sobre cruzeiro:

1. Grande cruz, erguida nos ADROS, cemitérios, largos, praças, etc. Alguns cruzeiros apresentam a forma conhecida como "Cruz dos Martírios", que traz os instrumentos do suplício de Cristo. 2. A parte da igreja compreendida entre a CAPELA-MOR e a NAVE central (Ávila; Gontijo; Machado; 1979, p. 34).

Assim, como Bluteau no Vocabulário Portuguez e Latino: “Cruzeiro. uma grande Cruz de pedra, como as que se põem nas estradas, ou em praças públicas” (Bluteau, 1712, p. 624).

Dessa maneira surgem os cruzeiros associados à cruz cristã (cruz latina), se constituindo como símbolos da crença de uma comunidade. “Os Cruzeiros são marcas para lembrar a fundação de cidades, construção de igrejas e pregação de missões” (Poel, 2013, p. 280).

Segundo Santos (2017), no relato publicado pelo viajante inglês Richard Burton, no Brasil Colonial, bastava erguer um cruzeiro no topo de um morro para se fundar uma cidade.

Os cumes da montanha mineira acolheram, desde a chegada das primeiras bandeiras e o alvorecer do ciclo do ouro, o cruzeiro que sugere bençãos e proteção para os que passam e os que ficam. Cruz que traduz a convergência de pessoas que se instalariam em fazendas ou iriam criar um aglomerado urbano (Burton, 1867, *apud* Santos, 2017, p. 3).

Santos (2017) nos fala sobre as muitas vilas, hoje cidades, que surgiram desta forma, como por exemplo Mariana (1696) e Ouro Preto (1698) cuja fundação se assinalou com a celebração de missas ao pé de cruzes levantadas na praia do Ribeirão do Carmo e no topo do Morro de São João do Ouro Fino. Os Cruzeiros de Martírios mais comuns de se encontrar em Minas Gerais são os de madeira.

Os cruzeiros são considerados patrimônio religioso e se apresentam, normalmente, constituídos por uma cruz de madeira, sendo que geralmente a cruz que os compõem é de forma latina, Figura 5 – estruturas constituídas por duas hastes cruzadas – uma vertical e a outro horizontal. A peça vertical (*stipes*) é fixada a uma base, sendo que há estruturas que podem estar diretamente assentadas no terreno e a peça horizontal (*patibulum*) móvel, se encaixa na haste vertical. Os cruzeiros se assumem como monumentos que estão associados geralmente a caminhos ou inseridos em vias que conduzem a local de importância religiosa (como um santuário ou capela).

Estes elementos patrimoniais se distinguem por assumirem uma funcionalidade múltipla. Segundo o pesquisador português Flávio Gonçalves os cruzeiros surgiram primeiro que as alminhas², Figura 6, e sua função se altera conforme os lugares que ocupam no território. Como, por exemplo, “os que sagram os sítios considerados perigosos para os viajantes [...]; já os que dominam os campos e os protegem; os que recordam epidemias ou recordam acontecimentos históricos; os que indicam o local de uma morte violenta (desastre, crime pedem

² Segundo Jorge Torres, as alminhas são elementos constituídos por um nicho, encimado por uma cruz.[...] nesse nicho, geralmente é colocado uma representação das almas do Purgatório ou de um santo (Vieira, 2019, p. 26).

orações de sufrágio [...]” (Gonçalves, 1959, *apud* Vieira, 2019). Seguindo o pensamento de Vieira:

As primeiras cruzes, em madeira e os primeiros cruzeiros em pedra, terão tido a primária função de marcar território substituindo os vestígios das marcas do paganismo, destacando-se, como uma tentativa de apagar as antigas práticas. Flávio Gonçalves refere ainda que pelo facto das cruzes primitivas terem sido em madeira, material perene, e, apesar dos cruzeiros de pedra datarem de época mais avançada (Idade Média), não há registos arqueológicos que possam comprovar o aparecimento das cruzes logo após a interrupção dos monumentos pagãos, o que, por conseguinte, justificará algumas leituras erróneas acerca da génese deste e de outro Património similar, como as alminhas. Os cruzeiros que chegam aos nossos dias tendem a ser interpretados como símbolos da jurisdição paroquial (Vieira, 2019, p. 46).

Figura 6 - Alminha (Rebordondo-Chaves/Portugal)



Fonte: Ribeiro, [c2023].

Os cruzeiros estão instalados em caminhos, nas praças, no alto dos montes, perto das povoações ou isolados, no adro de igrejas, ou em encruzilhadas, praças, cemitérios. Eles constituem o espírito popular³ da devoção religiosa. Os cruzeiros dos adros das igrejas tinham como fim santificar esses espaços. Já os que se localizam nas encruzilhadas, tinham como

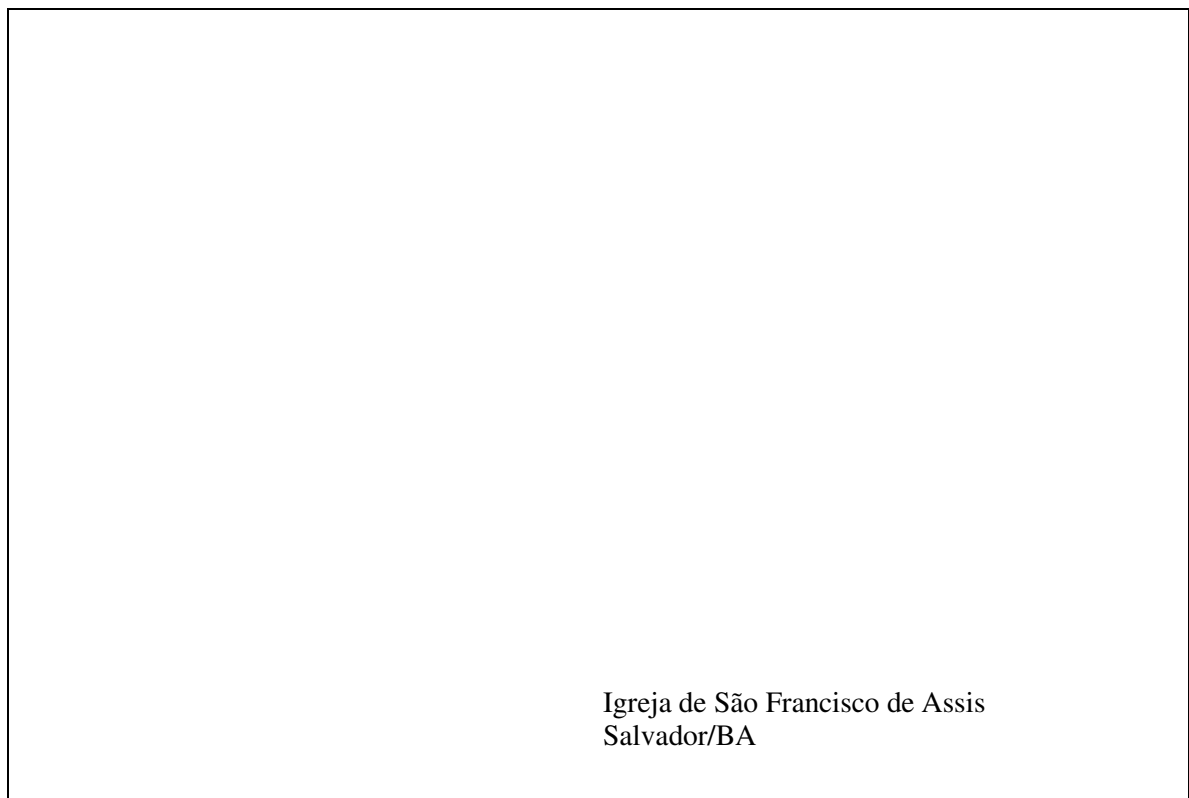
³ O termo popular é utilizado para determinar as práticas religiosas não instituídas pelo Concílio de Trento, mas comum à vivência cotidiana.

função cristianizar um local entendido como maléfico pelo povo. De acordo com Azzi (1993), as cruzeiras em encruzilhadas, tem significado na cultura céltica:

No norte de Portugal, onde foi grande a influência da cultura céltica, difundiu-se a crença nas almas penadas, ou seja, almas errantes em busca de paz procurando, geralmente que satisfizesse por elas promessas não cumpridas ao longo da vida terrena. [...] Essa devoção de cunho rural foi trazida também para o Brasil. Daí o costume da ereção de cruzeiros nas encruzilhadas das estradas, e sua designação como “cruz das almas” (Azzi, 1993, p. 145).

Pelo Brasil, principalmente ao longo do litoral nordestino, encontramos belos cruzeiros em pedra como o da Praça de São Francisco, Figura 7, localizado a frente do Convento e Igreja de São Francisco (São Cristovão/Sergipe) e o da praça frontal à igreja de São Francisco (Salvador/Bahia) (

Figura 8 e **Erro! Fonte de referência não encontrada.**). O cruzeiro em pedra de Salvador, possui elementos fitomorfos e três cravos cruzados que fazem alusão a paixão de



Cristo.

Figura 7 - Cruzeiro – Praça de São Francisco (São Cristovão/Sergipe)



Fonte: Schneider, 2005.

Figura 8 - Cruzeiro de Pedra

Fonte: Fotografado por Alex Salim, 2009.⁴



Igreja de São Francisco de Assis
Salvador/BA

Figura 9 - Detalhe dos Cravos



Cruzeiro de Pedra
Igreja de São Francisco de Assis
Salvador/BA

Fonte: Fotografado por Alex Salim, 2009.⁵

⁴ Todas as fotografias de Alex Salim foram enviadas por ele, diretamente para a autora, através de e-mail.

⁵ Todas as fotografias de Fernando Ribeiro foram enviadas por ele através de e-mail, diretamente para a autora.

Bazin (1956) enfatiza que o culto franciscano pela Paixão os levou a colocar, diante do frontispício, uma grande cruz que servia às procissões da via-sacra, especialmente durante a Semana Santa.

Segundo o Dicionário Bluteau (1712): do século XVIII, a cruz é uma haste atravessada por outra, quase no alto, com um braço para cada lado, como se vê nos crucifixos, onde padeceu Jesus, então o crucifixo é a imagem do Cristo crucificado. E o CRUZEIRO é uma grande cruz que se arvora nos adros das igrejas.

2.2 Cruzeiros de Martírios em Minas Gerais

Da representação do Cristo Crucificado para os Cruzeiros de Martírios há uma grande diferença, desaparece a figura do Cristo humano, para surgir uma cruz carregada de todo o simbolismo da Paixão de Cristo.

Das poucas referências sobre os “Cruzeiros de Martírios”, Bohrer (2004) afirma que são muito lembrados como importantes símbolos da religiosidade popular, como um objeto de respeito e veneração dos cristãos as suas crenças. Sobre isso, declara:

A cruz dos martírios de Casa Branca⁶ é das mais comuns que se encontram em Minas. Este curioso cruzeiro de madeira, onde os martírios estão pregados, é demonstrativo da devoção popular e de como a representação da Paixão tomou vulto no setecentos e oitocentos, atingindo – apesar de irmandade como a do Senhor dos Passos congregarem membros de maior poder econômico – representantes de classes sociais menos favorecidas cujo sofrimento de Cristo despertava sentimentos piedosos (Bohrer, 2004, p. 25).

Carvalho (2006) também se refere aos cruzeiros no século XVIII em Minas Gerais sustentando que:

[...] era comum colocar cruzeiros nas pontes e cruzeiros nos pontos mais altos das cidades. Normalmente, o cruzeiro era decorado com símbolos do martírio de Cristo. Com isso, acreditava-se que se espantavam os maus espíritos e assombrações que teimavam em insuflar brigas e confusões nas áreas de garimpo [...] (Carvalho, 2006, p. 3).

Desta forma, para definirmos o que seriam os Cruzeiros de Martírios, estabelecemos que são grandes cruzeiros enfeitadas com os instrumentos da Paixão⁷ de Cristo.

⁶ Glaura, antiga Freguesia Santo Antônio da Casa Branca do Ouro Preto.

⁷ Poel (2013) no Dicionário da Religiosidade Popular apresenta o seguinte significado para o verbete INSTRUMENTOS DA PAIXÃO I Chamados tb. *ferramentas da paixão* ou *martírios*. – Instrumentos usados durante a paixão e morte de Jesus. O principal é a **cruz**. Os demais são: a lança de São Longuinho, o martelo,

Estudamos 43 Cruzeiros de Martírios em Minas Gerais, **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, nos seguintes municípios e distritos: Alto Caparaó, Alvinópolis (saída sentido Dom Silvério), Belo Horizonte, BR 135 – trevo de Curvelo, Caeté, Congonhas (Alto Maranhão), Contagem, Cordisburgo, Curvelo, Datas, Desterro de Entre Rios, Diamantina, Itabira (distrito de Serra dos Alves), Itabirito, Jequitibá, Lavras, Morro da Garça, Nazareno, Nova Lima e distrito de São Sebastião das Águas Claras, Nova União, Ouro Branco e distrito de Itatiaia, Ouro Preto e distritos de Cachoeira do Campo, Glaura, Lavras Novas e Santa Rita de Ouro Preto, Prados (distrito de Vitorino Veloso/Bichinho), Raposos, Santa Bárbara (distrito de Brumal), Santa Luzia (Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas e sede), São Brás do Suaçuí, São Gonçalo do Rio Abaixo e distrito de Santa Rita de Pacas, São João del Rei (Bairro Dom Bosco, Largo da Cruz, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Morro da Forca e Paróquia Senhor Bom Jesus do Monte), Serro e Tiradentes. Todos de grande porte e suporte em madeira.

Como marcos de fé, os cruzeiros fazem parte da paisagem humanizada, marcando locais e áreas de acontecimentos individuais (alegres ou de morte) ou públicos, seja histórico ou religioso. Nesse sentido, passam a fazer parte da história de vida de um lugar e se entrelaçam na paisagem e na cultura da população. Os cruzeiros estudados se encontram em algumas praças, caminhos, no meio da povoação, nos cruzamentos de caminhos ou nos adros das igrejas, ressaltando seu grande porte e suporte de madeira.

três cravos, o torquês, a coroa de espinhos, uma escada, uma vara com esponja para o fel e vinagre, a coluna e um açoite, o galo de São Pedro, o cálice da amargura, a caveira de Adão, um coração, duas mãos e dois pés com as chagas, o pano da Verônica, a lanterna de Malco, a túnica de Jesus e três dados. Alguns contam sete martírios; outros chegam a 25. – No séc. XIV, quando surgiu a devoção para com os sofrimentos de Jesus, aparecem os primeiros desenhos do Cristo crucificado e morto (Homem das Dores), rodeado pelos instrumentos da paixão. Na igreja da Santa Cruz, em Roma, os instrumentos da paixão ficavam expostos como relíquias e eram venerados, chamados as “armas de Cristo”. Com efeito, havia em algumas igrejas escudos, pintados, cada um com um dos instrumentos, como se fossem troféus de vitória sobre a morte. Na idade média, durante a quaresma, entre o povo e o presbitério era colocada uma cortina de linho branco, que trazia desenhados os instrumentos da paixão e era chamada “pano da fome”. Muitas pinturas mostram anjos carregando os instrumentos. – Entre nós, os instrumentos da paixão aparecem esculpidos em frontarias de igrejas, em talhas de altar e em gravuras de santinhos; Sob o nome de sete martírios são levados na procissão do enterro na sexta-feira santa. O cruzeiro que exhibe os instrumentos da paixão é chamado de cruz dos martírios. – A devoção ao menino Jesus cercado dos instrumentos da paixão surgiu na Idade Média e popularizou-se sobretudo no séc. XVII. Segundo uma lenda popular muito difundida, alguns instrumentos da paixão são mostrados na flor do maracujá. – Os instrumentos da paixão estão no brasão da congregação dos redentoristas. No quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, anjos carregam os martírios (Poel, 2013, p. 517).

2.2.1 A Estrada Real

Nossa pesquisa analisa os Cruzeiros de Martírios em Minas Gerais, concentrando especialmente naqueles que consideramos mais representativos no contexto do circuito da Estrada Real.

Renger (2007) nos conta que o surgimento das estradas reais em Minas Gerais ocorreu nos finais do século XVII devido a descoberta do ouro – “[...] sob o qual se incidia o direito real do quinto.” Antes da descoberta do ouro, havia somente uma via de comunicação entre São Paulo e o nordeste da Colônia – o Caminho Geral do Sertão, ligação entre as vilas de São Paulo ao vale do São Francisco. Com a descoberta do ouro surgiram dois caminhos para as minas. O primeiro denominado Caminho da Bahia, ou dos currais ou do São Francisco, e o segundo Caminho de São Paulo.

No ano de 1697, Artur de Sá de Menezes assume o governo da capitania do Rio de Janeiro com a missão de estabelecer ordem nas minas descobertas. Ele realizou uma proposição a Dom Pedro II, sugerindo a implementação de uma nova rota denominada caminho novo, com o propósito de estabelecer uma ligação entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro.

O propósito da criação do caminho novo era aprimorar a receita (arrecadação), expandir as atividades de mineração, aperfeiçoar a infraestrutura para facilitar a mobilidade dos residentes do Rio de Janeiro em direção às Minas, incentivar a criação de gado para fornecimento a ambas as regiões e fomentar a busca pelo tão almejado Eldorado dos Portugueses (Sabarabuçu).

Em 1699, o governador outorgou, por um período de dois anos, a prerrogativa exclusiva do caminho novo a Garcia Rodrigues. Tal concessão ocorreu em razão das múltiplas dificuldades enfrentadas por ele no desenvolvimento do empreendimento, incluindo questões como a mortalidade e deserção de escravos, bem como a escassez de recursos financeiros.

Segundo Renger (2007) Dom Pedro II menciona a condição de “estrada livre para as minas” como recompensa a Garcia Rodrigues após a conclusão do caminho novo, utilizando recursos próprios. Artur de Sá (governador do Rio de Janeiro) e D. João Lancastre (governador geral do Estado) procuraram submeter as Minas à sua administração. O governador geral se opôs a criação do caminho novo dando alternativas para ligar Espírito Santo às Minas.

Essa situação foi decidida por Dom Pedro II, dando apoio a Artur de Sá, proibindo a passagem por caminhos alternativos, para evitar a evasão de ouro. Fica clara a marcante presença da Coroa Portuguesa nas decisões finais, onde o rei decide em situações de embate.

Portanto, conforme Renger (2007), o termo “Estrada Real” se aplicava, originalmente aos caminhos do período colonial onde o estado se fazia presente em forma de registros ou pontos de cobrança. Assim, nas Minas, as Estradas Reais surgiram em decorrência da inserção do interior do Brasil na política fiscal exercida pela Coroa.

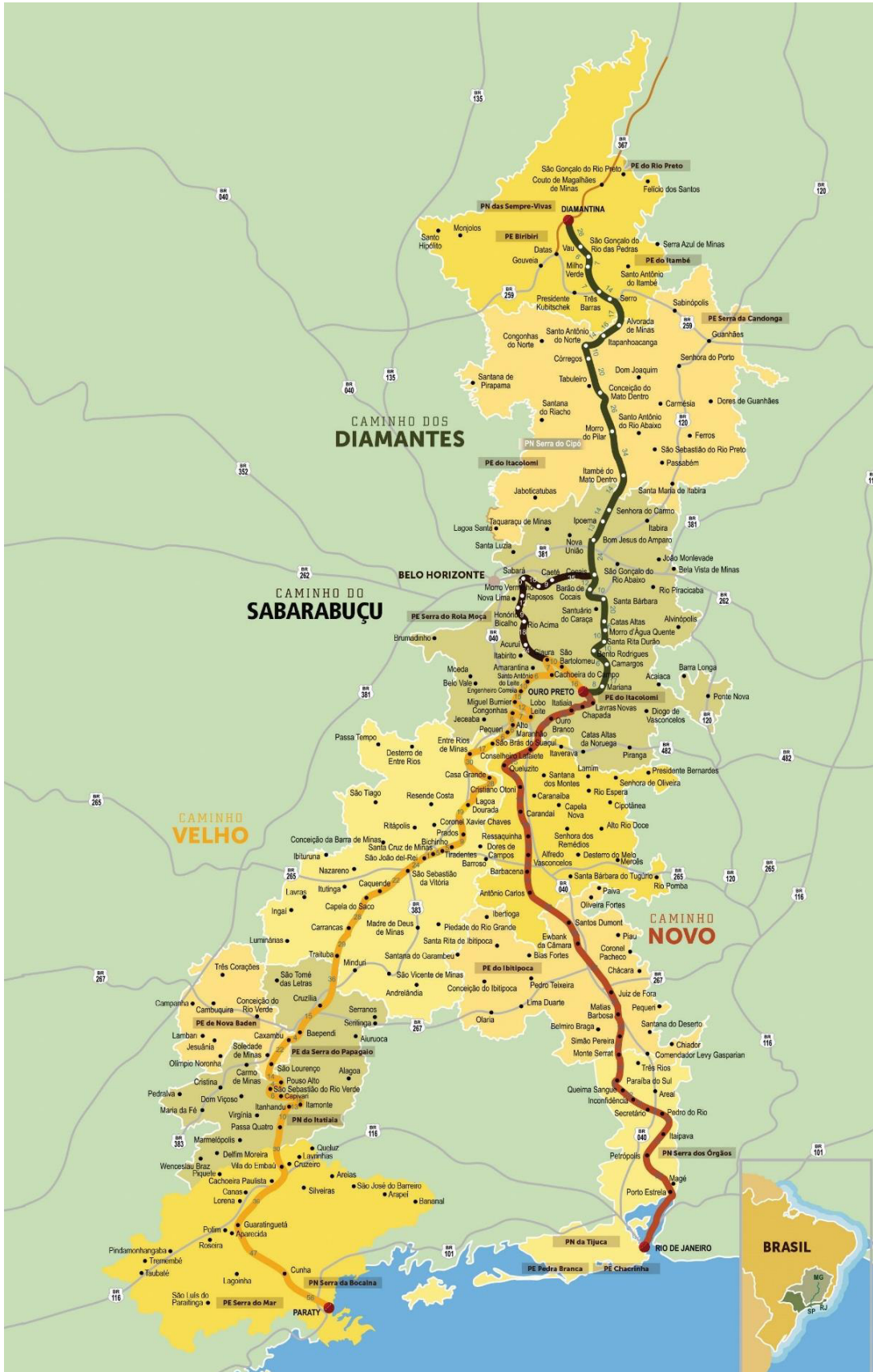
Era evidente o propósito de exercer controle sobre essas vias para a tributação dos quintos do ouro, além da imposição de taxas de entrada, estabelecidas em 1710. Tais encargos se tornaram parte integrante da administração da Fazenda Real a partir do governo do Conde de Assumar, em 1718. Dessa maneira, esse procedimento formalizou a designação de Estrada Real para as rotas de Minas, mediante um sistema estruturado de supervisão fiscal implementado pela Coroa. As Estradas Reais desempenhavam um papel crucial como vias utilizadas para a troca de mercadorias de diversas naturezas.

A revitalização da Estrada Real foi efetivada mediante a promulgação da Lei Estadual nº 13.173/99, a qual instituiu um amplo projeto de desenvolvimento turístico voltado aos itinerários que compõem a Estrada Real. Segundo os termos da mencionada legislação, a Estrada Real engloba os "caminhos e suas variantes construídos nos séculos XVII, XVIII e XIX, no território do Estado" (Minas Gerais, 1999, art. 1).

Desde a fundação do Instituto Estrada Real, em 1999, o conceito de "Estrada Real" passou a estar integralmente associado ao patrimônio cultural e natural, abrangendo bens tangíveis e imateriais ao longo das antigas vias que conectavam as regiões de mineração no interior à zona costeira fluminense. A criação do Instituto conferiu ao conjunto das antigas rotas das minas de ouro a designação unificada de "Estrada Real", incluindo suas subdivisões.

Em síntese, a Estrada Real concebida como uma rede de caminhos que testemunharam séculos de história e transformações, se destaca como um patrimônio ímpar, tecido por inúmeras narrativas e legados. Desde sua revitalização pelo Instituto Estrada Real em 1999, a designação "Estrada Real" transcende a mera geografia, incorporando uma riqueza de patrimônio cultural e natural ao longo das antigas trilhas mineradoras. Essa herança, entrelaçada à identidade do Brasil colonial, continua a desempenhar um papel significativo ao promover o turismo sustentável, preservar a memória e celebrar os diversos aspectos que compõem o tecido histórico e cultural desse bem nacional. Assim, a Estrada Real permanece como um elo entre passado e presente.

Figura 10 - Caminhos da Estrada Real



Fonte: Instituto Estrada Real, c2021-2023a.

- **Datas** - Cruzeiro dos Martírios - Capela de Nossa Senhora da Conceição (Praça Nossa Senhora da Conceição, s/nº) (FIGURA 12).

Figura 12 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023a.

Cruzeiro em madeira localizado no adro da Capela de Nossa Senhora da Conceição, formado por duas hastes (cruz latina). Ao longo das hastes (vertical e horizontal) apresenta 25 elementos em madeira, pintados de branco: cálice, caveira + tábua, compasso, coroa de espinhos, cravos, escada, espada, esquadro, gálea, galo, hóstia, jarro, machado, mão, martelo, moedas, osso, pano branco, pano da Verônica, placa, punhal, torquês, túnica e vara com esponja. No coroamento da haste vertical se observa a figura de um galo em metal sobre uma esfera em madeira policromada de azul. O cruzeiro se encontra afixado direto no nível do piso do adro (FIGURA 13).

Figura 13 - Cruzeiro adro da Capela de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

- **Diamantina** - Cruzeiro dos Martírios - Rua Rio Grande.

Cruzeiro localizado na Rua Rio Grande, s/nº, ver Figura 14, formado por duas hastes de madeira (cruz latina). No coroamento da haste vertical se observa a figura em metal de um galo. Ao longo das hastes, vertical e horizontal, encontram-se 27 elementos esculpidos em madeira e pintados de branco, que incluem âmbula, archote, cálice, caveira + tibia, coluna, coroa de espinhos, cravos, dados, escada, espada, gálea, galo, hóstia, jarro + bacia, lança, mão, martelo, moedas, palma, palmatória, pano branco, pano da Verônica, placa, saquinho, torquês, túnica e vara com esponja. A base do cruzeiro é confeccionada em concreto, se elevando sobre uma plataforma acima do nível da via pública (FIGURA 15).

Figura 14 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023k.

Figura 15 - Cruzeiro Rua Rio Grande



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

- **Santa Bárbara** – Distrito de Brumal - Cruzeiro dos Martírios – Capela do Nosso Senhor dos Passos (Rua Cleves de Faria, s/nº).

Cruzeiro em madeira formado por duas hastes (cruz latina), pintadas de azul, localizado no adro da Capela do Nosso Senhor dos Passos (FIGURA 16). Observa-se no coroamento da haste vertical, a figura de um galo em metal. Apresenta 21 figuras de madeira pintados de branco, que ornamentam a cruz: cálice, cana, caveira + tibia, chicote, coroa de espinhos, cravos, dados, escada, espada, galo, lança, lanterna, martelo, pano branco, pano da Verônica, placa, saquinho, torquês, túnica, vara com esponja e meia lua. A base na qual o cruzeiro se encontra afixado é feita de concreto, em uma plataforma acima do nível do adro, apresentando três degraus (FIGURA 17).

Figura 16 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023e.

Figura 17 - Cruzeiro adro da Capela do Nosso Senhor dos Passos



Fonte: Fotografado pela autora, 2016.

- **São Gonçalo do Rio Abaixo - Cruzeiro dos Martírios - Igreja Matriz de São Gonçalo** (Rua Augusto Pessoa, nº 151) (FIGURA 18).

Cruz latina em madeira policromada em tonalidade escura, de grandes proporções, implantada no adro da Matriz, em pedestal circular de alvenaria. Nos arremates de sua haste transversal, são vistas ponteiros emoldurados. Em toda sua extensão (hastes vertical e horizontal), estão distribuídos 25 elementos de madeira, pintados de branco: archote (tocha), cálice, cana, caveira + tibia, chicote (açote), coluna, cravos, dados, escada, espada, estandarte, gálea, galo, jarro + bacia, lança, lanterna, mão, martelo, pano branco, pano da Verônica, placa, torquês, túnica, vara com esponja e cofre. O cruzeiro se encontra afixado sobre três degraus de pedra acima do nível do piso do adro (FIGURA 19).

Figura 18 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023b.

Figura 19 - Cruzeiro adro da Igreja Matriz de São Gonçalo



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Serro - Cruzeiro dos Martírios – Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Rua do Rosário, s/nº).**

Cruzeiro formado por duas hastes em madeira (cruz latina), localizado na praça em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário (FIGURA 20). Apresenta 29 figuras de madeira pintados de branco que ornamentam a cruz: cálice, cana, caveira, compasso, coroa de espinhos, cravos, enxada, escada, foice, galo, hóstia, lança, lanterna, machado, mão, martelo, osso, palmatória, Santo Sudário (pano branco), placa, punhal, pano de Verônica, serrote, talocha, torquês, túnica, vara com esponja e objeto não identificado. O cruzeiro se encontra afixado sobre um pequeno degrau acima do nível do piso da praça (FIGURA 21).

Figura 20 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023i.

Figura 21- Cruzeiro praça em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

- **Serro** - Cruzeiro dos Martírios – Praça (Rua Sinval, s/nº).

Cruzeiro localizado na praça da Rua Sinval, Figura 22, em madeira formado por duas hastes (cruz latina). No coroamento da haste vertical se observa a figura de um galo em metal. Apresenta 16 figuras de madeira que ornamentam a cruz: coluna, compasso, cravos, dados, escada, galo, lança, mão, martelo, moedas, Santo Sudário (pano branco), placa, pano de Verônica, saquinho, torquês e túnica. Todos as figuras estão policromadas de branco, com exceção das moedas, torques e martelo policromados de amarelo e o pano de Verônica. O cruzeiro se encontra afixado sobre um pequeno degrau de concreto acima do nível do piso da praça (FIGURA 23).

Figura 22 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 20231.

Figura 23 - Cruzeiro praça localizada na Rua Sinval



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

Figura 24 - Caminho Novo



Fonte: Instituto Estrada Real, c2021-2023c.

- **Ouro Branco** - Cruzeiro dos Martírios – Igreja Matriz de Santo Antônio (Praça da Santa Cruz, s/nº) (FIGURA 25).

Cruzeiro em madeira (cruz latina) localizado ao lado do adro da Igreja Matriz de Santo Antônio. No coroamento da haste vertical se observa a figura de um galo sobre uma esfera em madeira pintada. Apresenta 22 figuras de madeira pintadas de branco – archote, caveira + tibia, chicote (açoite), coluna, cravos, dados, escada, jarro + bacia, lança, mão, martelo, pano branco, placa, punhal, saquinho, torquês, túnica e vara com esponja, verde - cana e palma, amarela – cálice e policromado – galo, que ornamentam a cruz. O cruzeiro se encontra afixado em um pequeno degrau, sobre um degrau maior de concreto acima do nível do piso da praça (FIGURA 26).

Figura 25 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023j.

Figura 26 - Cruzeiro ao lado do adro da Igreja Matriz de Santo Antônio



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Ouro Preto – Distrito de Cachoeira do Campo - Cruzeiro dos Martírios – Largo da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré.**

O cruzeiro em pedra (cruz latina) assentado sobre base quadrangular formada por três degraus (um dos quais se encontra soterrado sob o calcamento moderno) está localizado no largo da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré (FIGURA 27). Na base da cruz há algumas inscrições semiapagadas e 13 elementos: cálice, cetro, flagelos, coroa de espinhos, cravos, escada, lanterna, martelo, torquês, vara com esponja e algo parecido a um ramo. Na parte superior a inscrição INRI (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus) arremata a obra. Sobre a inscrição principal, há um escrito que mal se pode ler. Conforme o inventário do cruzeiro está escrito a frase: “Ao Povo Que Remiste A Vossa Cruz Adoramos Senhor e celebramos a Vossa Paixão. 1799”⁸ (FIGURA 28).

Figura 27 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023m.

⁸ Documento não publicado - Ficha de Inventário – Cruzeiro de Pedra/Município de Ouro Preto, 2007, p. 1.

Figura 28 - Cruzeiro largo da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

Figura 29 - Caminho Velho



Fonte: Instituto Estrada Real, c2021-2023d.

- **Prados – Distrito de Vitorino Veloso (Bichinho) -Cruzeiro dos Martírios – Igreja de Nossa Senhora da Penha de França (Praça Nossa Senhora da Penha, s/nº).**

Cruzeiro formado por duas hastes de madeiras com traves retas, localizado no adro da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França (FIGURA 30). Apresenta figuras de madeira que ornamentam a cruz e duas figuras de metal. São 19 figuras representadas: cálice, cana, caveira + túbica, chicote, coroa de espinhos, cravos, dados, escada, facão, galo, lança, mão, martelo, pano branco, placa, serrote, torquês, túnica e vara com esponja. A base na qual o cruzeiro se encontra afixado é feita de concreto e pedra da serra, em uma plataforma acima do nível da via pública, apresentando três degraus irregulares (FIGURA 31).

Figura 30 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023g.

Figura 31- Cruzeiro adro da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França



Fonte: Fotografado por Leonardo Caetano de Almeida, 2022.

- **São João del Rei - Cruzeiro dos Martírios – Igreja de Nossa Senhora das Mercês (Rua Padre Lourival Salvo Rios, nº30) (FIGURA 32).**

Cruzeiro formado por duas hastes de madeira (cruz latina), pintadas de ocre, localizado no adro da Igreja de Nossa Senhora dos Mercês. Possui em seu coroamento da haste vertical um galo em metal. Apresenta 16 figuras em madeira e metal que ornamentam a cruz: cálice, coluna, coroa de espinhos, cravos, dados, escada, galo, jarra, lança, martelo, pano branco, pano da Verônica, placa, torquês, túnica e vara com esponja. A base na qual o cruzeiro se encontra afixado é feita de pedra, em uma plataforma cercada de gradil acima do nível do adro, apresentando dois degraus irregulares (FIGURA 33).

Figura 32 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023h.

Figura 33 - Cruzeiro adro da Igreja de Nossa Senhora das Mercês



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **São João del Rei - Cruzeiro dos Martírios – Morro da Forca (Praça Dr. Guilherme Milward, s/n°).**

Cruzeiro em madeira policromado na cor ocre formado por duas hastes de madeiras (cruz latina), localizado no Morro da Forca (FIGURA 34). Em seu coroamento na haste vertical há a figura de um galo em metal. Apresenta 16 figuras de madeira e metal que ornamentam a cruz: cálice, cana, coroa de espinhos, cravos, dados, escada, galo, jarro, lança, martelo, pano branco, placa, torquês, trompete, túnica e vara com esponja. A base na qual o cruzeiro se encontra afixado é feita de concreto, em uma plataforma acima do nível da via, apresentando três degraus irregulares (FIGURA 35).

Figura 34 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023n.

Figura 35 - Cruzeiro Morro da Forca

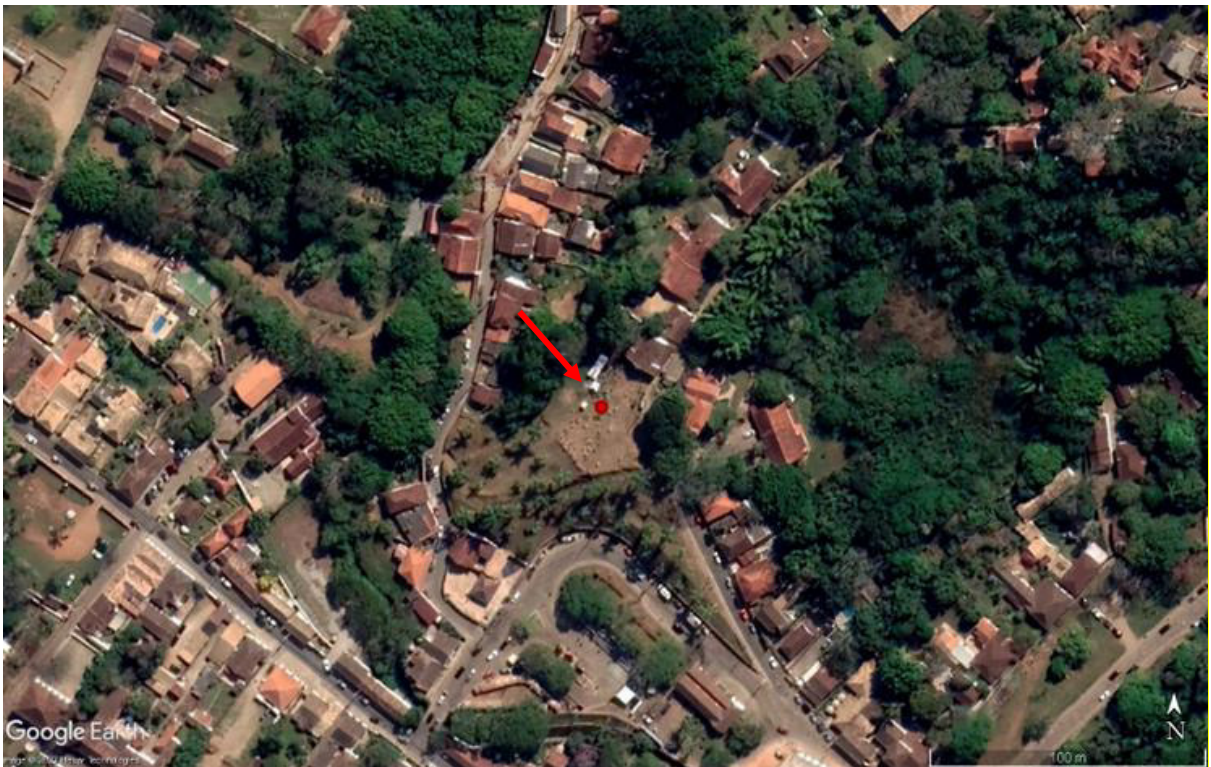


Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Tiradentes** - Cruzeiro dos Martírios – Capela de São Francisco de Paula (Morro de São Francisco, s/nº) (FIGURA 36).

Cruzeiro em madeira (cruz latina), localizado no adro da Capela de São Francisco de Paula, afixado sobre um pequeno degrau acima do nível do piso. Apresenta 17 figuras de madeira e metal que ornamentam a cruz: cálice, cana, coluna, coroa de espinhos, cravos, dados, escada, galo, lança, machado, martelo, pano branco, placa, saquinho, torquês, túnica e vara com esponja (FIGURA 37).

Figura 36 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023c.

Figura 37 - Cruzeiro adro da Capela de São Francisco de Paula



Fonte: Fotografado pela autora, 2017

Figura 38 - Caminho do Sabarabuçu



Fonte: Instituto Estrada Real, c2021-2023e.

- **Contagem** - Cruzeiro dos Martírios – Casa de Cultura Nair Mendes Moreira (Praça Vereador Josias Belém, nº 1).

Cruzeiro formado por duas hastes de madeiras (cruz latina), localizada à frente da edificação (FIGURA 39). No coroamento da haste vertical se observa a figura de um galo em metal. Apresenta 17 figuras de madeira policromadas de branco que ornamentam a cruz, sendo elas: cálice, coluna, compasso, coroa de espinhos, cravos, escada, galo, hóstia, lança, machado, mão, martelo, pano branco, pano da Verônica, placa, torquês e vara com esponja. A base na qual o cruzeiro se encontra afixado é feita de concreto, em uma plataforma acima do nível do piso, apresentando três degraus (FIGURA 40).

Figura 39 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023f.

Figura 40 - Cruzeiro adro da Casa de Cultura Nair Mendes Moreira



Fonte: Fotografado pela autora, 2023.

- **Itabirito** - Cruzeiro dos Martírios – Capela de Nossa Senhora do Rosário (Rua Três de Outubro, nº28-38) (FIGURA 41).

Cruzeiro formado por duas hastes de madeiras (cruz latina), localizado no adro da Capela de Nossa Senhora do Rosário. No coroamento da haste vertical se observa a figura de um galo em madeira. Apresenta 12 figuras em madeira que ornamentam a cruz: alabarda, caveira, chicote (açoite), coroa de espinhos, escada, galo, mão, martelo, pano branco, placa, torquês e túnica. As hastes (vertical e horizontal) e as figuras estão policromadas de preto. O cruzeiro se encontra afixado direto no solo, no nível do adro da capela (FIGURA 42).

Figura 41 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023d.

Figura 42 - Cruzeiro adro da Capela de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Ouro Preto – Distrito de Glaura - Cruzeiro dos Martírios – Capela de Nossa Senhora das Mercês (Praça das Mercês, s/nº) (FIGURA 43).**

Cruzeiro localizado em frente a Capela de Nossa Senhora das Mercês, feito em madeira com 18 figuras também em madeira que ornamentam a cruz, sendo elas: archote (tocha), cálice, caveira, coluna, coluna, coroa de espinhos, dados, escada, espada, galo, jarro, lança, machado, mão, pano branco, pano da Verônica, placa, torquês e túnica. Apresenta em seu coroamento um galo tridimensional em metal. A base na qual o cruzeiro se encontra afixado é feita de pedra, do nível da via pública, apresentando três degraus, sendo que um se encontra parcialmente enterrado no terreno (FIGURA 44).

Figura 43 - Localização do Cruzeiro



Fonte: Google Earth, intervenções da autora, 2023o.

Figura 44 - Cruzeiro Praça das Mercês



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

A seguir, no Figura 45, apresentamos os dados principais dos cruzeiros, como o município ao qual pertence, qual distrito, sua localização e a qual caminho da Estrada Real ele

faz parte, para uma melhor visualização geral dos 15 Cruzeiros de Martírios que foram foco desta parte da pesquisa.

Figura 45 - Cruzeiros de Martírios

Nº	FOTOGRAFIA	MUNICÍPIO	DISTRITO	ENDEREÇO	LOCALIZAÇÃO	ESTRADA REAL
1		Datas	Sede	Praça Nossa Senhora da Conceição, s/nº	Adro da Capela de Nossa Senhora da Conceição	Caminho dos Diamantes
2		Diamantina	Sede	Rua Rio Grande, s/nº	-	Caminho dos Diamantes
3		Santa Bárbara	Brumal	Rua Cleves de Farias, s/nº	Adro da Capela de Nosso Senhor dos Passos	Caminho dos Diamantes
4		São Gonçalo do Rio Abaixo	Sede	Rua Augusto Pessoa, nº 151	Adro da Igreja Matriz de São Gonçalo	Caminho dos Diamantes
5		Serro	Sede	Rua do Rosário, s/nº	Em frente a Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Caminho dos Diamantes
6		Serro	Sede	Rua Sinval, s/nº	Praça	Caminho dos Diamantes
7		Ouro Branco	Sede	Praça Santa Cruz, s/nº	Ao lado da Igreja Matriz de Santo Antônio	Caminho Novo
8		Ouro Preto	Cachoeira do Campo	Rua Sete de Setembro, s/nº	Em frente a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré	Caminho Novo
9		Prados	Vitorino Veloso	Praça de Nossa Senhora da Penha, s/nº	Em frente a Igreja de Nossa Senhora da Penha de França	Caminho Velho
10		São João del Rei	Sede	Rua Padre Lourival Salvo Rios, nº 30	Adro da Igreja de Nossa Senhora das Mercês	Caminho Velho
11		São João del Rei	Sede	Morro da Forca	Praça Dr. Guilherme Milward, s/nº	Caminho Velho
12		Tiradentes	Sede	Morro de São Francisco, s/nº	Adro da Capela de São Francisco de Paula	Caminho Velho
13		Contagem	Sede	Praça Vereador Josias Belém, 01	Casa de Cultura Nair Mendes Moreira	Caminho do Sabarabuçu
14		Itabirito	Sede	Rua Três de Outubro, 28-38	Adro da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Caminho do Sabarabuçu
15		Ouro Preto	Glaura	Praça das Mercês, s/nº	Em frente a Capela de Nossa Senhora das Mercês	Caminho do Sabarabuçu

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Entre os cruzeiros estudados, se destaca o cruzeiro em pedra situado no largo adjacente à Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, no distrito de Cachoeira do Campo, Ouro Preto/MG, em virtude de ser o único confeccionado a partir de material distinto dos demais. Trata-se de um trabalho em cantaria com a presença de altos e baixos relevos. Possui na parte inferior algumas inscrições semiapagadas, alguns instrumentos relativos ao martírio de Cristo e sobre a inscrição INRI, segundo Padre Affonso⁹, se encontra a seguinte frase: “Ao Povo Que Remiste A Vossa Cruz Adoramos Senhor e Celebramos a Vossa Paixão. 1799”.

Apresentamos fotos desse cruzeiro, dos séculos XIX, ver Figuras 46 e 47, XX, apresentada na Figura 48 e XXI (FIGURA 49).

Figura 46 - Cruzeiro em pedra (final do século XIX)



Fonte: Prefeitura de Ouro Preto, 2007, p. 2.¹⁰

⁹ Informação retirada da ficha de inventário do bem fornecida pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto – LEMOS, Affonso Henriques de Figueiredo. Monographia da Freguezia da Cachoeira do Campo. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, v. 13, 77-111, 1908. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=473>. Acesso em 31 out. 2023.

¹⁰ Informação não publicada e retirada da ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural – Bens Integrados / Cruzeiro de Pedra (FIGURAS 45, 46 e 47).

Figura 47 - Cruzeiro em pedra (1896)



Fonte: Prefeitura de Ouro Preto, 2007, p. 1.

Figura 48 - Cruzeiro em pedra (1920)



Fonte: Prefeitura de Ouro Preto, 2007, p. 2.

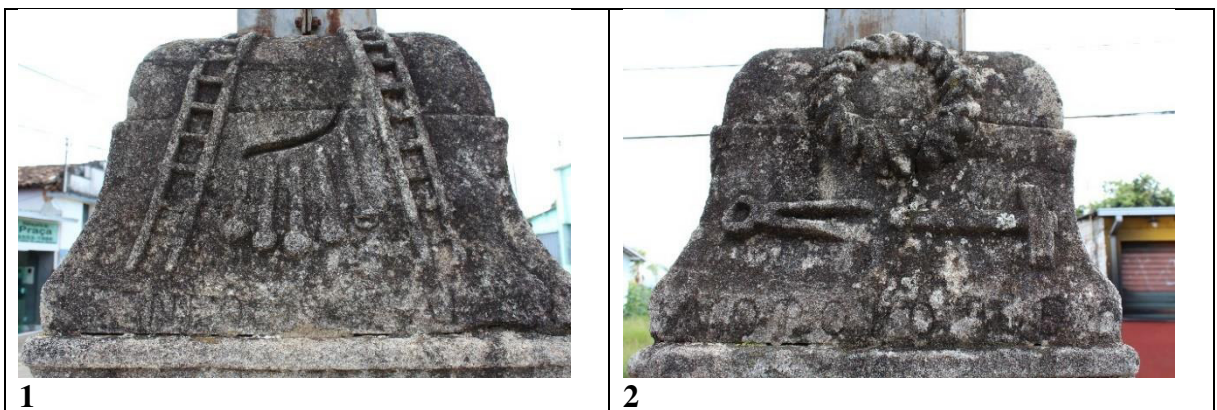
Figura 49 - Cruzeiro em Pedra atualmente



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

Este Cruzeiro do Martírio de Cachoeira do Campo possui alguns símbolos da Paixão, como pode ser visto nas imagens abaixo (FIGURA 50).

Figura 50 – Símbolos da Paixão -Detalhes da base com símbolos (visão dos 4 lados)





Fonte: Fotografado pela autora, 2023.

Quanto à materialidade, os Cruzeiros de Martírios em Minas Gerais, em sua maioria, são construídos com madeira de considerável porte, atingindo aproximadamente 18 metros de altura. Nas hastes horizontais ou patíbulos, há um entalhe centralizado em sua porção posterior, possibilitando o encaixe com a haste vertical, formando, assim, a configuração de uma cruz latina. Os elementos que adornam os cruzeiros são distribuídos de maneira regular ao longo das duas hastes, vertical e horizontal, sendo grande parte deles confeccionados em madeira e fixados por meio de pregos metálicos (FIGURA 51).

As cruzes podem se apresentar em madeira sem pintura, no entanto, algumas delas exibem pintura em tonalidades como azul, preto ou ocre. A maioria dos símbolos são pintados de branco, exceto aqueles localizados no Distrito de Glaura, situado em Ouro Preto, os quais possuem coloração diversificada.

Figura 51 - Cruzeiros de Martírios (materiais)

Nº	CRUZEIRO	MATERIAIS	DIMENSÃO	PINTURA	FIXAÇÃO DOS SÍMBOLOS
1	CONTAGEM (Casa de Cultura Nair Mendes Moreira)	madeira metal	grande porte	sim (símbolos + cruzeiro)	pregos
2	DATAS (Capela de Nossa Senhora da Conceição)	madeira metal	grande porte	sim	pregos
3	DIAMANTINA (Rua Rio Grande)	madeira metal	grande porte	sim	pregos
4	ITABIRITO (Capela de Nossa Senhora do Rosário)	madeira	grande porte	não	pregos
5	OURO BRANCO (Igreja Matriz de Santo Antônio)	madeira	grande porte	sim	pregos
6	OURO PRETO - CACHOEIRA DO CAMPO (Largo da Matriz)	pedra	grande porte	não	cantaria
7	OURO PRETO - GLAURA (Capela de Nossa Senhora das Mercês)	madeira metal	grande porte	sim	pregos
8	SANTA BÁRBARA - BRUMAL (Capela de Nosso Senhor dos Passos)	madeira metal	grande porte	sim (símbolos + cruzeiro)	pregos
9	PRADOS (Igreja de Nossa Senhora da Penha de França)	madeira metal	grande porte	sim	pregos
10	SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO (Igreja Matriz de São Gonçalo)	madeira metal	grande porte	sim	pregos
11	SÃO JOÃO DEL REI (Igreja Matriz de Nossa Senhora das Mercês)	madeira metal	grande porte	sim	pregos
12	SÃO JOÃO DEL REI (Morro da Forca)	madeira metal	grande porte	sim	pregos
13	SERRO (Igreja de Nossa Senhora do Rosário)	madeira	grande porte	sim	pregos
14	SERRO (Rua Sinval)	madeira metal	grande porte	sim	pregos
15	TIRADENTES (Capela de São Francisco de Paula)	madeira metal	grande porte	sim	pregos

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

3 PROGRAMA ICONOGRÁFICO DOS CRUZEIROS DE MARTÍRIOS EM MINAS GERAIS

O programa iconográfico dos Cruzeiros de Martírios em Minas Gerais constitui um fascinante e complexo conjunto de representações visuais, enraizado nas tradições religiosas e culturais que permeiam a região. Estes marcantes cruzeiros, predominantemente esculpidos em madeira e de grande porte, surgem como testemunhos materiais e imateriais de uma rica herança religiosa. Este capítulo visa explorar a complexidade e a significância do programa iconográfico dessas cruces, destacando sua relevância no cenário religioso, cultural e artístico de Minas Gerais.

3.1 Arma Christi

Em 2014, Cooper, Lisa H.; Denny-Brown, Andrea publicaram um livro intitulado *The Arma Christi in medieval and Early Modern Material Culture*, contendo 10 artigos elaborados por autores das áreas de teologia, literatura e história. Esta obra se revela significativa para a compreensão da Cultura Material da Paixão, tal como representada pelo conceito de Arma Christi, ao longo de distintos períodos temporais, se destacando pela abordagem interdisciplinar.

Esta coletânea de objetos relacionados à Paixão de Cristo foi um dos dispositivos iconográficos mais familiares da cultura medieval Europeia e do início da modernidade. Os autores apresentam uma resenha:

Das armas usadas para atormentar e sacrificar o corpo de Cristo surgiu uma tradição relicária que produziu práticas devocionais ativas e contemplativas, narrativas literárias complexas, poemas líricos intensos, imagens visuais marcantes e ornamentos arquitetônicos inovadores. Esta coleção exhibe a fascinante gama de possibilidades intelectuais geradas pelas representações desses 'objetos' medievais e, por meio da colaboração interdisciplinar de seus colaboradores, produz uma nova visão das múltiplas interseções do espiritual e do material na Idade Média e no Renascimento. [...]...exemplos representativos dos instrumentos da Paixão em uma ampla faixa da história, desde algumas de suas primeiras formulações no final da antiguidade até suas reformulações no início da Europa moderna. Juntos, eles oferecem a primeira tentativa em larga escala para entender a arma Christi como um fenômeno cultural único, que ressoou ao longo dos séculos em vários idiomas, gêneros e mídias (Cooper; Denny-Brow, 2014, p. 245).

O termo em latim, *Arma Christi*, significa as Armas de Cristo, ou seja, Instrumentos da Paixão de Cristo. São os objetos simbólicos, associados à narrativa dos Passos da Paixão de Cristo rumo ao calvário (FIGURA 52). Estes elementos representam a Traição, a Agonia, a Prisão, o Julgamento, a Condenação, a Crucificação, a Descida da Cruz e o Sepultamento de

Jesus Cristo e foram usados de forma reunida em pinturas, esculturas, manuscritos e outros suportes materiais, sendo reconhecidos universalmente.

Figura 52 – Narrativa dos Passos da Paixão de Cristo x símbolos identificados



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Cooper; Denny-Brown (2014), observam que da tradição medieval a *Arma Christi* é a forma que os sujeitos desta época tiveram de se voltarem para este grupo de instrumentos, como uma forma de se envolver com a Paixão de Cristo através de suas práticas devocionais.

De acordo com Gómez-Chacón (2017) a *Arma Christi* foi precedida, e promovida, pela expansão do culto às relíquias da paixão na época medieval e na sequência da invenção, no século IV, por Santa Helena (329), mãe de Constantino. São Bernardo de Claraval (+1153) promoveu este culto por meio das meditações sobre a paixão, como também São Francisco de Assis (+1226) que chegou a ter na própria carne os estigmas de Cristo. Dentre os textos que mais contribuíram para difundir o tema se destacam as *Meditações Vitae Christi*, assim como a *Vita Jesu Christi* de Ludolfo de Sajonia (+ 1377).

Além disso, de acordo com a mesma autora, à Cruz de Cristo foram adicionados ao longo do tempo os instrumentos da Paixão, dando origem a um extenso grupo iconográfico composto por até 35 elementos. Em algumas representações, esse conjunto se entrelaça com outros temas, como a Missa de São Gregório e o Juízo Final, nos quais os *Arma Christi* são transportados por anjos, simbolizando a autoridade de Cristo. Ao longo de toda a Idade Média, se observou uma proliferação contínua desses elementos, ver Figura 53:

Enquanto que no século XIII estes incluíam a coroa de espinhos, a coluna, as varas da flagelação, a cruz, os cravos, a inscrição INRI, as cinco chagas, a esponja e a lança; Durante os séculos XIV e XV, foram incorporados, entre outros, as trinta moedas, a lanterna de Malco e sua orelha presa à espada ou facão de São Pedro, as lâmpadas da noite da Prisão, o galo da Negação (*gallus cantans*) e a coluna diante da qual São Pedro chorou, uma cabeça que cospe no Cristo (*sputum in facie Christi*), a venda dos olhos, a mão que esbofeteia Cristo (*manus dans alapas*), a perna do carrasco que o chutou; o jarro, a bacia e o pano da lavagem das mãos de Pilatos, a corda com que Cristo foi amarrado à coluna, a cortina do Templo, a Sagrada Face no lenço de Verônica, os dados com que sortearam as roupas de Cristo, o pano da pureza, o martelo, a escada e a pinça. Durante os séculos XIV e XV, os Arma Christi adotou um caráter heráldico e escatológico. Tornaram-se então emblemas da vitória terrena e espiritual de Cristo, recebendo o nome de *Scutum Salvationes*, ou seja, “Escudo da Salvação” (Gómez-Chacón, 2017, ¹¹tradução nossa).¹²

¹¹ Documento delimitado por *html* e não possui numeração de páginas.

¹² Mientras que en el siglo XIII estos incluían la corona de espinas, la columna, las varas de la Flagelación, la cruz, los clavos, la inscripción INRI, las cinco llagas, la esponja y la lanza; durante los siglos XIV y XV se incorporaron, entre otros, los treinta denarios, la linterna de Malco y su oreja pegada a la espada o machete de san Pedro, las lámparas de la noche del Prendimiento, el gallo de la Negación (*gallus cantans*) y la columna ante la que lloró san Pedro, una cabeza que escupe a Cristo (*sputum in facie Christi*), la venda de los ojos, la mano que abofeteó a Cristo (*manus dans alapas*), la pierna del sayón que le propinó una patada; el aguamanil, la jofaina y el paño del Lavatorio de manos de Pilato, la cuerda con la que Cristo fue atado a la columna, la cortina del Templo, la Santa Faz en el lienzo de la Verónica, los dados con los que se echaron a suertes los vestidos de Cristo, el paño de pureza, el martillo, la escalera y las tenazas. Durante los siglos XIV y XV, los *arma Christi* adoptaron un carácter tanto heráldico como escatológico. Se convirtieron entonces en emblemas de la victoria terrenal y espiritual de Cristo, recibiendo el nombre de *Scutum Salvationes*, es decir, “Escudo de Salvación”. (Gómez-Chacón, 2017).

Figura 53 - Armas da Paixão e Ressureição – Livro de Horas



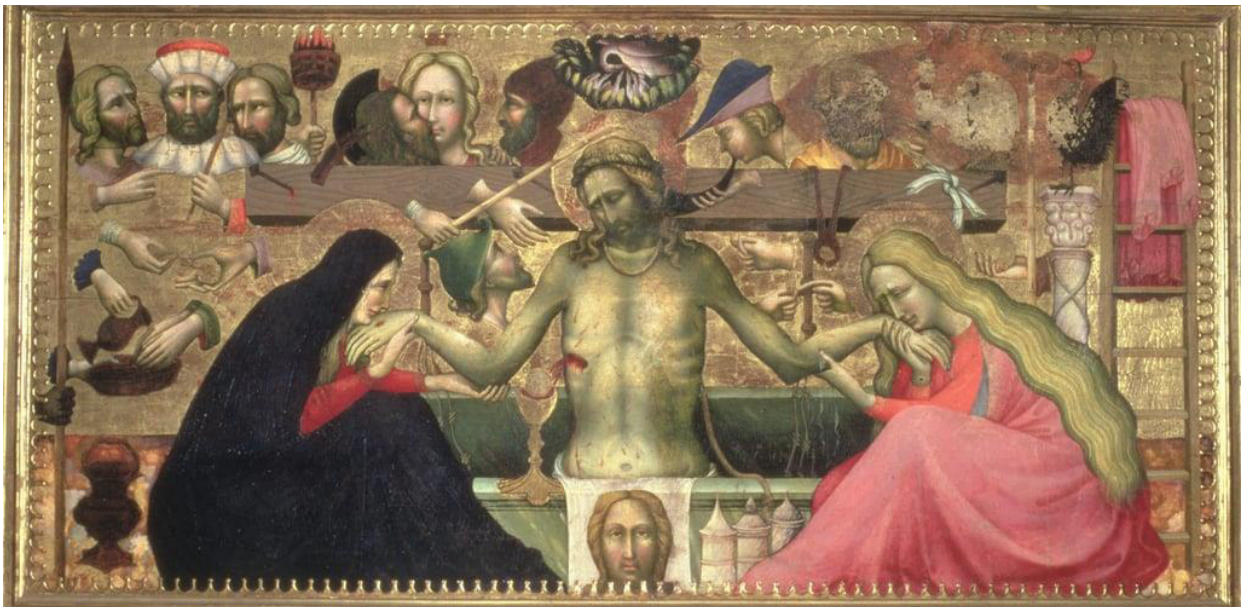
Fonte: British Library *apud* Lucía Gómez-Chacón, 2017.

Dentre os símbolos (instrumentos) da Paixão, a cruz ocupa o lugar principal e central, como podemos ler no Novo Testamento, especialmente nas Cartas Paulinas¹³: “Nós pregamos Cristo crucificado [...]” (Bíblia, 2015, 1Cor 1, 22-25). Os demais instrumentos mais recorrentes na arte sacra seriam: a coluna da flagelação, a coroa de espinhos, o véu de Verônica, os cravos, a vara com esponja e a lança.

Com a edificação da Basílica do Santo Sepulcro, em Jerusalém e a difusão das relíquias da Santa Cruz, que teria sido descoberta por Santa Helena, surgem duas festas em honra ao “santo madeiro”: a Exaltação de Santa Cruz (14 de setembro) e posteriormente, a Invenção da Santa Cruz (3 de maio).

A devoção à *Arma Christi* se difunde principalmente no final da Idade Média. Segundo Poel (2013), “no século XIV, surge a devoção para o sofrimento de Jesus” e conseqüentemente aparecem os primeiros desenhos do Cristo crucificado e morto, conhecido como Homem das Dores, Figura 54, que seria a representação de Cristo rodeado pelos instrumentos da paixão.

Figura 54 - Homem das Dores com instrumentos da Paixão (Lorenzo Monaco)¹⁴



Fonte: Meisterdrucke, c2023.

As *Arma Christi* também aparecem em representações do juízo final, com anjos sustentando os instrumentos da Paixão ao redor de Cristo. Como exemplos dessa representação

¹³ As Cartas Paulinas são treze cartas escritas pelo apóstolo Paulo (Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito e Filemom), conhecidas também como Epístolas Paulinas. Essas cartas fazem do apóstolo Paulo o maior escritor do Novo Testamento.

¹⁴ *Man of Sorrows with instruments of the Passion*, 1404 (tempera on panel) Piero di Giovanni - Lorenzo Monaco (c.1370-1425), obra localizada na Galleria dell' Accademia, Florence, Italy/ bridgemanimages.com.

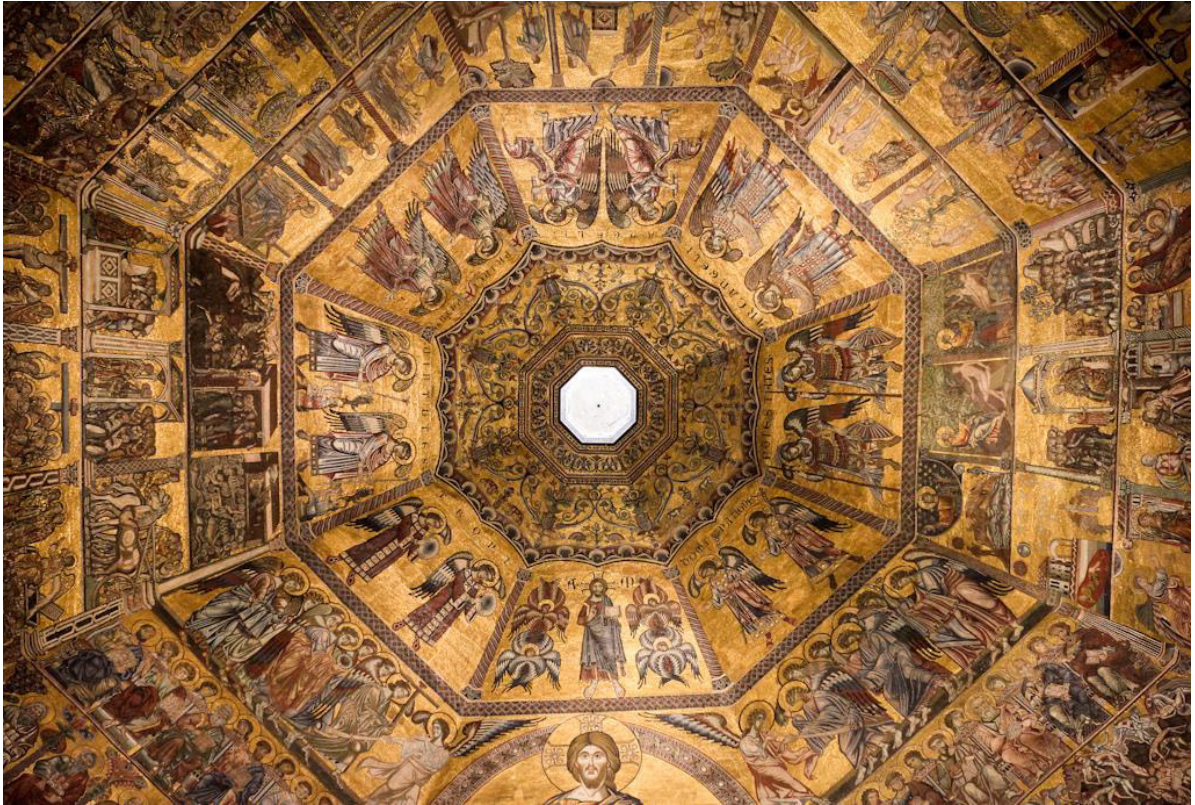
temos: a pintura do forro da Catedral Velha de Salamanca, Figura 55, os mosaicos do Batistério de Florença, Figura 56, o afresco de Michelangelo Buonarroti na Capela Sistina, Figura 57, e a série de dez esculturas de anjos que ladeiam a ponte Sant'Angelo em Roma (obra de Bernini e seus alunos) (FIGURA 58).

Figura 55 - O Juízo Final (Forro da Catedral Velha de Salamanca/Espanha)



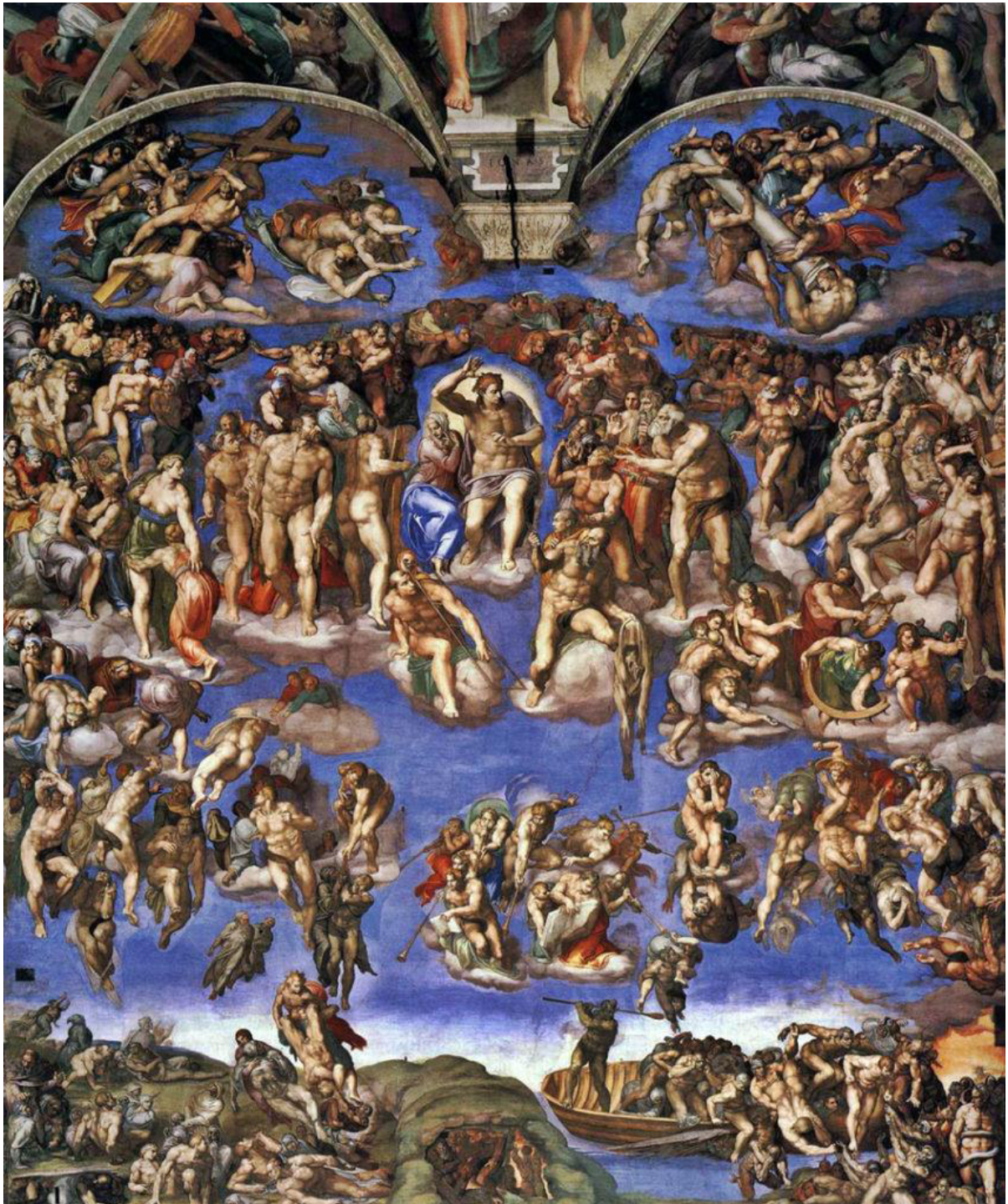
Fonte: Pílulas [...], 2021b.

Figura 56 - O Juízo Mosaico – Batistério de Florença



Fonte: Ortiz, c2013-2023.

Figura 57 - O Juízo Final – Capela Sistina (Michelangelo Buonarroti)



Fonte: Artout, 2023.

Figura 58 - Ponte Sant'Angelo (Roma)



Fonte: Pílulas [...], 2021a.

Em sequência estão dispostas as imagens que compõem a fileira dos anjos da Ponte Sant'Angelo, em Roma (FIGURAS 59 a 68).

Figura 59 - Anjo com os flagelos



Fonte: Pílulas [...], 2021a.

Figura 60 - Anjo com a coluna da flagelação



Fonte: Pílulas [...], 2021a.

Figura 61 - Anjo com a coroa de espinhos



Fonte: Pílulas [...], 2021a.

Figura 62 - Anjo com o véu de Verônica



Fonte: Pílulas [...], 2021a.

Figura 63 - Anjo com as vestes de Cristo e os dados



Fonte: Pílulas [...], 2021a.

Figura 64 - Anjo com os cravos



Fonte: Pílulas [...], 2021a.

Figura 65 - Anjo com a placa de Pilatos (INRI)



Fonte: Pílulas [...], 2021a.

Figura 66 - Anjo com a cruz



Fonte: Pílulas [...], 2021a.

Figura 67 - Anjo com a esponja



Fonte: Pílulas [...], 2021a.

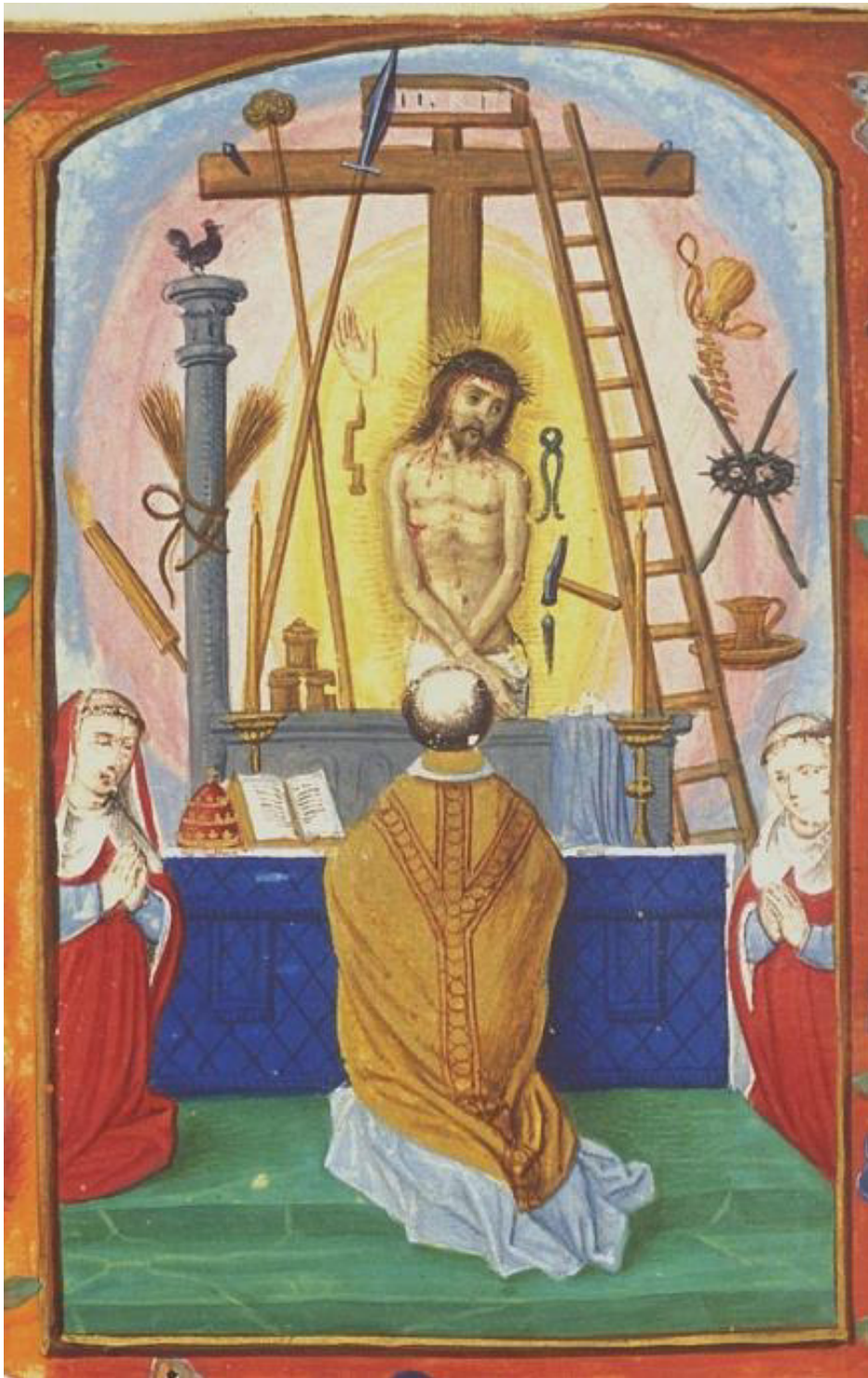
Figura 68 - Anjo com a lança



Fonte: Pímulas [...], 2021a.

A representação da *Arma Christi* também aparece associada a Missa de São Gregório (FIGURA 69). Segundo a lenda, durante uma missa celebrada pelo Papa São Gregório Magno, a hóstia teria se transformado em sangue como um sinal contra a incredulidade de uma mulher romana, que teria zombado durante o rito da comunhão, duvidando da presença de Jesus Cristo na Eucaristia, pois ela tinha preparado o pão da celebração. A partir dos meados do século XIV a representação da hóstia sangrando na Missa de São Gregório é substituída pelo “Homem das Dores”.

Figura 69 - Missa de São Gregório (Livro de Horas - anônimo / século XVI)



Fonte: Píulas [...], 2021b.

O culto litúrgico aos instrumentos da Paixão na Itália teve sua devoção promovida no século XVIII por São Paulo da Cruz, fundador da Congregação da Paixão de Jesus Cristo, em 1720, cujos religiosos são conhecidos como “passionistas”.

Em 1773, São Paulo da Cruz solicita à Santa Sé a aprovação de uma série de sete ofícios votivos¹⁵ em honra da Paixão do Senhor. Os ofícios votivos foram aprovados pelo Papa Pio VI. Essas celebrações foram acolhidas por outras congregações religiosas e por algumas dioceses, principalmente na Itália.

Na edição do *Missale Romanum* promulgada em 1920 pelo Papa Bento XV, essas sete Missas Votivas¹⁶ foram incluídas no Apêndice¹⁷, podendo ser celebradas *ad libitum* (à escolha). No entanto, com as reformas dos Papas Pio XII e João XXIII, em 1962 uma nova edição do *Missale Romanum* é publicada e essas Missas suprimidas; a decisão de suprimir as Missas votivas em honra da Paixão do Senhor é conservada pela reforma do Concílio Vaticano II.

3.2 Paixão de Cristo

Varazze (2003, p. 319), no livro *Legenda Áurea*, aborda um capítulo dedicado à Paixão do Senhor, fornecendo uma análise das cinco causas da dor associadas a esse evento. Primeiramente, a paixão é descrita como ignominiosa devido ao local onde ocorreu, o Calvário, um lugar destinado à condenação de malfeitores, e à natureza do suplício enfrentado. Adicionalmente, a ignomínia é destacada pela companhia de malfeitores, como ladrões, durante a paixão. Além disso, a injustiça da paixão é ressaltada pelo fato de que Jesus não cometeu pecado ou mentiu, sendo submetido ao sofrimento por afirmar ser rei e Filho de Deus. Outra injustiça é observada na paixão, pois Jesus suportou o sofrimento em benefício dos amigos, não dos inimigos. Ademais, a injustiça se manifesta nas agressões físicas, onde o corpo sagrado de Jesus é afligido por açoites que atingem cada um de seus membros e sentidos, incluindo olhos, ouvidos, olfato, paladar e tato. O tratamento abrangente das dores nos diversos sentidos é corroborado por Bernardo, que acrescenta seu entendimento sobre as aflições relacionadas a cada um desses aspectos.

¹⁵ Comemoração da oração de nosso Senhor Jesus Cristo no Getsêmani; Comemoração da Paixão; Comemoração da Coroa de Espinhos; Comemoração da Lança e dos Cravos; Comemoração do Santo Sudário; Comemoração das Cinco Chagas do Senhor; Comemoração do Preciosíssimo Sangue de Jesus.

¹⁶ As Missas Votivas são parte do Missal Romano que trazem as missas para memória em vários casos. No entanto, deve-se lembrar que estas missas não são próprias para celebração oficial, mas apenas para a devoção popular.

¹⁷ Missas votivas: **Sempre permitidas:** nos dias de semana do Tempo Comum, mesmo quando ocorre uma memória facultativa; **Permitidas, a juízo do sacerdote:** nos dias de semana do Tempo Comum quando ocorre uma memória obrigatória; nos dias de semana do Advento até 16 de dezembro; nos dias de semana dos Tempos do Natal e da Páscoa; **Permitidas apenas com autorização do Bispo Diocesano:** Nos domingos do Natal e do Tempo Comum; nas festas; nos dias de semana do Advento de 17 a 24 de dezembro; na oitava do Natal; nos dias de semana da Quaresma; **Sempre proibidas:** Nas solenidades; nos domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa; na Oitava da Páscoa; na Comemoração dos Fiéis Defuntos; na Quarta-feira de Cinzas; na Semana Santa. (Pílulas litúrgicas, 2023d).

A cabeça, objeto de veneração dos espíritos angélicos, foi crivada de espinhos; o rosto, o mais belo dentro os dos filhos dos homens, foi emporcalhado pelas cusparadas dos judeus; os olhos, mais brilhantes que o sol, foram apagados pela morte; os ouvidos, acostumados aos cantos angélicos, escutaram insultos dos pecadores; a boca, que instruía os anjos, foi amarga com fel e vinagre; os pés, que transformaram o escabelo em objeto de adoração, foram fixados na cruz com pregos; as mãos, que formaram os Céus, foram estendidas na cruz e trespassadas por cravos; o corpo foi açoitado, o costado trespassado por uma lança. É preciso dizer mais? Restou-lhe a língua, para orar em favor dos pecadores e para confiar a sua mãe a seu discípulo [...] (BERNADO, s/d, *apud* Varazze, 2003, p. 323).

Falar dos símbolos que representam a Paixão é rememorar os Passos da Paixão ou o caminho que Jesus percorreu do Palácio de Pilatos até o monte Calvário (Gólgota). Este caminho é denominado Via Sacra ou *Via Crucis* e é representado de variadas formas através dos séculos, como as estações (cenas, passos) que podem ser representadas por quadros, estampas, esculturas, relevos ou elementos arquitetônicos.

A Paixão de Cristo pode ser representada de várias formas e aqui vamos fazer um diálogo entre os Cruzeiros de Martírios, em Minas Gerais, com as formas de representação, que podem ser várias. Há Via Sacra de 14 estações, Passos da Paixão representados em Capelas de Sacro Montes, Passos de Rua, Passos da Paixão em altares de igrejas ou no teatro da Semana Santa. Todas são exercícios de piedade cristã e de compaixão meditando sobre a Paixão de Cristo.

Para falar em Paixão de Cristo em Minas Gerais é imprescindível remeter ao teatro sacro mostrado da Semana Santa, rememorado todos os anos por meio de várias procissões e encenações de Cristo rumo ao Calvário culminando com a cena da crucificação, descendimento e enterro.

Segundo Souza (2019) a *Via-Crucis* de Jerusalém influenciou a criação de diversos santuários como os Sacros Montes, que foram feitos para suprir a dificuldade da peregrinação aos lugares santos em Jerusalém. A devoção à Via Sacra foi evoluindo e somente no século XVIII ocorre sua estruturação formal. Portanto, não foi uma devoção vinda da Europa para as Américas com uma forma completamente estabelecida, mas as colônias foram se adaptando ao mesmo tempo em que as metrópoles. As “estações” ou “passos” no início eram marcados por cruces e com o passar do tempo as cenas foram crescendo nas representações dos personagens relacionados à Paixão de Cristo. No caminho são comumente inseridas quatorze cenas (preferencialmente múltiplas de sete), quantidade essa que foi fixada em 1731, pelo decreto papal de Bento XIV, e são:

1- Cristo condenado; 2-A entrega da cruz (a cruz lhe é dada); 3-A primeira queda; 4-O encontro com Maria; 5- A ajuda de Simão Cirineu; 6-O encontro com Verônica; 7-A segunda queda; 8-O encontro com as mulheres de Jerusalém; 9-A terceira queda; 10-A retirada da túnica (lhe é sacada a túnica); 11-A crucificação; 12-A morte na cruz; 13-O descendimento; 14-O enterro (Alston, v. 15, [1912], 2016 *apud* Souza, 2019, p. 25).

Moura (2022) pesquisando a Via Sacra ou Passos da Paixão de Portinari, pintados entre 1944-45, na Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte/MG, nos apresenta as 14 estações, representando cenas da condenação à crucificação e preferindo ao evangelho de João. Os nomes das respectivas estações são: 1- Jesus é condenado à morte, 2- Jesus carrega a cruz às costas, 3- Jesus cai pela primeira vez, 4- Jesus se encontra com Maria, sua mãe, 5- Simão Cireneu ajuda Jesus a levar a cruz, 6- Verônica enxuga o rosto de Jesus, 7- Jesus cai pela segunda vez, 8- Jesus consola as mulheres de Jerusalém, 9- Jesus cai pela terceira vez, 10- Jesus é despojado de suas vestes, 11- Jesus é pregado na cruz, 12- Jesus morre na cruz, 13- Jesus é descido da cruz, 14- Jesus é depositado no sepulcro. Elas são basicamente as mesmas, alterando apenas algumas palavras.

A obra de Portinari feita em meados do século XX está bem distante do realismo da pintura e escultura barroca da Paixão de Cristo, onde o objetivo de persuadir e convencer mostra ao fiel todo o dramatismo do teatro sacro da agonia e morte de Jesus no calvário. No entanto, mesmo se tratando de uma estética inspirada pelo modernismo vigente com influência do Cubismo de Picasso, o que aqui nos interessa é a análise dos respectivos passos e seus símbolos.

Brusadin (2014), em sua dissertação de mestrado, analisa as representações iconográficas dos altares da nave e suas respectivas esculturas da Paixão de Cristo da Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Ouro Preto/MG. Nos altares da nave estão: Cristo no Horto das Oliveiras ou Getsemani; Cristo da Prisão; Cristo da Flagelação ou Senhor da Coluna; Cristo Coroado de Espinhos, ou Senhor da Cana Verde ou Senhor da Pedra Fria; Cristo *Ecce Homo*, Eis o Homem; Cristo com Cruz às Costas ou Jesus Nazareno ou Senhor dos Passos: Cristo Crucificado.

O famoso e emblemático Conjunto dos Passos da Paixão, em Congonhas do Campo/MG, Figura 70, com grupos escultóricos esculpidos por Aleijadinho entre 1796 e 1799, estão distribuídos em seis capelas, que correspondem aos passos: da Ceia, Horto, Prisão, Flagelação e Coroação de Espinhos, Subida ao Calvário ou Cruz às costas e Crucificação.

Figura 70 - Vista geral do Conjunto dos Passos (Congonhas/MG)



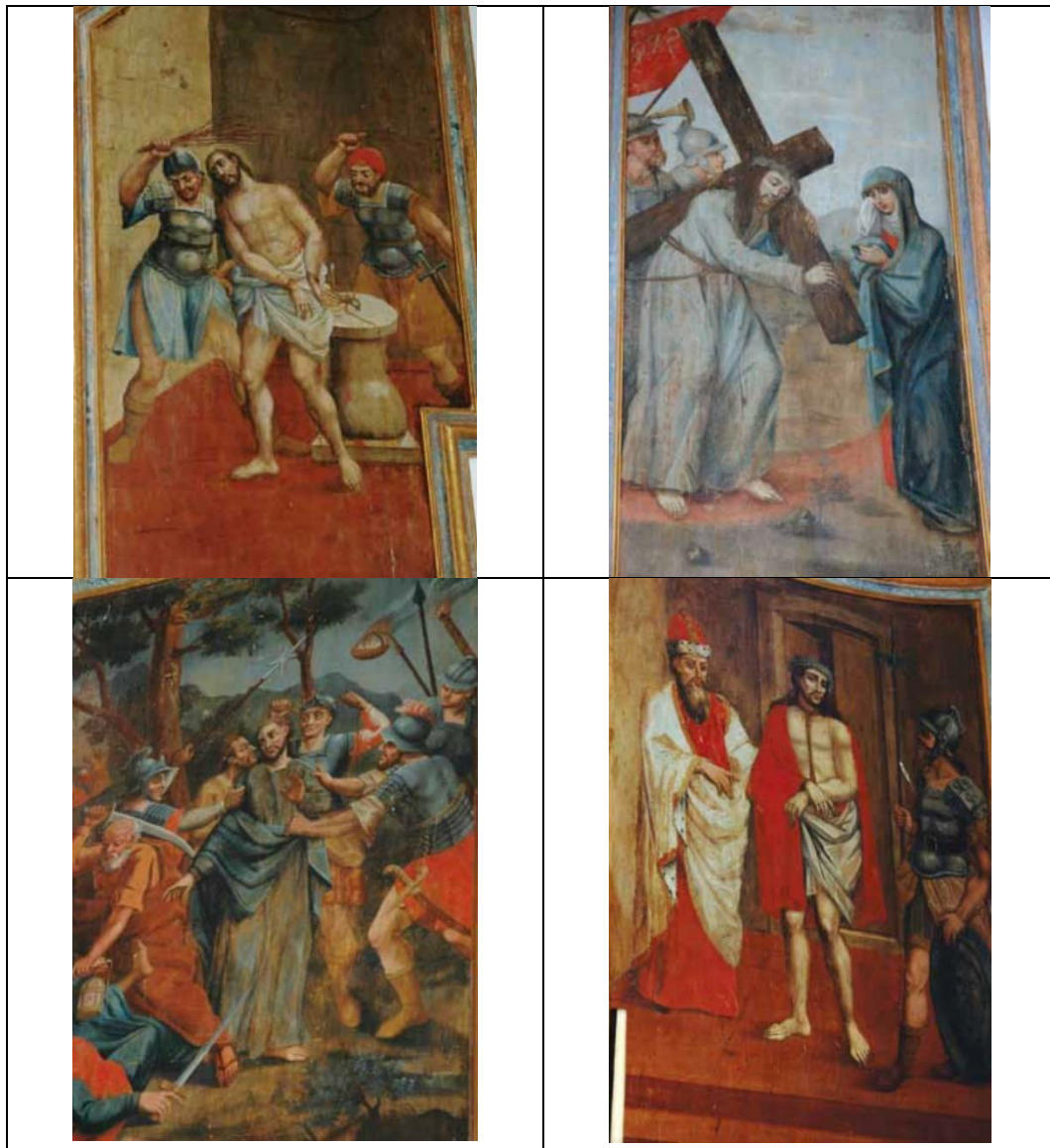
LEGENDA

1 - Ceia; 2 - Horto; 3 - Prisão; 4 - Flagelação e Coroação de Espinhos; 5 - Cruz às Costas; 6 - Crucificação.

Fonte: Google Earth, 2023p.

Myriam Ribeiro Oliveira (2011), no livro os Passos de Congonhas¹⁸ e suas restaurações, relata que a pesquisa iconográfica das cenas representadas foi primeiramente feita pelas cartelas que estão externamente nas capelas, que possuem citações dos evangelhos. “Observe-se que nem sempre há concordância exata entre as citações indicadas nas cartelas e as cenas representadas no interior das capelas”. A autora cita também a existência de 12 cenas da Paixão pintadas nas paredes da capela-mor por João Nepomuceno Ferreira e Castro, **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, entre 1778 e 1787, que possivelmente tenha influenciado Aleijadinho.

Figura 71 - Pinturas de João Nepomuceno e Castro, na capela-mor Santuário de Congonhas



¹⁸ As imagens dos Passos foram retiradas do livro Os Passos de Congonhas e suas restaurações (OLIVEIRA, 2011, p. 30 a 105).

Fonte: Fotografado por Izabel Chumbinho/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 30.

O primeiro é o **Passo da Ceia**, Figura 73, possui na cartela a inscrição em latim: *CAENANTIBUS / AUTEM EIS ACCEPIT / JESUS PANEM / HOC EST COR / PUS MEUM / S. MATH. CAP. 26 / v. 27* (Enquanto ceavam tomou Jesus o pão [e disse]: este é o meu corpo. Mateus, cap. 26, v. 27).(FIGURA 72).

Figura 72 - Cartela do Passo da Ceia



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 71.

Figura 73 - Passo da Ceia



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 72.

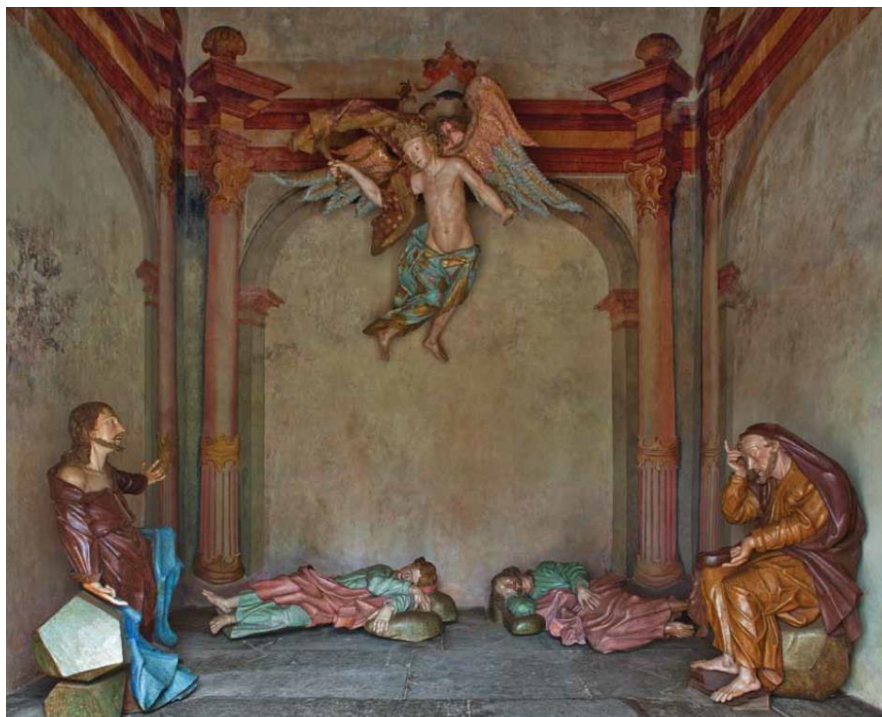
No segundo, o **Passo do Horto**, Figura 75, a inscrição é do evangelista Lucas: *ET FACTUS IN AG / ONIA. PROLIXIUS / ORABAT* (“E posto em agonia, orava mais insistentemente”, não constando o nome do evangelista e referência ao capítulo, 22, e versículo, 43). (FIGURA 74).

Figura 74 - Cartela do Passo do Horto



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 79.

Figura 75 - Passo do Horto



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 78.

O terceiro é o **Passo da Prisão**, Figura 77, tem inscrição do evangelista São Marcos: *TANQUAM. AD / LATRONEM. EXIS / TIS CUM LIGNIS COM / PREHENDERE ME* (“Como se eu fosse um ladrão, com [espadas e] varapaus viestes prender-me”) (FIGURA 76). Segundo Oliveira (2011), foi omitida a palavra *gladis* (espada) do texto original e a referência (Marcos, 14: 48). Apesar da inscrição da cartela relatar a passagem bíblica da prisão de Cristo, não é esta cena representada na capela e sim o episódio da cura de Malco, servo do sumo Pontífice de Jerusalém, descrito pelo evangelista São Lucas no capítulo 22, versículo 50 de seu evangelho. Embora os demais evangelistas tenham relatado a agressão de Malco, apenas o evangelista João cita o nome do agressor: Simão Pedro¹⁹ (João, 18:10).

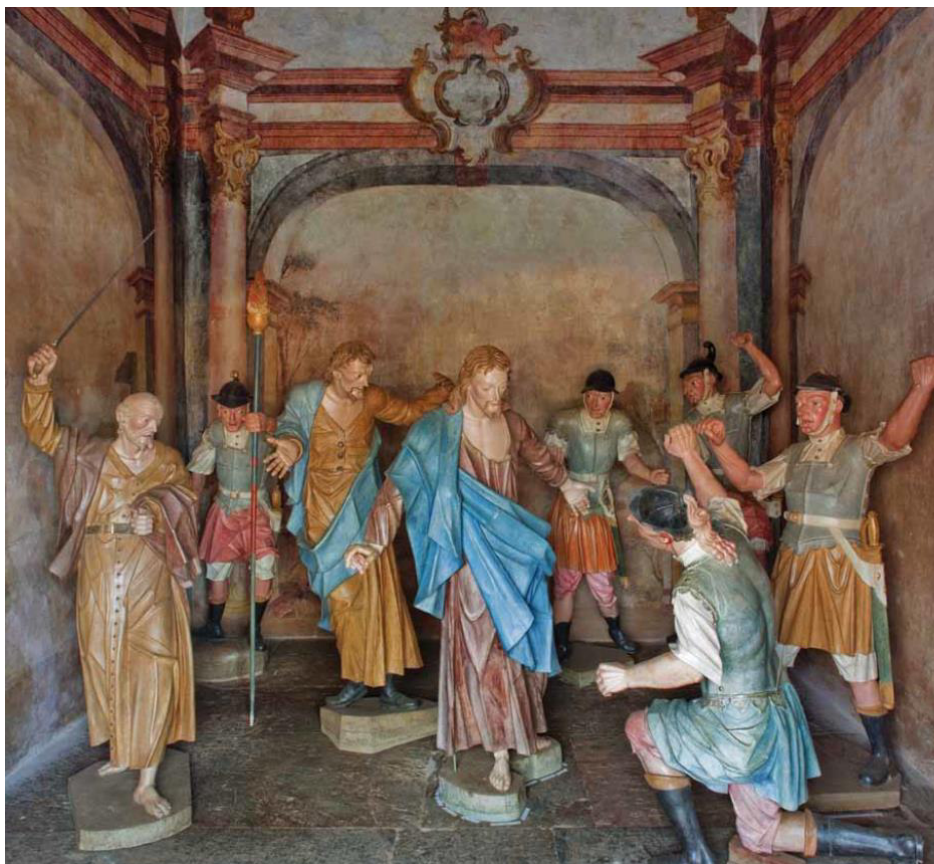
Figura 76 - Cartela do Passo da Prisão



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 82.

¹⁹ Apóstolo de Jesus Cristo e primeiro Papa da Igreja Católica.

Figura 77 - Passo da Prisão



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 80.

O quarto passo apresenta duas cenas: **Flagelação** e **Coroação de Espinhos**, Figura 79 e 80, e na cartela do passo há apenas a inscrição *ECCE HOMO* (“Eis o Homem”), Figura 78, com a indicação do evangelista São João e referência ao capítulo 19, sem indicação de versículo. Nenhuma das cenas representadas dentro do passo é mencionada na cartela como nos demais passos.

Figura 78 - Cartela do Passo da Flagelação e Coroação de Espinhos



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 90.

Figura 79 - Passo da Flagelação e Coroação de Espinhos (cena da flagelação)



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 86.

Figura 80 - Passo da Flagelação e Coroação de Espinhos (cena da coroação)



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 91.

O **Passo da Cruz as Costas** (quinto passo), Figura 82, apresenta em sua cartela a inscrição do evangelista João *BAJULANS. / SIBJ. CRUCEM. / S. JOAN. CAP. 19 / v. 17* (“Levando [ele próprio] sua cruz”) (FIGURA 81). A inscrição da cartela corresponde à cena representada no passo, já que é apenas no evangelho de São João que o próprio Cristo carrega sua cruz, sem a ajuda de Simão Cirineu (citado nos demais evangelhos).

Figura 81 - Cartela do Passo da Cruz-às-Costas



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 94.

Figura 82 - Passo da Cruz-às-Costas



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 65.

O sexto é o **Passo da Crucificação**, Figura 84, e na cartela há a inscrição *CALVARIUM / LOCUM UBI CRUCI / FIXERUNT EUM. ET / CUM EO ALIOS DUOS / HINC ET HINC / S. JOÃO. Cap. 19, v. 17 e 18* (“ao lugar que se chama Calvário, onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado”) (FIGURA 83). Podemos ver melhor os detalhes nas Figuras 85, 86 e 87, que se apresentam em sequência.

Figura 83 - Cartela do Passo da Crucificação



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 98.

Figura 84 - Passo da Crucificação



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 104.

Figura 85 - Passo da Crucificação (detalhe 1)



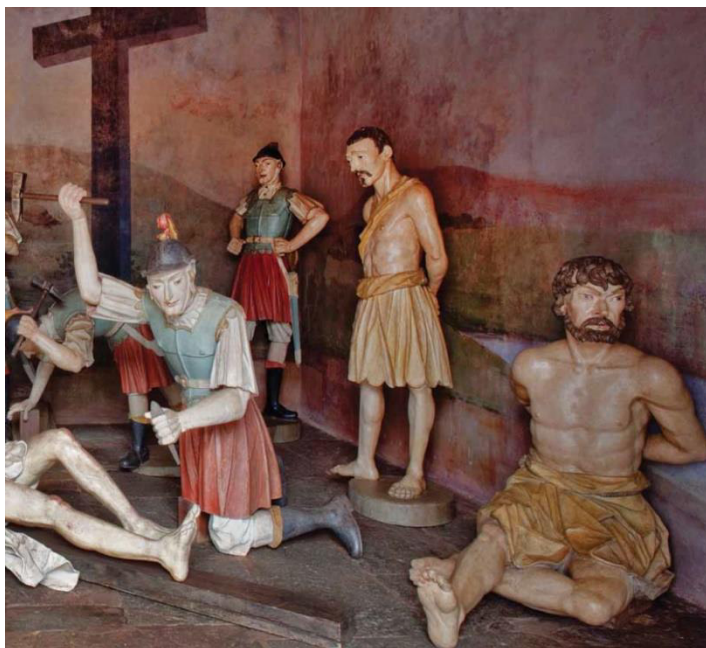
Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 104.

Figura 86 - Passo da Crucificação (Soldados lançam a sorte - detalhe 2)



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 104.

Figura 87 - Passo da Crucificação (O mau e o bom ladrão - detalhe 3)



Fonte: Fotografado por Nelson Kon/IEPHA, 2010 *apud* Oliveira, 2011, p. 104.

3.3 Pesquisa de campo e análise de dados

A partir do recorte estabelecido com os 15 Cruzeiros de Martírios pesquisados em Minas Gerais, vamos trabalhar com os símbolos encontrados neste conjunto estudado. Após a pesquisa de campo realizamos um quadro comparativo, **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, cruzando as informações, para determinar quais elementos foram encontrados em cada cruzeiro e, também, destacar os mais recorrentes e os mais raros, estabelecendo a existência de um programa em comum.

No contexto dos Cruzeiros de Martírios, a Cruz, assumindo uma configuração latina, surge como o elemento central, servindo como suporte para uma variedade de elementos simbólicos que representam a paixão. Dentro da iconografia da arte cristã, os motivos representados nos cruzeiros derivam inicialmente dos relatos bíblicos, sendo posteriormente transpostos para o domínio visual, proporcionando uma forma de compreensão visualmente acessível para evocar a memória da Paixão de Cristo.

Ao todo foram identificados 47 símbolos diferentes nos cruzeiros, ver Tabela 1 e **Erro! Fonte de referência não encontrada.** e destacamos os mais recorrentes que estão aqui representados em ordem alfabética: cálice, coroa de espinhos, cravos, escada, galo, lança, martelo, pano branco (pano de José de Arimatéia), placa (INRI), torquês, túnica e vara com

esponja. Estes 12 símbolos são representados de 12 a 15 vezes nos 15 cruzeiros (**Erro! Fonte d e referência não encontrada.**).

Tabela 1– Quantidade identificada de atributos nos Cruzeiros de Martírios

Nº	ATRIBUTO	QUANTIDADE IDENTIFICADA
1	ALABARDA	3
2	ÂMBULA (CIBÓRIO OU PÍXIDE)	1
3	ARCHOTE (TOCHA)	4
4	CÁLICE	13
5	CANA	8
6	CAVEIRA	3
7	CAVEIRA + TÍBIA	6
8	COLUNA	8
9	COMPASSO	4
10	COROA DE ESPINHOS	12
11	CRAVOS	12
12	DADOS	10
13	ENXADA	1
14	ESCADA	15
15	ESPADA	5
16	ESQUADRO	1
17	ESTANDARTE	1
19	FOICE	1
20	FORMÃO	1
21	GÁLEA (CAPACETE ROMANO)	3
22	GALO	14
23	HÓSTIA	4
24	INSTRUMENTO PARA AÇOITE	7
25	JARRO	4
26	JARRO + BACIA	3
27	LANÇA	12
28	LANTERNA	4
29	LIMA	1
30	MACHADO	5
31	MÃO	10
32	MARTELO	14
33	MOEDAS	4
34	OSSO	2
35	PALMA	3
36	PALMATÓRIA	2
37	PANO BRANCO (PANO DE JOSÉ DE ARIMATÉIA)	13
38	PANO DA VERÔNICA (SAGRADA FACE OU TOALHA SANTA)	8
39	PLACA (INRI)	15
40	PUNHAL	3
41	SAQUINHO (SACO DE JUDAS)	5
42	SERROTE	2
43	TALOCHA	1
44	TORQUÊS	15
45	TROMPETE	1
46	TÚNICA	13
47	VARA COM ESPONJA	12

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 88 – Cruzeiros de Martírios (atributos mais frequentes)

ATRIBUTOS	CÁLICE	COROA DE ESPINHOS	CRAVOS	ESCADA	GALO	LANÇA	MARTELO	PANO BRANCO	PLACA (INRI)	TORQUÊS	TÚNICA	VARA COM ESPONJA
CONTAGEM (Casa de Cultura Nair Mendes Moreira)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X
DATAS (Capela de Nossa Senhora da Conceição)	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
DIAMANTINA (Rua Rio Grandel)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
ITABIRITO (Capela de Nossa Senhora do Rosário)		X		X	X		X	X	X	X	X	
OURO BRANCO (Igreja Matriz de Santo Antônio)	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
OURO PRETO - CACHOEIRA DO CAMPO (Largo da Matriz)	X	X		X		X	X		X	X		X
OURO PRETO - GLAURA (Capela de Nossa Senhora das Mercês)	X	X		X	X	X		X	X	X	X	
SANTA BARBARA - BRUMAL (Capela de Nosso Senhor dos Passos)	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X
PRADOS (Igreja de Nossa Senhora da Penha de França)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO (Igreja Matriz de São Gonçalo)	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
SÃO JOÃO DEL REI (Igreja Matriz de Nossa Senhora das Mercês)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
SÃO JOÃO DEL REI (Morro da Forca)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
SERRO (Igreja de Nossa Senhora do Rosário)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
SERRO (Rua Sinval)			X	X	X		X	X	X	X	X	
TIRADENTES (Capela de São Francisco de Paula)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
TOTAL	13	12	12	15	14	12	14	13	15	15	13	12

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Figura 89 - Cruzeiros raros

ATRIBUTOS	ALABARDA	ÂMBULA (CIBÓRIO OU PÍXIDE)	CAVEIRA	ESQUADRO	ESTANDARTE	FACÃO	FOICE	FORMÃO	GA (CAP ROM
CONTAGEM (Casa de Cultura Nair Mendes Moreira)									
DATAS (Capela de Nossa Senhora da Conceição)				X					
DIAMANTINA (Rua Rio Grandel)		X							
ITABIRITO (Capela de Nossa Senhora do Rosário)	X		X						
OURO BRANCO (Igreja Matriz de Santo Antônio)									
OURO PRETO - CACHOEIRA DO CAMPO (Largo da Matriz)									
OURO PRETO - GLAURA (Capela de Nossa Senhora das Mercês)			X						
SANTA BÁRBARA - BRUMAL (Capela de Nosso Senhor dos Passos)									
PRADOS (Igreja de Nossa Senhora da Penha de França)						X			
SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO (Igreja Matriz de São Gonçalo)					X				
SÃO JOÃO DEL REI (Igreja Matriz de Nossa Senhora das Mercês)									
SÃO JOÃO DEL REI (Morro da Força)									
SERRO (Igreja de Nossa Senhora do Rosário)	X		X			X	X	X	
SERRO (Rua Sinval)	X								
TIRADENTES (Capela de São Francisco de Paula)									
TOTAL	3	1	3	1	1	2	1	1	

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Os outros símbolos encontrados, além dos já mencionados, foram: alabarda, âmbula (cibório ou píxide), archote (tocha), cana, caveira, caveira + tibia, coluna, compasso, dados, enxada, espada, esquadro, estandarte, facão, foice, formão, gálea (capacete romano), hóstia, instrumento para açoite, jarro, jarro + bacia, lanterna, lima, machado, mão, moedas, osso, palma, palmatória, pano da Verônica (Sagrada Face ou Toalha Santa), punhal, saquinho (saco de Judas), serrote, talocha e trompete.

Nos cruzeiros estudados há alguns símbolos que aparecem com menos frequência, quase que raramente, sendo eles: alabarda, âmbula (cibório ou píxide), caveira, enxada, esquadro, estandarte, facão, foice, formão, gálea (capacete romano), jarro + bacia, lima, osso, palma, palmatória, punhal, serrote, talocha (plaina manual) e trompete. Estes 19 símbolos estão em ordem alfabética e são representados de 1 a 3 vez nos 15 cruzeiros (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

Sobre a utilização de compasso, enxada, esquadro, foice, lima, machado e serrote não há uma ligação direta com as cenas da Paixão e levantamos a hipótese de uma “flexibilidade representacional” da *Arma Christi*, que são “camaleões semióticos” que através da ausência de Cristo utilizam os instrumentos que se expandem havendo um poder metonímico quando existe uma relação com ferramentas reais, possivelmente usadas “pelos leitores” da paixão, marcando a identidade pessoal ou da comunidade onde são representados (Cooper; Denny-Brown, 2014).

Figura 90 - Cruzeiros de Martírios (atributos raros)

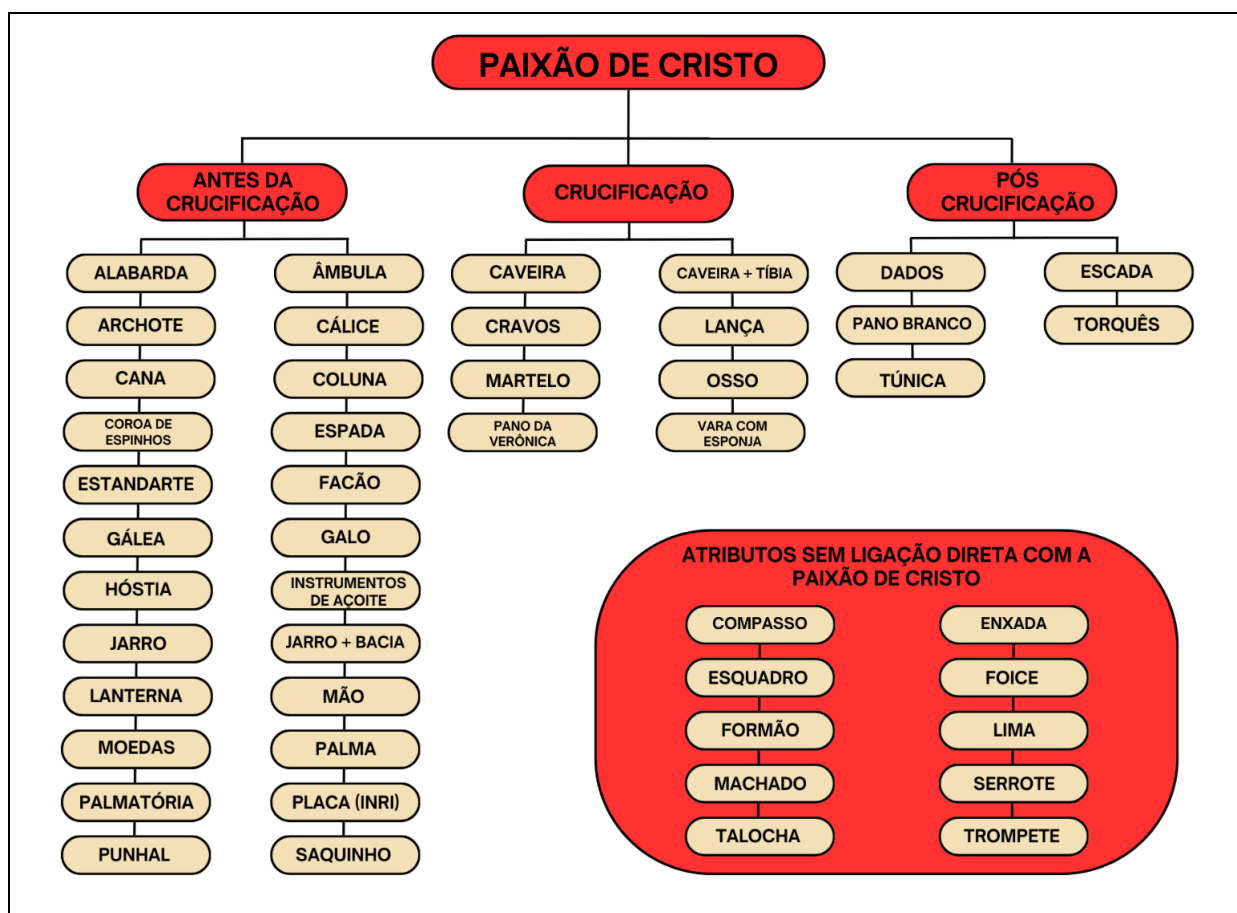
ATRIBUTOS	ALABARDA	ÂMBULA (CIBORIO OU PÍXIDE)	CAVEIRA	ESQUADRO	ESTANDARTE	FACÃO	FOICE	FORMÃO	GÁLEA (CAPACETE ROMANO)	JARRO + BACIA	LIMA	OSSO	PALMA	PALMATÓRIA	PUNHAL	SERROTE	TALOCHA	TROMPETE
CONTAGEM (Casa de Cultura Nair Mendes Moreira)																		
DATAS (Capela de Nossa Senhora da Conceição)				X					X			X			X			
DIAMANTINA (Rua Rio Grandel)		X							X	X			X	X				
ITABIRITO (Capela de Nossa Senhora do Rosário)	X		X															
OURO BRANCO (Igreja Matriz de Santo Antônio)										X			X		X			
OURO PRETO - CACHOEIRA DO CAMPO (Largo da Matriz)													X					
OURO PRETO - GLAURA (Capela de Nossa Senhora das Mercês)			X															
SANTA BARBARA - BRUMAL (Capela de Nosso Senhor dos Passos)															X			
PRADOS (Igreja de Nossa Senhora da Penha de França)						X										X		
SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO (Igreja Matriz de São Gonçalo)					X				X	X								
SÃO JOÃO DEL REI (Igreja Matriz de Nossa Senhora das Mercês)																		
SÃO JOÃO DEL REI (Morro da Forca)																		X
SERRO (Igreja de Nossa Senhora do Rosário)	X		X			X	X	X			X	X		X		X	X	
SERRO (Rua Sinval)	X																	
TIRADENTES (Capela de São Francisco de Paula)																		
TOTAL	3	1	3	1	1	2	1	1	3	3	1	2	3	2	3	2	1	1

Fonte: Daniela Ayala, 2023.

3.4 Símbolos, Representações e seus significados

De todos os símbolos encontrados nos Cruzeiros de Martírios em Minas Gerais podemos dividir em três grupos: **Antes da Crucificação, Crucificação e Pós Crucificação** (FIGURA 91).

Figura 91 - Fluxograma para compreensão da metodologia



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

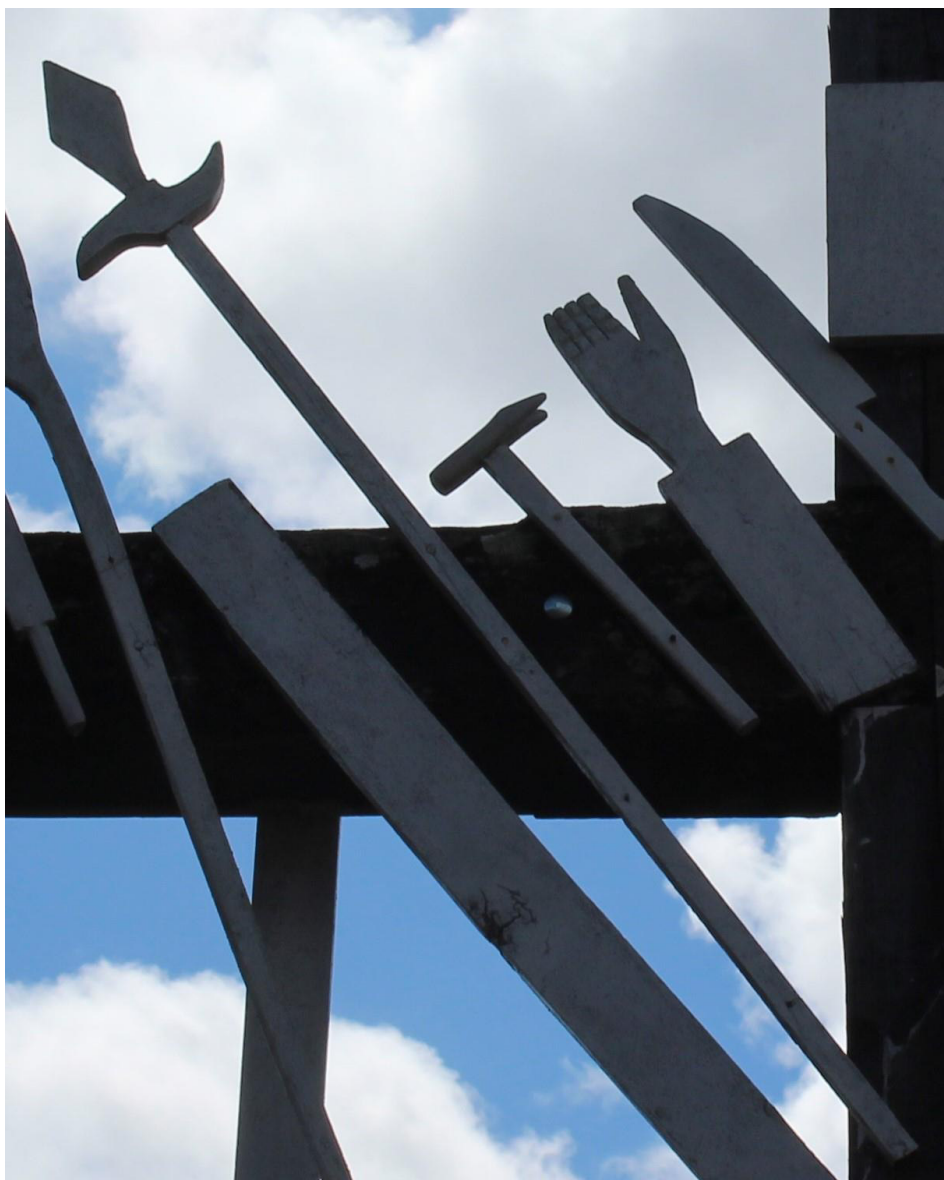
3.4.1 Antes da Crucificação

Para trabalharmos com os símbolos e seus significados vamos analisar os elementos que aparecem antes da crucificação e que remetem a Flagelação, Coroação de espinhos, Cruz às Costas rumo ao Calvário.

- **Alabarda**

Espécie de lança de longa haste, terminada em ferro largo e pontiagudo, atravessado por uma lâmina geralmente em forma de meia-lua ou de machado. A alabarda, Figura 92, se refere a artefato carregado pelos soldados romanos durante a crucificação de Cristo.

Figura 92 – Alabarda (Serro) - Igreja Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

- **Âmbula (Cibório ou Píxide) e Cálice (Santo Graal)**

O cálice aparece frequentemente em diversas passagens bíblicas, nos 4 evangelistas as referências são semelhantes. O evangelho de Mateus rememora o momento em que Jesus

reunido com seus discípulos na Ceia Pascoal anuncia que será o cordeiro sacrificado para a libertação do povo cristão. E, tomando um cálice e dando graças, deu a eles, dizendo:

Bebam dele todos, pois isto é o meu sangue da Aliança, que é derramado por muitos para perdão dos pecados. Eu lhes digo: De agora em diante, não beberei deste fruto da videira, até o dia em que beberei com vocês o vinho novo no Reino do meu Pai (Bíblia, 2015, Mt 26, 27-29).

E novamente é citado o cálice, Figura 93, na passagem onde Cristo e seus apóstolos se dirigem ao Horto das Oliveiras, num local chamado Getsemani, e lá um anjo olha para Jesus, conhecido por Anjo da Amargura, e ostentando o Cálice, o qual simboliza a paixão e morte de Cristo na cruz. E Jesus se prostou com o rosto por terra e rezou: “Meu Pai, se é possível, que se afaste de mim este cálice. No entanto, não seja como eu quero, e sim como tu queres”. [...] E se afastando de novo, Jesus rezou pela segunda vez: “Meu Pai, se não é possível que este cálice passe sem que eu o beba, seja feita a tua vontade” (Bíblia, 2015, Mt 26, 39, 42).

Figura 93 – Cálice (São Gonçalo do Rio Abaixo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Archote (tocha) e Lanterna²⁰**

O archote e a lanterna, Figura 94, auxiliaram os soldados romanos na caminhada à noite, quando da prisão de Jesus.

Judas, que o estava traindo, conhecia o lugar, porque muitas vezes Jesus se reunira aí com seus discípulos. Então Judas, conduzindo uma tropa de soldados romanos e alguns guardas dos chefes dos sacerdotes e dos fariseus, chegou ao jardim com lanternas, tochas e armas (Bíblia, 2015, Jo 18, 2-3,).

Figura 94 - Lanterna (São Gonçalo do Rio Abaixo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Cana**

Segundo o evangelista Mateus, os soldados romanos puseram na mão de Cristo uma cana como cetro real. A cana, Figura 95, também é conhecida como junco, planta graminácea perene, que no cristianismo significa o incansável amor de Deus.

Além da coroa de espinhos na cabeça, colocaram [...] na mão direita uma cana. E, dobrando o joelho diante dele, zombavam e diziam: “Salve, rei dos judeus”. E, cuspido em

²⁰ Temos também a lanterna de Malco ou lanterna de Judas - lanterna de mão em forma de caixa metálica na qual se coloca uma luz de azeite, querosene ou vela de cera, ao abrigo do vento para caminhar a noite. Segundo Poel (2013, p. 560), semelhante as utilizadas pelos soldados quando da prisão de Jesus Cristo. Malco é o nome do soldado romano, que teve a orelha cortada por Pedro; episódio narrado pelos evangelistas (Bíblia, 2015, João 18, 2-3. 10 e Lucas 22, 51).

cima dele, tiravam-lhe a cana e feriam-lhe com ela a cabeça (Bíblia 2015, Mt 27, 29-30). A cana ou vara simboliza o cetro real na zombaria.

Figura 95 - Cana (Prados - Vitorino Veloso)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Coluna para açoite e corda**

No evangelho de Mateus é narrada a passagem em que Jesus foi amarrado e açoitado “Então Pilatos soltou-lhes Barrabás, mandou açoitar Jesus e o entregou para ser crucificado” (Bíblia, 2015, Mt 27. 26). Nos relatos não fala em coluna, somente que Cristo foi flagelado e amarrado.

Segundo um relatório de viagem de 334, preservado em Bordeau (França), a coluna em que Cristo foi amarrado e açoitado, Figura 96, era guardada no monte Sião em Jerusalém (Knippenberg, 1980/1985 *apud* Poel, 2013). Desde 1223, esta coluna está exposta na igreja de Santa Praxedes, na capela de São Zenão em Roma.

Figura 96 - Coluna (São João del Rei)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Coroa de Espinhos**

A coroa de Espinhos, Figura 97, é um símbolo muito recorrente, segundo os evangelhos canônicos, os soldados teceram uma coroa de espinhos e puseram na cabeça de Jesus Cristo, como forma de zombaria. “Trançaram uma coroa de espinhos e puseram em sua cabeça, e uma

vara em sua mão direita. E se ajoelhavam diante dele e zombavam dizendo: ‘Salve, rei dos judeus!’ ” (Bíblia, 2015, Mt 27, 27- 30).

No cruzeiro da Igreja Matriz de São Gonçalo, a coroa de espinhos não aparece como um dos signos da Paixão de Cristo como se pode ver em outros exemplares de cruzeiro. Todavia, podemos observar a presença da coroa de espinhos no pano de Verônica.

Figura 97 - Coroa de Espinhos (Tiradentes)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Espada, Estandarte, Facão, Gálea (capacete romano) e Punhal**

A espada, o estandarte e a gálea, Figuras 98 até 100, se referem aos artefatos carregados pelos soldados romanos durante a crucificação de Cristo. Nas passagens bíblicas, são mencionados momentos em que Jesus percebe a chegada dos soldados romanos com espadas e paus (estandartes), dando entendimento de que ele seria um bandido. Segundo Lurker (2006), a espada é uma alusão simbólica aos sofrimentos que esperavam Maria, a Mãe do Senhor, a partir da profecia do velho Simeão.

Também, passagens bíblicas indicam o momento que Jesus pede aos seus discípulos que vendam os seus mantos para comprar espadas. Segundo Mckenzie (1983), se trata de uma alusão metafórica para que todos se preparassem para a luta.

Jesus ainda falava e logo chegou Judas, um dos Doze, e com ele uma multidão com espadas e paus. Vinham da parte dos chefes dos sacerdotes, doutores da Lei e anciãos. [...] Um dos que estavam presentes, puxando da espada, feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha. Jesus lhe respondeu dizendo:

“Vocês saíram para me prender com espadas e paus, como se faz a um bandido (Bíblia, 2015, Mc 14, 43, 47-48).

Outra passagem:

E eis que havia em Jerusalém um homem chamado Simeão. Este homem justo e piedoso esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava sobre ele. O Espírito Santo lhe havia revelado que ele não morreria sem antes ver o Messias do Senhor. Movido pelo Espírito Santo, ele foi ao Templo. Quando os pais levaram o menino Jesus para cumprir o costume da Lei a respeito dele, Simeão tomou a criança nos braços, louvou a Deus [...] Seu pai e sua mãe estavam admirados com o que diziam dele. Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe do menino: “Eis que este menino será causa de queda e reerguimento de muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição. Quanto a você, uma espada vai atravessar sua alma. E assim serão revelados os pensamentos de muitos corações (Bíblia, 2015, Lc 2, 25- 28, 33-35).

Figura 98 - Espada e Punhal (Datas)



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

Figura 99 – Estandarte (São Gonçalo do Rio Abaixo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

Figura 100 - Facão (Serro)



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

- **Galo**

Segundo Zilles (1990), o galo exerceu um simbolismo muito importante para o cristianismo. “Não só chama à penitência, à conversão e vigilância (o canto do galo para Pedro) mas também simboliza Cristo e seu pregador, que na noite do pecado vigia, voltando-se contra o vento, para anunciar o novo dia, a vida nova, ou seja, a ressurreição de Cristo” (Zilles, 1990, p. 42).

No evangelho de Marcos vemos a narrativa da negação de Pedro por três vezes:

Estando Pedro no pátio, veio uma das criadas do sumo sacerdote. Vendo Pedro, que se aquecia, olhou bem para ele e disse: “Você também estava com Jesus Nazareno”. Pedro negou, dizendo: “Não sei nem entendo o que você está dizendo”. E foi para fora, na entrada do pátio, e um galo cantou. Mas a criada o viu, e começou a dizer de novo para os que estavam aí: “Este é um deles”. Ele negou de novo. Pouco depois, os que estavam aí disseram de novo a Pedro: “Sem dúvida você é um deles, pois também é galileu”. Pedro começou a maldizer e a jurar: “Não conheço esse homem de quem vocês estão falando”. Imediatamente um galo cantou pela segunda vez. E Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe havia dito: “Antes que o galo cante duas vezes, você me negará três vezes”. E começou a chorar [...] (Bíblia, 2015, Mc 14, 66-72).

O galo, Figura 101, é também um emblema de Cristo, assim como a águia e o cordeiro. No entanto, recai sobre ele a ênfase no seu simbolismo solar: luz e ressurreição (Chevalier, Gheerbrant, 2016, p. 458).

Figura 101 - Galo (Ouro Preto - Glaura)



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

- **Hóstia**

Segundo Chevalier; Gheerbrant (2016, p. 497) a hóstia, Figura 102, designará toda vítima morta em sacrifício por uma grande causa, na esperança de vê-la triunfar. No cristianismo, Cristo, que teve seu corpo sacrificado e ressuscitado é representado e simbolizado pelo pão sem lêvedo em forma de disco fino (hóstia).

Figura 102 - Hóstia (Datas)



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

- **Instrumentos para Açoite**

Segundo os evangelistas Mateus e Marcos, Jesus Cristo foi açoitado (chicoteado) pelos soldados romanos.

“Então Pilatos soltou-lhes Barrabás, mandou açoitar Jesus e o entregou para ser crucificado” (Bíblia, 2015, Mt 27, 26).

“Então Pilatos, querendo agradar a multidão, soltou-lhes Barrabás. Mandou açoitar Jesus e o entregou para ser crucificado” (Bíblia, 2015, Mc 15, 15).

Apesar de não ser um símbolo comum na representação da Paixão de Cristo, associamos à palmatória, Figura 103, ao açoite. Em seu dicionário, Poel (2013) diz que a palmatória servia para castigar criminosos e/ou punir escravos fugitivos.

Figura 103 - Palmatória (Serro)



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

- **Jarro e Jarro + Bacia (FIGURA 104)**

Segundo Matheus, Jesus foi entregue a Pilatos sendo acusado de ser o Rei dos Judeus, e entre o preso Barrabás e Jesus Pilatos pergunta quem deve ser solto e [...] “Disseram todos: Seja Crucificado. Pilatos, vendo que nada conseguia, mas que cada era maior o tumulto; tomando água, lavou as mãos diante do povo, dizendo: Eu sou inocente do sangue desse justo” (Bíblia, 2015, Mt 27, 24).

Figura 104 - Jarro e Bacia (Ouro Branco)



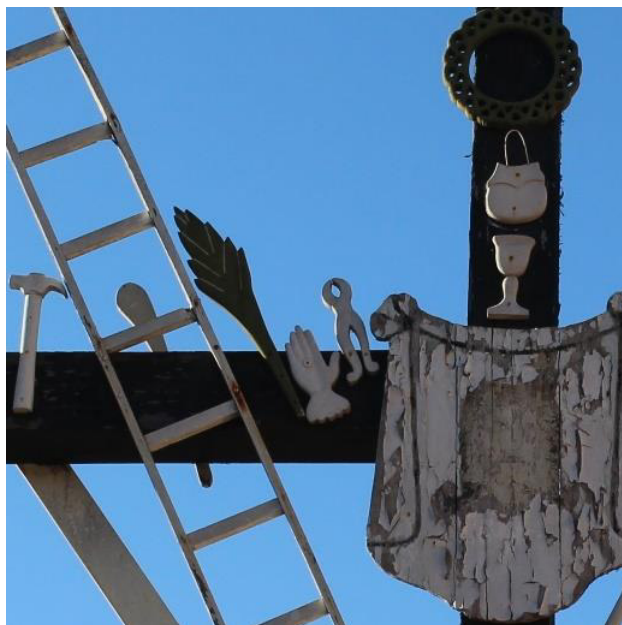
Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Mão**

Segundo Schenone (1998) citado por Brusadin, (2014), nos conta que em certas representações mais antigas e algumas atuais e populares eram feitas uma luva de metal ou mão, Figura 105, junto à pintura ou a imagem do Julgamento de Cristo para representar a bofetada. Tal representação simbolizava a entrevista de Jesus por Anás. No Brasil, não encontramos nenhum relato sobre esse tipo iconográfico.

“Colocaram nele um manto vermelho, iam ao seu encontro e diziam: ‘Salve, rei dos judeus!’[...] E lhe davam bofetadas [...]” (Bíblia, 2015, Jo 19, 2-3).

Figura 105 - Mão (Diamantina)

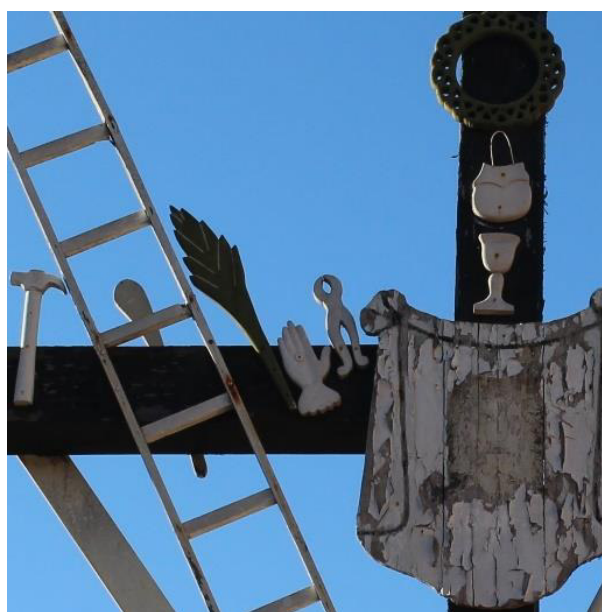


Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

- **Palma**

“Os ramos de palma do Domingo de Ramos, Figura 106, aludindo à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, prefigura a ressurreição para além da paixão e da morte. Os ramos de palma nas mãos dos mártires têm a mesma simbologia” (Heinz-Mohr, 1994, p. 270).

Figura 106 - Palma (Diamantina)



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

- **Placa (INRI)**

Pilatos escreveu em uma tabuleta em latim, Figura 107, grego e hebraico a inscrição “INRI” (Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum – Jesus de Nazaré Rei dos Judeus) para ser posta sobre a cruz de Jesus.

[...] conta-nos São João que Pilatos escreveu um letreiro e o colocou na cruz: “Jesus Nazareno, o rei dos judeus” (Jo 19, 19). São João diz que este letreiro estava escrito em hebraico, latim e grego e que muitos judeus o leram porque o lugar onde Jesus fora crucificado era próximo da cidade (Zilles, 1990, p. 69).

Figura 107 - Placa (São Gonçalo do Rio Abaixo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Saquinho (saco de Judas) e Moedas**

O discípulo Judas Escariotes, o traidor, era o responsável pela “bolsa” de dinheiro, Figura 108, e recebeu moedas de dinheiro para entregar Cristo. Na passagem da Paixão de Cristo relatada nos evangelhos canônicos, o saco não é citado.

Figura 108 - Saco de Judas (Ouro Branco)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

3.4.2 Crucificação

Segundo Antunes (2020), a representação do Cristo pregado à cruz foi uma cena que não surgiu após o fato histórico, sendo construída ao longo do tempo, primeiro através de símbolos depois “com o recrudescimento das perseguições religiosas cristalizou-se em uma imagem pictórica ou escultural, em que se destacaram a cruz romana e o homem cravado aos travessões de madeira que representava Jesus em sua pena de morte” (Antunes, 2020, p. 45).

Os símbolos que estão diretamente relacionados com a cena da crucificação são: caveira, caveira + tibia (osso), cravos, lança, martelo, osso, pano da Verônica (Sagrada Face ou Toalha Santa) e vara com esponja.

- **Caveira, Caveira + tibia (osso) e Ossos (FIGURA 109)**

“Chegaram a um lugar chamado Gólgota, que significa Lugar da Caveira” (Bíblia, 2015, Mt 27, 33). “E levaram Jesus ao lugar denominado Gólgota, que traduzido significa Lugar da Caveira” (Bíblia, 2015, Mc 15, 22). “Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, aí crucificaram Jesus e os malfeitores, um à direita e outro à esquerda” (Bíblia, 2015, Lc 23, 33). “Então eles pegaram Jesus, que saiu carregando a cruz, rumo ao chamado ‘Lugar da Caveira’, que em hebraico se diz ‘Gólgota’ ” (Bíblia, 2015, Jo 19, 16b-17).

Como era o tempo de preparação para a Páscoa, os judeus não queriam que os corpos ficassem na cruz durante o sábado. E esse sábado era muito importante para eles. Então pediram que Pilatos mandasse quebrar as pernas dos crucificados e que fossem retirados da cruz. Os soldados foram e quebraram as pernas de um e também do outro que tinham sido crucificados com Jesus. Quando se aproximaram de Jesus, viram que já estava morto; por isso, não lhe quebraram as pernas. [...] Essas coisas aconteceram para se cumprir a Escritura: “Nenhum osso dele será quebrado” [...] (Bíblia, 2015, Jo 19, 31-33, 36).

De acordo com o Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC, conta a lenda que quando Jesus Cristo agonizava na cruz no Monte Calvário, aconteceu uma grande tempestade. A erosão fez surgir alguns ossos humanos que foram considerados como sendo os ossos do bíblico Adão. Este fato nos lembra que Jesus é o novo Adão.

“O crânio aos pés da cruz de Cristo não alude ao ‘Lugar do Crânio’ ou Gólgota, mas ao crânio de Adão, pois, segundo a lenda, a cruz teria sido plantada sobre a sepultura de Adão, para indicar assim a continuidade cheia de tensão entre o primeiro e o segundo Adão” (Heinz-Mohr, 1994, p. 114).

Segundo levantamento feito pela autora, podemos encontrar nas seguintes passagens bíblicas a referência da palavra Gólgota: Mt 27, 33, Mc 15, 22, Lc 23, 33, Jo 19, 16b-17 e Jo 19, 31-33,36.

Figura 109 - Caveira e Tíbia (São Gonçalo do Rio Abaixo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Cravos**

Nos relatos bíblicos, Jesus Cristo foi crucificado com cravos, Figura 110, nas mãos e nos pés:

Os outros discípulos então lhe disseram: “Nós vimos o Senhor”. Tomé, porém, lhes disse: “Se eu não vir a marca dos pregos nas mãos dele, se eu não colocar o meu dedo na marca dos pregos, e se não colocar a minha mão no lado dele, eu não acreditarei (Bíblia, 2015, Jo 20, 25).

José de Arimatéia e Nicodemos são representados com os cravos da cruz de Cristo nas mãos, assim como a imperatriz Helena, que segundo a história os encontrou no Gólgota. Na alta Idade Média as representações de Cristo crucificado possuíam quatro cravos (Cristo teria tido seus pés pregados um ao lado do outro); a partir do século XIII em diante, as representações possuem três cravos (levantando a hipótese de que Cristo teve seus pés pregados um sobre o outro).

A forma da folha e do fruto da planta cravo, foi interpretada figurativamente como “cravo” (pregos). Desta forma a planta se tornou símbolo da Paixão de Cristo.

Figura 110 - Cravos (São Gonçalo do Rio Abaixo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017

- **Lança**

A lança, Figura 111, foi utilizada por um dos soldados para transpassar o Sagrado Coração de Jesus Cristo, dando assim, o golpe de misericórdia.

“Segundo lendas antiquíssimas, Longuinho é o nome tanto do centurião que disse se Jesus ‘verdadeiramente... o Filho de Deus’ (Bíblia, 2015, Mt 27, 54), como o soldado que transpassou com uma lança o coração de Jesus na cruz (Bíblia, 2015, Jo 19, 34)” (Poel, 2013).

Longino, um dos centuriões que vigiavam a cruz do Senhor por ordem de Pilatos, foi quem perfurou o flanco do Senhor com a lança, mas vendo os prodígios que então aconteceram – o sol ficou escuro e a terra tremeu – passou a acreditar em Cristo. Dizem que isso se deveu ao fato de algumas gotas do sangue de Cristo terem escorrido pela lança e caído em seus olhos, até então turvados por doença ou por velhice, e que imediatamente passaram a ver com nitidez (Varazze, 2003, p. 296).

Figura 111 - Lança (São Gonçalo do Rio Abaixo)

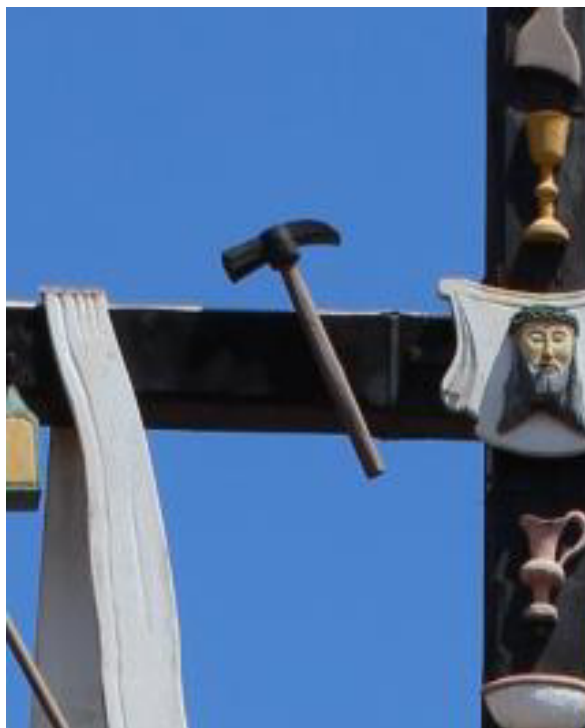


Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Martelo**

O martelo, assim como o torquês, Figura 112, não é citado em nenhuma passagem bíblica dos evangelhos canônicos. No entanto, sabemos que segundo relatos bíblicos Jesus Cristo foi crucificado com cravos nas mãos e nos pés. Segundo a crença popular, o martelo foi utilizado para bater nos cravos e prender os braços e os pés de Jesus Cristo na cruz.

Figura 112 - Martelo (São Gonçalo do Rio Abaixo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Pano da Verônica ou Sagrada Face ou Toalha Santa**

Seria a toalha usada por Verônica, Figura 113, para limpar o rosto de Jesus durante a via sacra. Pode ser chamado também de sagrada face ou toalha santa. O nome de Santa Verônica não consta na Bíblia.

Segundo Poel (2013), nas festividades da semana santa, um pano com a pintura do rosto de Jesus sofredor é mostrado para o público durante o canto da Verônica (assunto da sexta estação da via sacra). Diz o canto Anúncio do Paixão:

Se encontrou Jesus com Santa Verônica / sua face santa Verônica enxugou. / Ó caridade que Jesus agradeceu / pois seu retrato na toalha deixou. // Todo seu sangue das veias se esvaía / ficou seu rosto cor de bubina encarnada / a sua face desmaiada e denegrada / de receber cruelmente bofetadas (Poel, 2013, p. 400).

Figura 113 - Pano de Verônica (Diamantina)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Vara com esponja**

Segundo relatos bíblicos, Jesus teve sede e os soldados ensoparam uma esponja com vinagre e fincaram em uma vara, Figura 114, dando de beber para ele.

“Logo um deles correu, pegou uma esponja, a ensopou em vinagre e, prendendo-a numa vara, lhe dava de beber” (Bíblia, 2015, Mt 27, 48).

“Um deles correu para ensopar uma esponja em vinagre e, prendendo-a numa vara, dava-lhe de beber, dizendo: ‘Deixem! Vamos ver se Elias vem descê-lo’ ” (Bíblia, 2015, Mc 15, 36).

Depois disso, sabendo que tudo estava realizado, Jesus disse, para que se cumprisse a Escritura: “Tenho sede”. Havia por aí um jarro cheio de vinagre. Amarraram numa vara uma esponja ensopada de vinagre, e a levaram até a boca de Jesus (Bíblia, 2015, Jo 19, 28-29).

Figura 114 - Vara com esponja (São Gonçalo do Rio Abaixo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

3.4.3 Após a Crucificação

Neste item vamos analisar apenas os símbolos referentes à Crucificação e morte de Jesus na Cruz:

- **Dados**

Os quatro evangelistas relatam que os soldados jogaram a sorte (dados), Figura 115, para ver quem ficaria com a túnica de Jesus Cristo.

“Depois de crucificar Jesus, repartiram suas roupas tirando a sorte” (Bíblia, 2015, Mt 27, 35).

“Então o crucificaram e repartiram suas roupas sorteando para ver o que cada um levaria” (Bíblia, 2015, Mc 15, 24).

“Jesus dizia: ‘Pai, perdoa-lhes, porque eles não sabem o que estão fazendo’. Repartiram então suas vestes, sorteando-as” (Bíblia, 2015, Lc 23, 34).

“Então disseram uns aos outros: ‘Não vamos rasgá-la. Vamos tirar a sorte, para ver com quem vai ficar’. Assim se cumpria a Escritura que diz: ‘Repartiram minhas roupas e sortearam minha túnica’. Foi o que os soldados fizeram” (Bíblia, 2015, Jo 19, 24).

Figura 115 - Dados (São Gonçalo do Rio Abaixo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Escada**

José de Arimatéia e Nicodemos foram as pessoas responsáveis por retirar o corpo de Jesus da cruz. A palavra escada não aparece nos evangelhos. Todavia, no dito popular a mesma poderia ter auxiliado José de Arimatéia e Nicodemos a retirar o corpo de Jesus (FIGURA 116).

Figura 116 - Escada (Ouro Preto - Cachoeira do Campo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Pano Branco (Pano de José de Arimatéia)**

Acredita-se que o pano branco, Figura 117, tenha auxiliado José de Arimatéia e Nicodemos na descida do corpo de Jesus Cristo. O mesmo pano, depois serviu para envolver o corpo para o sepultamento.

O santo sudário é uma relíquia que alguns acreditam que foi o pano que envolveu o corpo de Jesus após sua morte. O sudário tem a imagem de um homem ensanguentado, com feridas parecidas com as de Jesus. A Bíblia não relata o que aconteceu com o pano que envolveu Jesus.

A Bíblia Sagrada apenas diz que o corpo de Jesus foi envolvido em panos. Após a sua ressurreição, os discípulos encontraram os panos dobrados dentro do túmulo vazio.

Figura 117 - Pano Branco (Diamantina)



Fonte: Fotografado pela autora, 2021.

- **Túnica**

Os soldados tomaram as vestimentas de Jesus Cristo e partiram-na em quatro partes, uma para cada. A túnica, Figura 118, que era tecida de alto a baixo e não possuía costura, os soldados não a rasgaram, mas deitaram sorte sobre ela para ver de quem seria a túnica. Desta forma, a Escritura se cumpria. “Assim se cumpria a Escritura que diz: “Repartiram minhas roupas entre si e sortearam minha túnica”. Foi o que os soldados fizeram.” (Bíblia, 2015, 1.297).

“Herodes, com seus soldados, tratou Jesus com desprezo e caçoou dele. Vestiu-o com uma roupa brilhante e o mandou de volta a Pilatos” (Bíblia, 2015, Lc 23, 11).

Quando crucificaram Jesus, os soldados repartiram as roupas dele em quatro partes, uma para cada soldado. Tomaram também a túnica. E a túnica não tinha costura; era feita de uma peça única, de cima até embaixo. Então disseram uns aos outros: “Não vamos rasgá-la. Vamos tirar a sorte, para ver quem vai ficar”. Assim se cumpria a Escritura que diz: “Repartiram minhas roupas entre si e sortearam minha túnica.” Foi o que os soldados fizeram (Bíblia, 2015, Jo 19, 23-24).

Figura 118 - Túnica (São Gonçalo do Rio Abaixo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

- **Torquês**

Jesus Cristo foi crucificado com cravos nas mãos e nos pés. José de Arimatéia foi a pessoa responsável por retirar o corpo de Jesus da cruz. Segundo a crença popular, a torquês, Figura 119, foi utilizada para arrancar os cravos que prendiam as mãos e os pés de Jesus Cristo na cruz.

Figura 119 - Torquês (Ouro Preto - Cachoeira do Campo)



Fonte: Fotografado pela autora, 2017.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Cruzeiros de Martírios são um bem patrimonial muito comum em Minas Gerais, mas isto não significa que sejam conhecidos e valorizados. Eles estão presentes em cidades históricas nas Minas, mas também em vários lugarejos sem visibilidade. Apesar dessa presença marcante, são como objetos invisíveis no cenário, talvez por suas características técnicas e estilísticas de caráter menos eruditos, ou por não estarem vinculados a grandes monumentos. Os Cruzeiros de Martírios até os dias de hoje, não mereceram por parte de pesquisadores a atenção desejada e esperamos que este trabalho incentive novos estudos.

Abordando a categorização dos nossos Cruzeiros de Martírios, não resta dúvida que fazem parte do rol de objetos da cultura material. Entretanto, analisando as definições existentes e diante de uma classificação necessária, o nosso objeto poderia ficar na categoria de Bem Material Imóvel, ou de Bem Integrado. Nos inventários existentes, por nós consultados, os cruzeiros são definidos como Bem Imóvel.

Diversas análises e discussões podem ser instigadas ao considerarmos a hipótese de os cruzeiros serem considerados bens materiais imóveis, intrinsecamente integrados à capela onde estão instalados. Contudo, é possível que sejam deslocados para outros locais, motivados por uma variedade de razões evidentes ou menos óbvias.

Além da ressignificação de um objeto ainda muito pouco estudado, não há dúvida que o princípio da indissociabilidade é pertinente, pois, além de sua materialidade, este objeto possui um valor para a comunidade que é detentora deste bem. Muitas pessoas podem ainda não ter conhecimento do que este objeto significou para seus devotos, que os construíram a séculos passados, ou a própria memória oral não se preservou, mas, de toda forma, deve haver um reconhecimento sobre a importância para a identidade cultural da comunidade que o preservou.

Durante a pesquisa do mestrado buscamos fazer uma revisão da literatura nacional, procurando referências sobre os Cruzeiros de Martírios, em Minas Gerais e no Brasil. Importante salientar que não encontramos estudos nos autores clássicos da história da arte brasileira e da arquitetura, tampouco pesquisas recentes. Este é um resultado pertinente de ser analisado e discutido. Por que nunca mereceram sequer uma monografia? Ou, por que não encontramos referências no meio acadêmico? Não encontrar referências é uma pergunta e será que a resposta estaria no caráter de “periferia” destes objetos?

Houve também uma preocupação de pesquisar a origem da representação dos Cruzeiros de Martírios, através da iconografia da arte cristã e levantamos a hipótese de uma ligação mais remota com as representações do *Arma Christi* na época medieval.

Arma Christi é uma reunião de símbolos que significa Armas de Cristo ou instrumentos da Paixão de Cristo. Esta coletânea de objetos relacionados à Paixão de Cristo foi um dos dispositivos iconográficos mais familiares da cultura medieval europeia e do início da modernidade, sendo representada ao longo da história em pinturas, esculturas, manuscritos e outros suportes materiais reconhecidos universalmente. São derivados primeiramente dos relatos bíblicos e manuscritos, para depois serem traduzidos para o campo das imagens, o que facilitava a compreensão para rememorar a Paixão de Cristo.

No trabalho foram levantados *in loco*, 43 Cruzeiros de Martírios nos seguintes municípios e distritos: Alto Caparaó, Alvinópolis (saída sentido Dom Silvério), Belo Horizonte, BR 135 – trevo de Curvelo, Caeté, Congonhas (Alto Maranhão), Contagem, Cordisburgo, Curvelo, Datas, Desterro de Entre Rios, Diamantina, Itabira (distrito de Serra dos Alves), Itabirito, Jequitibá, Lavras, Morro da Garça, Nazareno, Nova Lima e distrito de São Sebastião das Águas Claras, Nova União, Ouro Branco e distrito de Itatiaia, Ouro Preto e distritos de Cachoeira do Campo, Glaura, Lavras Novas e Santa Rita de Ouro Preto, Prados (distrito de Vitorino Veloso/Bichinho), Raposos, Santa Bárbara (distrito de Brumal), Santa Luzia (Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas e sede), São Brás do Suaçuí, São Gonçalo do Rio Abaixo e distrito de Santa Rita de Pacas, São João del Rei (Bairro Dom Bosco, Largo da Cruz, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Morro da Força e Paróquia Senhor Bom Jesus do Monte), Serro e Tiradentes.

A pesquisa fez um recorte selecionando deste grupo acima, 15 Cruzeiros de Martírios na rota da Estrada Real, dividida em quatro caminhos definidos a partir de percursos históricos, sendo eles: Caminho dos Diamantes (Datas, Diamantina, São Gonçalo do Rio Abaixo, Santa Bárbara e Serro); Caminho Novo (Ouro Branco e Ouro Preto – distrito de Cachoeira do Campo); Caminho Velho (Prados, São João del Rei e Tiradentes) e Caminho de Sabarabuçu (Contagem, Itabirito e Ouro Preto – distrito de Glaura).

A partir do recorte estabelecido, com os 15 Cruzeiros de Martírios, trabalhamos com tabelas comparativas cruzando as informações e obtendo resultados onde podemos destacar, por exemplo, os mais recorrentes, ou os mais raros, estabelecendo a existência de um programa iconográfico em comum.

Os Cruzeiros de Martírios possuem a cruz latina como o elemento principal, pois é nela que estão apoiados os diversos elementos que simbolizam a paixão. Sobre a materialidade, os

Cruzeiros de Martírios em Minas Gerais, em sua grande maioria, são em madeira, de grande porte e aproximadamente 18 metros de altura. Os elementos que ornaram os cruzeiros encontram-se dispostos uniformemente ao longo das duas hastes, a vertical (*stipes*), e a horizontal (*patibulum*), e são fixados por pregos metálicos. As cruces podem estar na madeira sem pintura, mas há algumas pintadas de azul, preto ou ocre. Todos os elementos (símbolos) encontrados fixados à cruz são de madeira. Os símbolos são geralmente representados em branco, com a exceção daqueles localizados em Glaura, que possuem coloração diversificada. Notavelmente o galo, único elemento não confeccionado em madeira, é predominantemente plano e produzido em metal, com a exceção de uma representação tridimensional entre os exemplares.

O Cruzeiro de Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto/MG, é uma exceção pois é feito em pedra, se assemelhando mais aos modelos dos cruzeiros dos conventos franciscanos no litoral. Terá este cruzeiro alguma ligação com as tipologias franciscanas?

Selecionamos os cruzeiros na rota da Estrada Real, com maior completude dos seus elementos, visto que há exemplares que possuem dissociação de seus símbolos. O cruzeiro do martírio com o melhor estado de conservação é o do adro da Igreja Matriz de São Gonçalo, em São Gonçalo do Rio Abaixo/MG. O que possui o maior número de elementos, 33 símbolos, é o cruzeiro localizado à frente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Serro/MG.

Os Cruzeiros de Martírios em Minas Gerais são uma forma de representação da Paixão de Cristo como a Via Sacra, os Passos da Paixão representados em Capelas de Sacro Montes, Passos de Rua, Passos da Paixão em altares de igrejas e teatro da Semana Santa. Porém, de todas estas representações, os Cruzeiros de Martírios são mais simplificados, pois falam da Paixão somente através da cruz e de seus símbolos. Todos são exercícios de piedade cristã e de compaixão meditando sobre a Paixão de Cristo.

Ao todo foram encontrados 47 símbolos diferentes nos cruzeiros estudados e destacamos os mais recorrentes representados em ordem alfabética: cálice, coroa de espinhos, cravos, escada, galo, lança, martelo, pano branco, placa (INRI), torquês, túnica e vara com esponja. Estes 12 símbolos são representados de 12 a 15 vezes nos cruzeiros selecionados.

Os outros símbolos encontrados além destes são: âmbula (cibório ou píxide), archote (tocha), cana, caveira, caveira + tibia (ossos), chicote (açoite), coluna, compasso, enxada, espada, esquadro, estandarte, facão, frasco, foice, galea (capacete romano), hóstia, jarro, jarro + bacia, lanterna, lima, lua, machado, mão, moeda, osso, palma, palmatória, punhal, pano de Verônica, saquinho, serrote, talocha e trompete.

Nos cruzeiros estudados existem alguns símbolos que aparecem com menos frequência, quase que raramente, sendo eles: alabarda, âmbula (cibório ou píxide), caveira, enxada,

esquadro, estandarte, facção, foice, formão, gálea (capacete romano), jarro + bacia, lima, osso, palma, palmatória, punhal, serrote, talocha (plaina manual) e trompete. Estes 19 símbolos estão em ordem alfabética e são representados de 1 a 3 vez nos cruzeiros selecionados.

Sobre a utilização do compasso, enxada, esquadro, foice, formão, lima, machado, serrote, talocha (plaina de mão) e trompete não há uma ligação direta com as cenas da Paixão e levantamos a hipótese de uma “flexibilidade representacional” da *Arma Christi*, que são “camaleões semióticos” que através da ausência de Cristo utilizam os instrumentos que se expandem havendo um poder metonímico, quando existe uma relação com ferramentas reais, possivelmente usadas “pelos leitores” da paixão, marcando a identidade pessoal ou da comunidade onde são representados. Na pesquisa não foi possível aprofundar na historicidade dos cruzeiros relacionado a suas capelas e mesmo sua imaterialidade, mas levantamos a hipótese de que os símbolos: compasso, enxada, esquadro, serrote, e talocha possam ser usados como representação de ferramentas que foram usadas simbolicamente para confecção da cruz de Cristo ou se são símbolos de uma identidade local de marceneiros e/ou carpinteiros.

Encontramos nos símbolos da Paixão a narrativa dos evangelhos definida em imagens que relatam o caminho de Cristo rumo ao Calvário, a crucificação e a descendo da cruz. E para comprovar definimos os símbolos em três momentos, que são “antes da Crucificação”, a própria “Crucificação” e “após a crucificação”.

Desta forma entender o significado e a função destes objetos é o primeiro passo para sua valorização, divulgação e reconhecimento como parte da identidade do povo mineiro.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Dalva de. *Crux crucis crucifixus: o universo simbólico da cruz*. São Paulo: Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2011. Catálogo de exposição, 11 mar./22 maio 2011, MAS-SP.

ANTUNES, Isis de Melo Molinari. *Marfim, in natura e lavrado, no Inventarium Maragnonense (1760) com ênfase na representação do Cristo crucificado*. Orientadora: Maria Regina Emery Quites. 2020. 420 f. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

ARTOUT. *Juízo final: Michelangelo*. [S. l.]: Meks, c2023. Disponível em: <https://artout.com.br/juizo-final-michelangelo/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, [Belo Horizonte]: Fundação João Pinheiro, 1979.

AZZI, Riolando. A paixão de Cristo na tradição luso-brasileira. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 209, p. 114-149, mar. 1993.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956. (Volume 1).

BECKER, Udo. *Dicionário de símbolos*. 2. ed. Tradução: Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2007.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral-Paulus: São Paulo, 2015.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português e latino*. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, v. 8, 2 supl., 1712-1728.

BOGÉA, Kátia. Apresentação. In: IPHAN. *Caderno Iphan 2018*. Brasília: IPHAN, 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/publicacao_politica_do_patrimonio.pdf. Acesso em: 12 maio 2023.

BOHRER, Alex Fernandes. *Imaginário da paixão de Cristo: cultura artística e religiosa nos séculos XVIII e XIX no Alto Rio das Velhas*. 2004. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2004.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27 abr. 2023.

BRASIL. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio

histórico e artístico nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em 3 jul. 2022.

BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença. *Os Cristos da paixão da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto (MG)*. Orientadora: Maria Regina Emery Quites. 2014. 260 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. A cruz e crucifixos em acervos mineiros. *Boletim do CEIB*, Belo Horizonte: CEIB, v. 19, n. 61, jul. 2015. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/boletimceib/index.php/boletimdoceib/article/view/93/76>. Acesso em: 25 abr. 2023.

CARSALADE, Flávio. Bem. In: REZENDE, Maria Beatriz *et al* (org.). *Dicionário IPHAN de patrimônio cultural*. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

CARVALHO, Meynardo Rocha de. A cruz e a religiosidade popular no Brasil colônia. *Boletim do Ceib*, Belo Horizonte, v. 10, n. 34, 1-6, jul. 2006.

CASAGRANDE, Vera Lúcia Membrive. *Sabedoria da cruz de Cristo em 1Cor 1,17-25*. Orientador: Vicente Artuso. 2013. 164 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola de Educação e Humanidade, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 29. ed. Tradução: Vera da Costa e Silva *et al*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (org.). *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COOPER, Lisa H.; DENNY-BROWN, Andrea. *The Arma Christi in medieval and early modern material culture*. Londres: Routledge, 2014.

ETZEL, Eduardo. *Arte sacra popular brasileira: conceito, exemplo, evolução*. São Paulo: Melhoramentos, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Edésio. Semana santa traz os velhos tempos da fé: veja a programação desta segunda. *Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 mar. 2018. Seção Gerais. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/03/26/interna_gerais,946728/semana-santa-traz-os-velhos-tempos-da-fe-veja-a-programacao-de-hoje.shtml. Acesso em: 28 jan. 2023.

GLADYS religiosos. *O símbolo do Tau, seu significado e história*. São Paulo: Gladys®, c2021. Disponível em: <https://www.blog.gladysreligiosos.com.br/tau-significado/>. Acesso em: 9 mar. 2023.

GEOESCRITA. *Mapas editáveis: Minas Gerais*. [S. l.]: Igor O Ribeiro, c2020. Disponível em: <https://www.geoescrita.com.br/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro adro da capela de Nossa Senhora da Conceição: Datas (MG)*. Mountain View: Google, [c2022a]. Disponível em: https://earth.google.com/web/search/Datas,+MG/@-18.45069229,-43.65806185,1259.6899442a,482.95432646d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCfwIKcyQ_zNAEeAnyEjS_jHAGb-exinV1jhAIZFIMDG28ILAOgMKATA. Acesso em: 18 fev. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro adro da Igreja Matriz de São Gonçalo: São Gonçalo do Rio Abaixo (MG)*. Mountain View: Google, [c2023b]. Disponível em: https://earth.google.com/web/search/Rua+Augusto+Pessoa,+no+151+-+Niter%c3%b3i,+S%c3%a3o+Gon%c3%a7alo+do+Rio+Abaixo+-+MG/@-19.82649458,-43.36098288,645.68155107a,169.4020954d,35y,-0h,0t,0r/data=CigiJgokCX9KJGco_DPAEYNs_Km6_TPAGWpUI5tQuUXAIc2ijv0ru0XAOgMKATA. Acesso em: 2 abr. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro adro da Capela de São Francisco de Paula: Tiradentes (MG)*. Mountain View: Google, [c2023c]. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Prmorro+de+s%c3%a3o+francisco+tiradentes+mg/@-21.10870548,-44.17490136,903.45290332a,252.31554178d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCTlgx72O6DPAEfl6r14O6zPAGclAJUkNCKbAITzEltUADUbaOgMKATA>. Acesso em: 29 set. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro adro da Capela de Nossa Senhora do Rosário: Itabirito (MG)*. Mountain View: Google, [c2023d]. Disponível em: https://earth.google.com/web/search/Rua+Tr%c3%aas+de+Outubro,+28+-+Tombadouro,+Itabirito+-+MG/@-20.25184072,-43.80960225,943.49770578a,133.82247552d,35y,-0h,0t,0r/data=CigiJgokCVacwkB4SzTAEQxZtI9yTTTAGYMTaMn_0EXAIctkBFNX00XAOgMKATA. Acesso em: 24 set. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro da Capela do Nosso Senhor dos Passos: Santa Bárbara, (MG).– Distrito de Brumal (MG)*. Mountain View: Google, [c2023e]. Disponível em: https://earth.google.com/web/search/Santa+B%c3%a1rbara+%e2%80%93+Distrito+de+Brumal+-+Capela+do+Nosso+Senhor+dos+Passos+Rua+Cleves+de+Faria/@-19.98806066,-43.45502622,742.36383214a,339.9163679d,35y,-0h,0t,0r/data=CscBGpwBEpUBCiMweGE0NDdkYTAxM2FkNDImOjB4NzdiMTIxMTNIMGi4NzY5NRiIOzoJAP0zwCGS_C2mPrpFwCpcU2FudGEgQsOhcmJhcmEg4oCTIERpc3RyaXRvIGRIIEJydW1hbCAgQ2FwZWxhIGRvIE5vc3NvIFNlbnhvcjBkb3MgUGFzc29zIFJlYSBDbGV2ZXMGZGUgRmFyaWEYAIAiABIYKJAILQmQjejwywBHpNJCSbz4ywBlm7p6B8pFwCHK3bDbSc1FwDoDCgEw. Acesso em: 21 mar. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro adro da Casa de Cultura Nair Mendes Moreira: Contagem (MG)*. Mountain View: Google, [c2023f]. Disponível em: https://earth.google.com/web/search/Pra%c3%a7a+Vereador+Josias+Bel%c3%a9m+-+Sede+-+Contagem,+MG/@-19.91331518,-44.09005158,936.28464953a,784.57981686d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCOPF_lxJPzTAEXJ6zC-EQTTAGfUNMYuE5kXAIVaZz0Uo6UXAOgMKATA. Acesso em: 7 out. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França*: Distrito de Vitorino Veloso (Bichinho) - Prados (MG). Mountain View: Google, [c2023g]. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Vitorino+Veloso+Pra%C3%A7a/@-21.10206623,-44.1172744,923.07869776a,112.09326752d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCRcoDowZFjXAEXXP7Pr8FzXAGQrXS1r7DkbAIU9UHsw6EUbAOgMKATA>. Acesso em: 8 jun. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro da Igreja de Nossa Senhora das Mercês*: São João del Rei (MG). Mountain View: Google, [c2023h]. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Igreja+de+Nossa+Senhora+das+Merc%C3%AAs+-+Rua+Ant%C3%B4nio+Cirino+Rodrigues+-+Alto+das+Merc%C3%AAs,+S%C3%A3o+Jo%C3%A3o+del+Rei+-+MG/@-21.1338667,-44.2638466,936.98488175a,782.04745653d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCdcHURM-EjXAETEbhA4fMzXAGU2a8BX8D0bAIRGDe0AmN0bAOgMKATA>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário*: Serro (MG). Mountain View: Google, [c2023i]. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Rua+do+Ros%C3%A1rio,+Serro+-+MG/@-18.60593643,-43.37714619,820.41454128a,205.6838343d,35y,-0h,0t,0r/data=CigiJgokCSvPnqv90jPAEe0uyJ0s1DPAGZq7B92BrUXAIXqQtYLnkXAogMKATA>. Acesso em: 26 mar. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro da Igreja Matriz de Santo Antônio*: Ouro Branco (MG). Mountain View: Google, [c2023j]. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Ouro+Branco,+MG+Igreja+Matriz+de+Santo+Ant%C3%B4nio+Pra%C3%A7a+da+Santa+Cruz/@-20.52101636,-43.69317299,1039.86991729a,609.6322838d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCYkvX6zCgTTAEaYtBYn8hjTAGReK6-yN1kXAIW88FXPA3EXAOgMKATA>. Acesso em: 17 maio 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro da rua Rio Grande*: Diamantina (MG). Mountain View: Google, [c2023k]. Disponível em: https://earth.google.com/web/search/Rua+Rio+Grande,+Diamantina+-+MG/@-18.24006514,-43.59486951,1138.73611843a,210.35196505d,35y,0.00000001h,0t,0r/data=CocBG10SVwoiMHhhZW15MDQyYWIwNGMxZDoweGYyM2U4ZjhjMmI3M2QyNxlUe8ffrD0yWCFw-O6gI8xFwCofUnVhIFJpbyBHcmFuZGU5IERpYW1hbnRpbmEgLSBNRxcGIAEiJgokCZNoKe_KbzLAEXSuC04CdJLAGXFbRA870UXAIYPSr0SC2EXAOgMKATA. Acesso em: 11 mar. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro da rua Sinval*: Serro (MG). Mountain View: Google, [c2023l]. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Rua+Sinval+-+Serro,+MG/@-18.60596051,-43.38742052,800.09480766a,51.8755756d,35y,0h,0t,0r/data=CoABGIYSUAojMHhhZWUzY2FIMGMzNmJhOToweDgxOTA5ZjJiNzMxMjk3ZDIzYyX6IduaMsAhxq04i82xRcAqF1J1YSBTaW52YWwgIC0gU2Vycm8sIE1HGAIGASImCiQJnm6P-1-aMsARu-llqxqcMsAZYpISBpawRcAhL53fx5yyRcA6AwoBMA>. Acesso em: 1 abr. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro do largo da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré*: Distrito de Cachoeira do Campo - Ouro Preto (MG). Mountain View: Google, [c2023m]. Disponível em:

<https://earth.google.com/web/search/Cachoeira+do+Campo+Igreja+Matriz+de+Nossa+Senhora+de+Nazar%c3%a9/@-20.34620567,-43.67010184,1070.18829553a,213.67662944d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCRpS-GHgYjTAEQdn-USzTAGcxH80CBvkXAISvypyjxEXAOgMKATA>. Acesso em: 30 maio 2022.

GOOGLE Earth.: *Cruzeiro Morro da Forca*: São João del Rei (MG). Mountain View: Google, [c2023n]. Disponível em: https://earth.google.com/web/search/Pra%c3%a7a+Dr.+Guilherme+Milward+-+Bonfim,+S%c3%a3o+Jo%c3%a3o+del+Rei+-+MG/@-21.1406242,-44.2575907,948.14496517a,781.9924999d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCfaq1KLMijXAEYua_x_kiJXAGdOxlQbqIUbAISnerInjJUbaOgMKATA. Acesso em: 3 ago. 2022.

GOOGLE Earth. *Cruzeiro Praça das Mercês*: Distrito de Glaura - Ouro Preto (MG). Mountain View: Google, [c2023o]. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Pra%c3%a7a+das+Merc%c3%aas+-+Glaura,+Ouro+Preto+-+MG/@-20.29866673,-43.64195421,1067.66764123a,294.53321452d,35y,-0h,0t,0r/data=CigiJgokCYFUwmC-IjXAEXZQ83ZBJTXAGWhkFtt5H0bAIZDcuZt3IkBAOgMKATA>. Acesso em: 18 nov. 2022.

GOOGLE Earth. *Vista geral do Conjunto dos Passos*: (MG). Mountain View: Google, [c2023p]. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/+Congonhas,+MG/@-20.50756285,-43.86155175,936.57221395a,971.13075148d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCau6U1L9GjXAEWm68eWqHDXAGbdat3tjFUBAlbumSOJiF0bAOgMKATA>. Acesso em: 24 jan. 2023.

HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos símbolos*: imagens e sinais da arte cristã. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994.

INSTITUTO ESTRADA REAL. *Mapa da estrada real*. Belo Horizonte: Instituto Estrada Real, c2021-2023a. Disponível em: https://files.institutoestradaareal.com.br/images/public/mapa_estrada_real.jpg. Acesso em: 14 nov. 2023.

INSTITUTO ESTRADA REAL. *Roteiros planilhados*: caminho dos diamantes. Belo Horizonte: Instituto Estrada Real, c2023b. Disponível em: <https://institutoestradaareal.com.br/roteiros-planilhados/caminho-dos-diamantes/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

INSTITUTO ESTRADA REAL. *Roteiros planilhados*: caminho novo. Belo Horizonte: Instituto Estrada Real, c2021-2023c. Disponível em: <https://institutoestradaareal.com.br/roteiros-planilhados/caminho-novo/>. Acesso em: 31 out. 2023.

INSTITUTO ESTRADA REAL. *Roteiros planilhados*: caminho velho. Belo Horizonte: Instituto Estrada Real, c2021-2023d. Disponível em: <https://institutoestradaareal.com.br/roteiros-planilhados/caminho-velho/>. Acesso em: 30 set. 2023.

INSTITUTO ESTRADA REAL. *Roteiros planilhados: caminho do Sabarabucu*. Belo Horizonte: Instituto Estrada Real, c2021-2023e. Disponível em: <https://institutoestradaREAL.com.br/roteiros-planilhados/caminho-do-sabarabucu/>. Acesso em: 13 set. 2023.

LUCÍA GÓMEZ-CHACÓN, Diana. *Arma Christi*. Base de datos digital de iconografía medieval. Madri: Universidad Complutense de Madrid, 2017. Disponível em: <https://www.ucm.es/bdiconografiamedieval/arma-christi>. Acesso em: 24 jul. 2023.

LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. 2. ed. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 2006.

MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. 12. ed. Tradução: Álvaro Cunha *et al.* São Paulo: Paulus, 2015.

MEISTERDRUCKE. *Homem das dores com instrumentos da paixão*. Villach: Meisterdrucke, c2023. Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Lorenzo-Monaco/274371/Homem-das-Dores-com-instrumentos-da-Paix%C3%A3o%2C-1404-%28t%C3%AAmpera-no-painel%29.html>. Acesso em: 9 fev. 2024.

MINAS GERAIS. Lei nº 13.173 de 20 de janeiro de 1999. *Dispõe sobre o Programa de Incentivo ao Desenvolvimento do Potencial Turístico da Estrada Real*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 20 de janeiro de 1999. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/13173/1999/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MOURA, Maria Tereza Dantas. *Os passos da paixão de Portinari da Igreja da Pampulha vistos através da história da arte técnica*. Orientadora: Alessandra Rosado. 2022. 161 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro. *Os passos de Congonhas e suas restaurações*. Brasília, DF: IPHAN, 2011.

ORTIZ, Tono. *Batistério de São João*. Toscânia: Museus de Florença, c2013-2023. Disponível em: <https://www.museusdeflorenca.com/baptisterio-de-sao-joao/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

PÍLULAS litúrgicas/Wikimedia Commons. *Anjos da ponte Santangelo em Roma*. [S. l.]: Pílulas litúrgicas, 2021a. Disponível em: <https://pilulasliturgicas.blogspot.com/2021/02/os-anjos-da-ponte-santangelo-em-roma.html#more>. Acesso em: 13 out. 2023.

PÍLULAS litúrgicas/Wikimedia Commons. *A devoção aos instrumentos da paixão do Senhor (Arma Christi)*. [S. l.]: Pílulas litúrgicas, 2021b. Disponível em: <https://pilulasliturgicas.blogspot.com/2022/03/a-devocao-aos-instrumentos-da-paixao-do.html>. Acesso em: 16 fev. 2023.

PINTEREST. *Cruz egípcia: cruz Ansata ou Ankh*. [S. l.]: Waufen, 2020. Disponível em: <https://www.waufen.com.br/blog/significados-cruz-egipcia-ansata-ankh/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

POEL, Francisco van der. *Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba: Nossa Livraria, 2013.

RENGER, Friedrich E. A origem histórica das estradas reais nas Minas Setecentistas. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de.; VILLALTA, Luiz Carlos (org.). *História de Minas Gerais: as Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, Companhia do Tempo, 2007. v. 1. p. 127-137.

RIBEIRO, Fernando. *Alminhas, nichos, cruzeiros e afins: Rebordondo*. Chaves: Blog Chaves, [c2023]. Disponível em: <https://chaves.blogs.sapo.pt/alminhas-nichos-cruzeiros-e-afins-2635611#backtotop>. Acesso em: 26 de set. 2023.

ROSA, João Guimarães. *O grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

RÖWER, Basílio. *Dicionário litúrgico: para uso dos revmo, clero e dos fiéis*. 3. ed. aum. Petrópolis: Editora Vozes, 1947.

SANTOS, Ângelo Oswaldo de Araújo. Introdução. In: CENTRO DE ARTE POPULAR. *Virgílio Rios: o ofício da madeira*. [Belo Horizonte]: Centro de Arte Popular, 2017. (Circular Publicitária).

SCHNEIDER, Anderson/IPHAN. *Praça São Francisco: São Cristóvão (SE)*. [S. l.]: Wikimedia Commons, 2005. Disponível em: [https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Pra%C3%A7a_S%C3%A3o_Francisco_-_S%C3%A3o_Crist%C3%B3v%C3%A3o_\(SE\).jpg](https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Pra%C3%A7a_S%C3%A3o_Francisco_-_S%C3%A3o_Crist%C3%B3v%C3%A3o_(SE).jpg). Acesso em: 21 maio 2023.

SOUZA, Vanessa Taveira. *Passos de rua: cenários religiosos urbanos em Tiradentes e São João del Rei (MG)*. Orientadora: Maria Regina Emery Quites. 2019. 186 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

TOLEDO, Benedito Lima de. Do séc. XVI ao início do séc. XIX: maneirismo, barroco e rococó. In: ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. (Volume 1).

UNESCO. *Convenção de Haia: convenção para a proteção dos bens culturais em caso de conflito armado*. Haia: UNESCO, 14 maio 1954.

UNESCO. *Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. Paris: UNESCO, 17 out. 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA. *Diretrizes para normalização de trabalhos acadêmicos*. 2. ed. Belo Horizonte: Biblioteca Universitária - Sistema de Bibliotecas da UFMG, 2023.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea*. Tradução Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VIEIRA, Sara Catarina Nunes. *Alminhas e cruzeiros: uma experiência de inventário em Lousada*. Orientador: Nunes Resende. 2019. 168 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2019.

ZILLES, Urbano. *A significação dos símbolos cristãos*. 3. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.